

ISSN: 2178-1044

HISTÓRIA EM CURSO

CADERNO DE
RESUMOS



APOIO:



REALIZAÇÃO:



PUC Minas



FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Encontro Nacional de Historiadores do Esporte (2. : 2020 : Belo Horizonte, MG)

E56c Caderno de resumos do II Encontro Nacional de Historiadores do Esporte [recurso eletrônico] / Organização de Euclides de Freitas Couto ... [et al.]. Belo Horizonte: PUC-MG, 2020.
160 p.

Realizado pelo Departamento de História da PUC Minas e Programa de Pós-Graduação em História da UFSJ nos dias 12 a 14 de agosto de 2020.

ISSN: 2178-1044

1. Esportes - História - Congressos. 2. Eventos esportivos - História. 3. Futebol - História. 4. Universidades e faculdades - Pesquisa. I. Couto, Euclides de Freitas. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de História. III. Título.

CDU: 796

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva – CRB 6/2086



Euclides de Freitas Couto, Jacyra Antunes Parreira, Marcus Vinícius Costa Lage,
Raphael Rajão Ribeiro, Sarah Teixeira Soutto Mayor, Thiago Carlos Costa (Org.)

II ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIADORES DO ESPORTE

Caderno de Resumos do II Encontro Nacional de Historiadores do Esporte

1ª Edição

Belo Horizonte
2020



Belo Horizonte
12 a 14 de agosto de 2020

PUC Minas

Grão-Chanceler

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor

Prof. Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Chefe de Gabinete

Prof. Paulo Roberto de Sousa

Diretora do ICH

Prof.^a Carla Ferretti Santiago

**Chefe de Departamento e Coordenadora
do Curso de História**

Prof.^a Jacyra Antunes Parreira

UFSJ

Reitor

Prof. Marcelo Pereira de Andrade

Vice-Reitora

Prof.^a Rosy Iara Maciel de Azambuja Ribeiro

Chefe de Gabinete

Cristiane Medina Finzi Quintão

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Stênio Nunes Alves

Coordenador do PGHIS

Prof. Euclides de Freitas Couto

Realização

Comissão Organizadora do II Encontro Nacional de Historiadores do Esporte
Departamento de História – PUC Minas
Programa de Pós-Graduação em História – UFSJ



Coordenação Geral

PROF. DR. EUCLIDES DE FREITAS COUTO (UFSJ)

Comissão Organizadora

PROF^a. MS. JACYRA ANTUNES PARREIRA (PUC MINAS)

PROF. DR. MARCUS VINÍCIUS COSTA LAGE (UFMG)

PROF. MS. RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO (MHAB/FMC)

PROF^a. DR^a. SARAH TEIXEIRA SOUTTO MAYOR (UFJF/CAMPUS GV)

PROF. MS. THIAGO CARLOS COSTA (UFMG)

Comissão Científica

PROF. DR. ANDRÉ MENDES CAPRARO (UFPR)

PROF. DR. CLÉBER DIAS (UFMG)

PROF. DR. CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR (UFBA)

PROF. DR. ELCIO CORNELSEN (UFMG)

PROF. DR. EUCLIDES DE FREITAS COUTO (UFSJ)

PROF. DR. FLÁVIO DE CAMPOS (USP)

PROF. DR. JOÃO MANUEL MALAIA CASQUINHA SANTOS (UFSM)

PROF. DR. LUIZ CARLOS RIBEIRO (UFPR)

PROF. DR. RAFAEL FORTES SOARES (UNIRIO)

PROF. DR. SÉRGIO SETTANI GIGLIO (UNICAMP)

PROF. DR. SILVIO RICARDO DA SILVA (UFMG)

PROF. DR. VICTOR ANDRADE DE MELO (UFRJ)

Equipe Ludopédio

ENRICO SPAGGIARI

MARCEL DIEGO TONINI

MARCO ANTUNES DE LIMA

MARCO LOURENÇO

MAX ROCHA

RAUL ANDREUCCI

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

SÉRGIO SETTANI GIGLIO

VICTOR DE LEONARDO FIGOLS

Equipe de Apoio

FERNANDA MENDES SANTOS

LETÍCIA COSTA MARCOLAN

MARIANA BRESCIA CRUZ

Editoração

MATEUS ROQUE DA SILVA



Apoio Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi – PUC Minas

FABIANA MARQUES DE SOUZA – CRB 6/2086

Apoio Agência PUC – Núcleo de Comunicação Digital – Secretaria de Comunicação PUC Minas

MARCELO DOMINATO



Apresentação	8
Programação completa	9
Dia 1 12 de agosto de 2020 Sala 1 – História Puc Minas	
Sessão: Literatura, Oralidade e Esporte.....	15
Sessão: Representações visuais do esporte.....	33
Dia 1 12 de agosto de 2020 Sala 2 – Ludopédio	
Sessão: Eventos esportivos e perspectivas internacionais.....	45
Sessão: Esporte e institucionalização.....	55
Dia 2 13 de agosto de 2020 Sala 1 – História Puc Minas	
Sessão: Imprensa e representações do esporte.....	69
Sessão: esporte e Gênero.....	80
Dia 2 13 de agosto de 2020 Sala 2 – Ludopédio	
Sessão: Futebol, cidade e organização esportiva.....	91
Sessão: Futebol e profissionalismo.....	103
Dia 3 14 de agosto de 2020 Sala 1 – História Puc Minas	
Sessão: Futebol, torcidas e identidade.....	111
Sessão: Comunicação de Graduandos.....	124
Dia 3 14 de agosto de 2020 Sala 2 – Ludopédio	
Sessão: Esporte e produção histórica.....	138
Sessão: Comunicação de Graduandos.....	148



APRESENTAÇÃO

O movimento intelectual que deu os contornos da história do esporte no país como uma área de estudos na década de 1990 caracterizou-se pela interdisciplinaridade e pela influência de diversas matrizes teóricas que foram incorporadas ao campo historiográfico. Em seguida, entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, um passo importante para a consolidação do campo de estudos consistiu na abertura de ambientes de debate para a história do esporte em eventos científicos da área de Educação Física e, posteriormente, na História. É bem provável que essas iniciativas tenham originado a raiz transdisciplinar do campo de estudos da História do Esporte.

Nessa toada, o Encontro Nacional de Historiadores do Esporte foi criado com o objetivo de reunir, em anos pares, os pesquisadores que frequentam bienalmente, nos anos ímpares, o Simpósio Temático História do Esporte e das Práticas Corporais no âmbito do Simpósio Nacional de História. A iniciativa tem duas motivações. Primeiro, uma avaliação positiva das atividades do ST História do Esporte/ANPUH, que vem se reunindo a cada dois anos desde 2003. Tais encontros têm sido cada vez mais interessantes e ricos; avaliamos que a qualidade média dos trabalhos também tem crescido. Em segundo lugar, atender a demanda de uma nova possibilidade de encontro dos pesquisadores e discussão de suas investigações, de forma que, após o encontro realizado em anos ímpares, não esperemos dois anos para nos reunirmos novamente.

Comissão Organizadora do II Encontro Nacional de Historiadores do Esporte



PROGRAMAÇÃO COMPLETA

DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

Sala 1 – Canal História PUC Minas ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Literatura, oralidade e esporte (Coordenação de Caio Lucas Morais Pinheiro)

- ✓ Olhares sobre Futebol e Literatura na América Latina – Álvaro Vicente do Cabo e André Alexandre Guimarães Couto
- ✓ Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros – Elcio Loureiro Cornelsen
- ✓ “Eu sou o primeiro jogador de futebol negro revolucionário”: uma entrevista com o rebelde Paulo César Lima – Marcel Diego Tonini
- ✓ A prática do futebol feminino na cidade de Guanambi-BA: história de vida de mulheres inseridas no meio esportivo – Nivalda Pereira Coelho
- ✓ Os bastidores de uma pesquisa: a trajetória profissional do professor Nagib Matni e a gênese da ESEFPA – Carmen Lilia da Cunha Faro

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Representações visuais do esporte (Coordenação de Elcio Loureiro Cornelsen)

- ✓ Fernando Pieruccetti e a invenção modernista do futebol mineiro – Marcelino Rodrigues da Silva
- ✓ O esporte no Álbum Ilustrado e no Guia Ilustrado de Santa Maria – Richard Nozário da Silva Prestes
- ✓ As bicicletas de Leônidas da Silva: um estudo fotográfico – Diana Mendes Machado da Silva
- ✓ O Futebol no Cinema Nacional – O Estado da Arte – Luiz Carlos Ribeiro de Sant'ana
- ✓ As práticas esportivas, o nacionalismo e o trabalhismo nas telas de João Carriço. Uma biografia do amigo do povo. – Renata Venise Vargas Pereira

[19h às 21h] – Conferência de abertura

Profissão e esporte

- ✓ A precarização do trabalho no Brasil contemporâneo – Prof^ª. Dr^ª. Ângela de Castro Gomes
- ✓ “Do dom à profissão”: vinte anos depois – Prof. Dr. Arlei Sander Damo



DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

Sala 2 – Canal Ludopédio ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Eventos esportivos e perspectivas internacionais (Coordenação de João Manuel Casquinha Malaia Santos)

- ✓ Os Jogos do Centenário (Rio de Janeiro, 1922) e os Jogos Bolivarianos (Bogotá, 1938): uma análise comparativa – Eduardo de Souza Gomes
- ✓ Do mar a piscina: Campeonato sul americano de polo aquático na cidade do Rio de Janeiro (1919) – João Paulo Maciel de Azevedo
- ✓ O Nordeste em Manchete: os estádios de futebol em revista – Rodrigo Carrapatoso de Lima
- ✓ Manuel Vázquez Montalbán e o espectro político barcelonista – Euclides de Freitas Couto
- ✓ A nova rota do futebol: estratégias do "dragão asiático" e suas implicações na geopolítica dos esportes – Raul de Paiva Oliveira Castro

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Esporte e institucionalização (Coordenação de Flávia da Cruz Santos)

- ✓ História do turfe e escravidão: possibilidades e perspectivas – Marcelo Rezende Ricci
- ✓ Os Primórdios do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador – Danilo Raniery Alves Freire e Luan Alves Machado
- ✓ O esporte em São João Del-Rei na década de 1940: da fundação da Liga Municipal de Desportos às práticas esportivas locais – Vinicius Eduardo Leite Batista
- ✓ A construção da ginástica em academia e sua prática em Salvador entre 1975 a 1988 – Amanda Azevedo Flores
- ✓ Constituição da teia paraesquestre: ações iniciais do hipismo brasileiro em Jogos Paralímpicos – Ester Liberato Pereira



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020

Sala 1 – Canal História PUC Minas ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Imprensa e representações do esporte (Coordenação de Diana Mendes Machado da Silva)

- ✓ Bola dividida: Futebol e Publicidade no Estado Novo (1937-1945) – Thiago Oliveira Braga
- ✓ Futebol, Ditadura e Identidade Nacional: Revistas Estádio e Placar em perspectiva comparada (1973-1985) – Hugo da Silva Moraes
- ✓ Futebol-arte e mulatismo: Placar e a figura de Pelé na Copa de 1970 – João Pedro Prado Mercês Lázaro
- ✓ “Verde e preto sagrado...”: notas sobre a criação e monumentalização da camisa do América – Marcus Vinícius Costa Lage
- ✓ Surfe, lazer e segregação nas praias da África do Sul (1976-1991) – Rafael Fortes

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Esporte e Gênero (Coordenação de Marcel Diego Tonini)

- ✓ “O espírito são deve ter um corpo são”: a construção do corpo e da moral nas propagandas do diário esportivo Jornal dos Sports (1931-1941) – Kelen Katia Prates Silva
- ✓ A garota da capa: diálogos com a trajetória de Aura Ribeiro Mendes no Esporte e na Educação física Sul-Rio-Grandense (1946-1980) – Janice Zarpellon Mazo, Tuany Defaveri Begossi e Vanessa Bellani Lyra
- ✓ “Em posição de impedimento”: as relações entre o discurso médico e a imprensa em um contexto de proibição do futebol feminino (1965-1979) – Victor Hugo Gonçalves Batista
- ✓ A construção do corpo feminino no esporte: da fragilidade ao “fitness” – Sarah Carine Gomes Aragão
- ✓ O uso dos processos judiciais trabalhistas como fonte da história do esporte e de Gênero – Jéssica Martins Pereira



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020

Sala 2 – Canal Ludopédio ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Futebol, cidade e organização esportiva (Coordenação de Victor de Leonardo Figols)

- ✓ A rua, a luta e o lúdico: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 - 1920) – André Luiz Rodrigues Carreira
- ✓ Um trem chamado futebol: ruralidade, ambivalências e a história de uma nova prática nos sertões das Gerais – Daniel Venâncio de Oliveira Amaral
- ✓ Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930): marcas de um futebol negro e operário em Rio Grande/RS – Christian Ferreira Mackedanz
- ✓ Ligas dos Subúrbios do Rio de Janeiro: a Associação Athletica Suburbana – Glauco José Costa Souza
- ✓ Os clubes dos bancários paulistanos: o caso da A.A.B.B.-SP e do Satélite Futebol Clube (1934-1945) – Gabriela Marta Marques de Oliveira

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Futebol e Profissionalismo (Coordenação de Eduardo de Souza Gomes)

- ✓ Aspectos Econômicos da Profissionalização do Jogador de Futebol: caso Fluminense Futebol Clube e Clube Atlético Paulistano – Renato Lanna Fernandez
- ✓ Sportsmen vs. Footballers: os homens que recusaram a profissionalização – Gabriel Estrella D'Ávila
- ✓ Bangu Athletic Club e o seu processo de profissionalização através do espaço (1910 – 1933) – Marcelo Viana Araujo Filho
- ✓ Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre na primeira metade do século XX – Miguel Enrique Almeida Stédile
- ✓ Um circuito da várzea em Belo Horizonte: transformações do futebol na capital mineira entre as décadas de 1940 e 1950 – Raphael Rajão Ribeiro

[19h às 21h] – Lançamento de livros e projetos editoriais

- ✓ "Editora Ludopédio" – projeto apresentado por Marco Lourenço
- ✓ "O jogo das letras: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do Jornal dos Sports (1931-1941)" – livro de Kelen Katia Prates Silva
- ✓ "Pé-frio: futebol e neve no Brasil" – livro de Henrique Porto
- ✓ "O Futebol na Ciências Humanas no Brasil" – livro organizado por Sérgio Settani Giglio e Marcelo Weishaupt Proni, com apresentação de Sérgio Settani Giglio, Euclides de Freitas Couto e João Manuel Casquinha Malaia Santos



DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020

Sala 1 – Canal História PUC Minas ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Futebol, torcidas e identidade (Coordenação de Álvaro Vicente do Cabo)

- ✓ Torcedoras: representações na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX (1916-1923) – Taiane Anhanha Lima
- ✓ O Galícia Esporte Clube e a Identidade – Pedro Camargo Rodrigues Uzêda
- ✓ O novo ciclo das torcidas organizadas no Brasil: o estilo barra brava – Elias Costa de Oliveira
- ✓ Futebol e Resistência: a resignificação do torcer por movimentos de torcedores do Estado de São Paulo (2013-2018) – Guilherme Pontes Silveira
- ✓ A guinada antifascista nas ondas do mar das torcidas: Ultras Resistência Coral e insurreição clubística – Caio Lucas Morais Pinheiro

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Graduandos (Coordenação de André Alexandre Guimarães Couto)

- ✓ “Goleiro negão sempre falha!” – racismo e futebol brasileiro – Alexandre Vinicius Nicolino Maciel
- ✓ Pedro Capenga, Clássico do pote, práticas e representações: coisas do futebol da Bahia nos anos 1930 – José Eliomar dos Santos Filho
- ✓ Ditadura argentina e o futebol: as comemorações da Copa e os prejuízos históricos – João Paulo Ferreira e Samuel de Gois Vida
- ✓ A tabela entre futebol e política: futebol e as Diretas Já! nos editoriais da revista Placar (1982-1984) – Andre Luis Domingos
- ✓ O futebol no Estado Novo: perspectivas de uma estratégia política – Letícia Marcela e Mariana Tavares
- ✓ Entre narrativas: a Seleção Brasileira de 1982 – Letícia Costa Marcolan



DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020

Sala 2 – Canal Ludopédio ([link](#))

[13:30 às 16h] – Sessão de apresentação de comunicações

Esporte e produção histórica (Coordenação de Ester Liberato Pereira)

- ✓ Patrimônio esportivo no Brasil: um tema quase ausente – Flávia da Cruz Santos
- ✓ Os usos públicos do passado e a urgência de discussões sobre história pública no esporte – João Manuel Casquinha Malaia Santos
- ✓ Boxe, Pugilismo, Nobre-Arte e o Jogo do Soco: como se escreve a história do boxe no Brasil (1924- 2017) – Jônatas Marques Caratti
- ✓ História Oral e Educação Física: uma análise em produções no campo da Memória – Marlon Messias Santana Cruz
- ✓ O futebol no Simpósio Temático de História do Esporte na Anpuh: um balanço entre os anos de 2003 a 2019 – Victor de Leonardo Figols

[16h às 18:30] – Sessão de apresentação de comunicações

Graduandos (Coordenação de Rafael Fortes)

- ✓ Inclusão e resistência: a homofobia no futebol brasileiro – Wendell Lima Eller de Souza
- ✓ Um estudo sobre futebol e gênero: torcida organizada Maré Vermelha e sua atuação na cidade de Santa Maria – Eduardo Bortolotti Silveira
- ✓ Galoucura e Máfia Azul- A Trajetória das Principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte – Bernardo Ferreira Estillac Leal
- ✓ Vida Sportiva: os esportes em Curitiba durante a pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919) – Eduardo Santos Costa
- ✓ Esporte Clube Noroeste da Vila Formosa: Uma análise do envolvimento da comunidade com o clube do bairro – Danilo Aparecido da Cruz
- ✓ Jogo de cartas no Rio Grande do Sul: as possibilidades da pesquisa histórica – Matheus Donay da Costa



DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS

SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

Coordenação

Caio Lucas Morais Pinheiro
Doutor em História – UFRGS
caiolucasmorais@gmail.com

Comunicações

1. CABO, Álvaro Vicente do; COUTO, André Alexandre Guimarães. *Olhares sobre Futebol e Literatura na América Latina*
2. COELHO, Nivalda Pereira; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. *A prática do futebol feminino na cidade de Guanambi-BA: história de vida de mulheres inseridas no meio esportivo*
3. CORNELSEN, Elcio Loureiro. *Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros*
4. FARO, Carmen Lilia da Cunha. *Os bastidores de uma pesquisa: a trajetória profissional do professor Nagib Matni e a gênese da ESEFPA*
5. TONINI, Marcel Diego. *“Eu sou o primeiro jogador de futebol negro revolucionário”:* uma entrevista com o rebelde Paulo César



RESUMOS DA SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

1. Olhares sobre Futebol e Literatura na América Latina

Álvaro Vicente do Cabo

Doutor em História Comparada - UFRJ

alvarodocabo@yahoo.com.br

André Alexandre Guimarães Couto

Doutor em História - UFPR

guimaraescouto@yahoo.com.br

O presente projeto tem como origem a busca da conexão de duas áreas de interesse dos autores através de uma proposta acadêmica na qual, obras literárias de ficção possam ser apresentadas e sirvam também como instrumento de análise no âmbito da História do Esporte. A partir da leitura recente de diferentes obras de literatura latino-americana, que têm o futebol como um elemento importante no enredo, percebemos a necessidade de explorarmos mais o universo literário em nossas pesquisas sobre o tema e como romances, contos ficcionais, poesias podem nos ajudar a compreender o “grande painel” em determinados acontecimentos esportivos ou até mesmo servirem como fonte de análise interdisciplinar para ambos os campos de estudo. Ademais, muitas vezes essas obras literárias conseguem abordar a temática do futebol como pano de fundo para questões políticas, sociais e econômicas mais amplas sobre a história dos respectivos países.

Neste sentido, buscando utilizar um olhar da Nova História Política o principal objetivo deste projeto é organizar uma coletânea com resenhas histórico-literárias sobre diferentes obras que foram escritas nos países latino-americanos no século XXI. Até o presente momento foram lidas e selecionadas seis obras de autores de diferentes países, das quais apresentamos uma breve sinopse a seguir:

a) RONCAGLIOLO, Santiago. *La Pena Máxima*. Santilliano Ediciones Generales: Lima, 2014. Trata-se de um romance ambientado durante a realização da Copa do Mundo FIFA da Argentina (1978) e que explora, paralelamente à paixão peruana pelo futebol e o entusiasmo com a campanha do selecionado até a polêmica goleada sofrida contra a Argentina, os subterrâneos da ditadura peruana e do próprio continente em um trama policial dinâmica e muito intensa.



b) CHAGAS, Jorge. Gloria y Tormento. La novela de José Leandro Andrade. Rumbo Editorial: Montevideú, 2007. A obra é uma autobiografia ficcional sobre a vida do craque negro José Leandro Andrade, ídolo da geração uruguaia vitoriosa da década de 20 que conquistou duas olimpíadas (1924/1928) e o primeiro campeonato mundial disputado no país (1930). Independentemente da questão futebolística, é um livro sobre a própria modernidade da sociedade uruguaia nos anos 20 e a importância do futebol como elemento simbólico de integração e de ilusão para os indivíduos envolvidos.

c) STEIN Shawn, CAMPISI Nicolas (orgs). Por amor a la Pelota: once cracks de la ficción futbolera. Editorial Curtoproprio: Santiago, 2014. É uma coletânea de contos ficcionais muito bem selecionada pelos pesquisadores Shaw Stein e Nicolas Cammpisi que apresenta um panorama da literatura latinoamericana sobre o futebol a partir de distintas perspectivas e conta com escritores de 11 países latinoamericanos.

d) KOHAN, Martin. Dos veces junio. – 9. Ed. Delbolsillo – Buenos Aires, 2016. (1. Ed. 2002). Obra ficcional aonde a memória de duas copas do mundo se relaciona com uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina, o “Processo” argentino (1976-1983) em momentos distintos. A maior parte do enredo acontece em junho de 1978, quando o personagem principal e narrador da história, um jovem recruta das Forças Armadas argentinas procura se adaptar à função mesmo sem demonstrar muito entusiasmo pela instituição.

e) ROMERO, Silva Ricardo. Autogol. La Narvaja Suisa Editores: Madrid, 2014. É uma obra literária inspirada em fatos reais que tem como cenário a eliminação da seleção colombiana de futebol do mundial realizado nos Estados Unidos e o assassinato em Medellín, do zagueiro Andrés Escobar Saldarriaga, poucos dias após o retorno ao seu país. Trata-se de uma narrativa densa onde futebol, política, cultura e sociedade na Colômbia são abordados a partir do drama pessoal de dois personagens, um fictício, o locutor esportivo Pepe Calderón Tovar que teria perdido a voz, todas as suas economias, seu emprego com a eliminação da seleção colombiana ainda na primeira fase e o zagueiro Escobar, capitão do Atlético de Medellín que ficou marcado por fazer um gol contra na segunda partida contra os Estados Unidos durante a Copa de 1994 e acabou sendo executado na saída de uma boate poucos dias depois de regressar para sua cidade natal.

f) VILLALOBOS, Juan Pablo. No Estilo de 70. Realejo: Santos, 2014. A novela do escritor mexicano retrata a admiração pela seleção brasileira campeã no mundial de futebol realizada no país em 1970, a partir da reverência e a ideia da organização de uma excursão de



atores que representariam a famosa equipe brasileira em terras “astecas”. No estilo de 70 é também uma crítica social às pequenas comunidades mexicanas e uma interessante reflexão sobre o papel da Memória a partir do futebol. Um dos principais objetivos do projeto é justamente analisar as interrelações textuais das obras analisadas, assim como compreender do ponto de vista estilístico as diferenças subjetivas de cada autor. Caberá também pesquisar as representações culturais, sociais e políticas apresentadas pelas obras, levando-se em conta não apenas a conjuntura histórica retratada, mas os olhares contemporâneos sobre uma determinada memória. Finalmente, a pesquisa poderá revelar se existem pontos de aproximação entre os autores que lidam com o tema futebol, mesmo em diferentes países e sob diversas cenas de produção literária (MAINGUENEAU, 1989).

Assim sendo, a presente proposta busca estabelecer um diálogo entre História e Literatura a partir de diferentes obras ficcionais com o objetivo de realizar uma coletânea de resenhas que possam apresentar academicamente os livros escolhidos e também estimular os pesquisadores da área de História do Esporte a compreenderem mais a importância acadêmica das referências literárias.

REFERÊNCIAS

CAMILOTTI, Virgínia e NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura: Fontes Literárias na Produção Historiográfica Recente no Brasil. In: **História: Questões e Debates**. n.º 50. Curitiba, Editora UFPR, 2009.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História Contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e Texto Literário: Alguns Apontamentos. In: **História: Questões e Debates**. n.º 44. Curitiba, Editora UFPR, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense.



FONTES PRIMÁRIAS

CHAGAS, Jorge. Gloria y Tormento. La novela de José Leandro Andrade. Rumbo Editorial: Montevidéo, 2007.

KOHAN, Martin. Dos veces junio. – 9. Ed. Delbolsillo – Buenos Aires, 2016. (1. Ed. 2002).

ROMERO, Silva Ricardo. Autogol. La Narvaja Suisa Editores: Madrid, 2014.

RONCAGLIOLO, Santiago. La Pena Máxima. Santilliano Ediciones Generales: Lima, 2014.

STEIN Shawn, CAMPISI Nicolas (orgs). Por amor a la Pelota: once cracks de la ficción futbolera. Editorial Curtoproprio: Santiago, 2014.

VILLALOBOS, Juan Pablo. No Estilo de 70. Realejo: Santos, 2014.



RESUMOS DA SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

2. A prática do futebol feminino na cidade de guanambi-ba: história de vida de mulheres inseridas no meio esportivo

Nivalda Pereira Coelho

Mestranda em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB
nyvia.uneb@outlook.com

Felipe Eduardo Ferreira Marta

Doutor em História – PUC-SP
femarta@uesc.br

RESUMO

Esta proposta tem por objetivo analisar como a prática do futebol feminino na cidade de Guanambi-Ba incita os debates acerca do gênero e das sexualidades, bem como investigar os fatores que as levaram a este meio, os questionamentos sobre a existência de preconceitos relacionados ao futebol feminino na cidade, e os lugares destinados a mulher na sociedade local. Baseia-se na metodologia da história oral que permite aos pesquisadores enriquecerem suas experiências diante as entrevistas realizadas, pois cada indivíduo apresenta algo novo diante do objeto pesquisado. Os dados encontrados reforçam a luta de mulheres por reconhecimento e valorização dentro de um espaço culturalmente dedicado ao público masculino. Estas, venceram os empecilhos movidas pelo grande amor a prática do futebol em meio a uma sociedade marcada por traços machistas. A conclusão para esta breve reflexão é a importância de debater questões referentes a trajetória histórica e de vida das mulheres, seja no âmbito esportivo ou qualquer outro que reafirme aspectos igualitários nas discussões de gêneros, bem como na sua prática diária.

Palavras-chave: Mulher; Sociedade; Futebol; Gênero.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o espaço e o lugar da mulher na sociedade requer aproximações com as questões de gênero, que segundo Scott (1995) pode ser definido como o resultado da desigualdade de poder entre homens e mulheres, advindas da construção social do papel de ambos em relação as suas diferenças sexuais. Investigar a influência do gênero nas questões



esportivas podem trazer contribuições significativas para uma maior valorização e reconhecimento dos espaços que podem ser ocupados pelas mulheres.

Esta proposta trata-se de uma pesquisa em andamento e tem como objetivo utilizar da memória como fonte para analisar os motivos que incentivaram a prática esportiva das primeiras jogadoras de futebol de Guanambi-Ba, bem como investigar os fatores que as levaram a esta prática. Busca também responder aos questionamentos sobre a existência de preconceitos relacionados ao futebol feminino na cidade, a presença do coronelismo e do patriarcado e os lugares destinados a mulher na sociedade local.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos este estudo se baseia na metodologia da história oral, que segundo Portelli (1997), busca investigações através de conversas de pessoas sobre suas experiências e memórias individuais. Assim, a História Oral permite aos pesquisadores enriquecerem suas experiências diante as entrevistas realizadas, pois cada indivíduo apresenta algo novo diante do objeto pesquisado. Este tipo de estudo exige que o pesquisador se baseie na ética, pois, o compromisso com a honestidade significa respeito pessoal e intelectual com quem estamos trabalhando e com o material coletado (PORTELLI, 1997).

RESULTADOS

Por se tratar de um trabalho em processo de desenvolvimento o levantamento das fontes ainda se encontram em fases iniciais e os dados encontrados ainda estão superficiais em relação ao que é proposto pelo objetivo da pesquisa. Segue algumas impressões obtidas nesse primeiro momento com base em duas primeiras entrevistas realizadas.

Maria Aparecida, ou Cida como era chamada pelas colegas de time, é natural de Guanambi-B e foi uma peça fundamental para compor o time de futebol feminino desta cidade em meados da década de 1980. Vestia a camisa de número 10 e era considerada pelas colegas de time e pela torcida como a versão feminina de Zico, ex-jogador da seleção masculina de futebol e que na época recebia grandes premiações devido sua atuação em campo. A depoente afirma que o amor pelos esportes sempre esteve presente na sua vida desde a infância quando brincava na rua com os irmãos e amigos.

A segunda participante entrevistada foi Rogéria Pereira dos Santos, também natural da cidade de Guanambi-Ba, relata que era uma das jogadoras que tomava a frente do time nos



momentos em que precisavam solicitar patrocínios para os jogos. Por não terem apoio financeiro de nenhum órgão público cabiam ao próprio time percorrer as ruas do comércio em busca dessas colaborações.

Rogéria relembra algumas expressões utilizadas na época e repreendidas pela sociedade. Uma dessas expressões era “mata a bola no peito”, ação realizada no futebol masculino em que os jogadores da posição de defesa em campo arrematavam em seus peitos as bolas que vinham altas e eram chutadas na direção do gol. Segundo Rogéria, as pessoas questionavam o fato delas serem mulheres e o perigo de acabarem machucando seus seios em um desses momentos devido a velocidade e intensidade da bola.

Ao serem questionadas sobre as relações existentes entre o contexto social em que viviam e a presença de preconceitos em relação ao sexo ou ao fato do futebol ser destinado aos homens elas relatam que na época não se falavam em lésbicas, gays ou homossexuais. No entanto, é possível notar em algumas falas que haviam preconceitos referentes a figura da mulher naquele período. A associação da mulher ao sexo frágil, a questão de o corpo feminino ser preservado a maternidade e a traços delicados, os quais não estariam presentes na figura da mulher futebolista, que caía, ralava os joelhos e fraturavam membros na disputa pela posse de bola em campo.

CONCLUSÕES

A participação feminina no futebol, um esporte culturalmente definido pela sociedade como prática masculina, torna-se uma afronta aos poderes sociais hegemônicos que tentam manipular o espaço e o lugar das mulheres. Embora existam legislações que garantam teoricamente a igualdade de gênero, o que é visto na prática é um sistema de manipulação de ideias e concepções que mascaram a sua prática efetiva. É importante que a trajetória histórica e de vida dessas mulheres sejam debatidas, reconhecidas e valorizadas, só assim é possível construir aspectos sociais igualitários.

REFERÊNCIAS

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. São Paulo: Projeto História, 1997.



SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.20, n° 2, p.71-99, jul./dez. 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês.

FONTE ORAL:

- Maria Aparecida da Silva Neves, entrevistada em 29 de janeiro de 2020 na cidade de Guanambi-Ba.
- Rogéria Pereira dos santos, entrevistada em 10 de fevereiro de 2020 na cidade de Guanambi-Ba.



RESUMOS DA SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

3. Memória e futebol no Brasil: escritas da vida de jogadores brasileiros

Elcio Loureiro Cornelsen

Pós-Doutor em História Comparada – UFRJ

cornelsen@letras.ufmg.br

A presente comunicação visa a contribuir para o debate sobre a presença temática do futebol nos âmbitos da Literatura e da História, especificamente em obras de cunho memorialístico. Ele apresenta resultados finais de pesquisa desenvolvida nos últimos três anos, que enfocou a produção biográfica e autobiográfica em torno de figuras de destaque do futebol brasileiro, que marcaram – ou que ainda marcam – época no cenário desportivo nacional e mundial, e que contribuíram para a construção da imagem do futebol no Brasil desde seus primórdios, bem como do mito do “país do futebol”, um mito cambiante e em permanente transformação. Ao todo, foram analisadas 18 obras, tendo por fundamentação teórica conceitos oriundos das áreas de História e dos Estudos Literários, sobretudo em torno dos gêneros “biografia” e “autobiografia”, bem como “memória” e “história de vida”. A pesquisa norteou-se pelos seguintes objetivos: (1) analisar o discurso memorialista formado a partir de obras biográficas ou autobiográficas sobre jogadores do futebol brasileiro; (2) estudar as especificidades de possíveis narrativas que alimentam o “mito” da “pátria em chuteiras” e, respectivamente, do “estilo brasileiro de jogar”; (3) por fim, contribuir para os estudos da relação entre História e Memória no campo da Teoria Literária, com enfoque nas especificidades de composição de biografias e de autobiografias.

A partir do objeto do estudo proposto para desenvolvimento de pesquisa sobre Memória e Futebol no Brasil, ou seja, as escritas da vida de jogadores brasileiros, delimitou-se um corpus de análise formado por 18 obras de e sobre jogadores brasileiros. Para sua delimitação, basicamente, foram levados em consideração os seguintes critérios: cronologia, relevância e contexto histórico. Pretendeu-se, com isso, abranger momentos do futebol brasileiro, em que determinado jogador teve seu protagonismo. Os seguintes jogadores brasileiros foram contemplados no processo de delimitação do corpus: Charles Miller, Neco (Manoel Nunes), Arthur Friedenreich, Preguinho (João Coelho Netto), Heleno de Freitas, Moacyr Barbosa, Garrincha (Manuel Francisco dos Santos), Nilton Santos, Pepe (José Macia), Pelé (Edson Arantes do Nascimento), Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade),

24



Roberto Rivellino, Paulo Roberto Falcão, Zico (Artur Antunes Coimbra), Sócrates Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, Ronaldo Luis Nazário de Lima, e Neymar da Silva Santos Jr. De todos, o único que não teve passagem pela seleção brasileira foi Charles Miller, uma vez que o “pai do futebol brasileiro”, como reza o mito, atuava em uma época em que a seleção ainda não tinha sido criada. Observa-se, também, que, basicamente, cinco fases do futebol brasileiro foram contempladas a partir dessa seleção de jogadores: os primórdios e a consolidação (1895-1945), tempos de tragédia e glória (1945-1962), tempos de glória e ufanismo (1963-1976), tempos rumo à democracia (1977-1993), e tempos de globalização (1994-2014) Em termos metodológicos, o desenvolvimento da pesquisa estruturou-se a partir de nove etapas. Em cada uma delas, foram executadas atividades distintas, sendo que a primeira etapa orientou-se por um breve estudo da relação entre memória e futebol no Brasil, dos primórdios aos dias atuais. Enquanto as próximas duas etapas destinaram-se ao enfoque dos conceitos e noções fundamentais para a formação de um arcabouço teórico sobre memória, história de vida, biografia e autobiografia, as cinco etapas seguintes tiveram por enfoque a análise de obras biográficas ou autobiográficas de jogadores do futebol brasileiro. Por fim, a nona e última etapa destinou-se à conclusão da pesquisa. Além disso, o estudo orientou-se por referencial teórico que atendeu ao cumprimento dos objetivos propostos. Para estudar o discurso memorialístico, tomando por base as “escritas da vida” de jogadores do futebol brasileiro, alguns conceitos se tornaram fundamentais. O primeiro deles é, sem dúvida, o conceito de “memória” e seus desdobramentos: “memória individual”, “memória social”, “memória coletiva”, “memória subterrânea”, “memória oficial”, além das noções de “disputa de memórias” e de “enquadramento de memória”. Nesse aspecto, tornou-se fundamental o trabalho com as seguintes obras: *A memória coletiva* (2000), de Maurice Halbwachs, *História e Memória* (2003), de Jacques Le Goff, *A memória, a história e o esquecimento* (2007), de Paul Ricœur, *Espaços da recordação* (2011), de Aleida Assmann, o ensaio “Entre memória e história: a problemática dos lugares” (1993), de Pierre Nora, e, respectivamente, os ensaios “Memória, esquecimento e silêncio” (1989) e “Memória e memória social” (1992), de Michael Pollak.

Por sua vez, no intuito de estudar as especificidades do discurso memorialista quanto a gêneros textuais, tornou-se fundamental a delimitação dos conceitos de “biografia” e, respectivamente, de “autobiografia”, com destaque para as seguintes obras de referência: *O pacto autobiográfico* (2008), de Philipp Lejeune, *Em primeira pessoa: abordagens de uma*



teoria da autobiografia (2009), coletânea de ensaios organizada por Helmut Galle e, respectivamente, O desafio biográfico (2009), de François Dosse.

O estudo nos permitiu concluir que as biografias se constituem como “gênero híbrido”, bem como as autobiografias, uma vez que seus autores necessitam apelar para a imaginação diante do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais, para entretecer seus textos. Assim, produzem uma “ilusão biográfica” como construto discursivo. Para além da indistinção epistemológica entre mimesis e vidas imaginárias, tal fato demonstra a complexidade que determinados livros de cunho memorialístico podem assumir frente a conceitos geralmente empregados para delimitar os respectivos gêneros, sobretudo no que diz respeito à narrativa enquanto construto discursivo.



RESUMOS DA SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

4. Os bastidores de uma pesquisa: a trajetória profissional do professor Nagib Matni e a gênese da ESEFPA

Carmen Lilia da Cunha Faro
Doutoranda em Educação – UFBA
lili.cf@terra.com.br

O presente texto apresenta algumas reflexões desenvolvidas na tese de doutorado que teve como objeto de estudo a formação profissional do primeiro corpo docente da ESEFPA. Ao iniciar as primeiras pesquisas documentais sobre o Professor Nagib e a gênese da Escola Superior de Educação Física do Pará (ESEFPA) na biblioteca do curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (UEPA), encontra-se apenas três trabalhos, sendo um escrito por Santos (1985), outro, de autoria do próprio professor Matni (1984), escrito para ser usado como base para palestra proferida no V Encontro de PróReitores das Instituições de Ensino Superior do Norte e Nordeste, realizado em Belém-PA, no período de 18 a 20 de junho de 1984; e a dissertação de mestrado de Maneschy (1996). Além dessas referências, tivemos acesso a uma fita VHS, na qual o próprio Nagib Matni conta um pouco de sua trajetória de vida e como diretor da Instituição.

De acordo com as obras pesquisadas, o nome de Nagib Matni está associado à Educação Física desde a década de 40, como professor de Educação Física do então Ginásio Visconde de Souza Franco. Na década de 50, seu destaque é como um dos criadores dos Jogos Paraenses Ginásios-Colegiais. Na década de 60 seu nome já pode ser visto na esfera federal, a partir de 1961, quando se instala em Belém a Inspeção Seccional de Educação Física e ele é nomeado inspetor. Ainda nessa década Nagib Matni foi empossado Diretor do Departamento de Educação Física, Recreação e Esporte (DEFRE), pelo Secretário de Estado de Educação e Cultura, Sr. Édson Raymundo Pinheiro de Souza Franco. Em 1968, Nagib Matni sai em viagem pelo Brasil, a pedido do Governador do Estado do Pará, para realizar visitas às Escolas de Educação Física espalhadas pelo território nacional, com o intuito de verificar a infraestrutura e funcionamento dessas instituições, a fim de colher dados e experiências para a elaboração do regimento da vindoura ESEFPA.

Com o retorno de Nagib Matni à capital paraense, formou-se uma comissão da qual ele era o presidente que contava com mais cinco professores que tinham retornado da Escola



Nacional de Educação Física (ENEFD), sendo estes, Armando Alcântara Von Grap, Alberto Duarte de Oliveira, Eni do Perpétuo Socorro Corrêa, Iracema Rayol Aranha e Vera Nazaré Cardoso de Souza, sob a orientação de Jonathas Pontes Athias, para elaboração do regimento interno da futura ESEFPA.

Em 1969, com as informações trazidas pelo Professor Matni de sua visita a outras Escolas localizadas em outros estados, é elaborada a construção de um projeto para as futuras instalações. Podemos perceber, com as informações descritas até aqui, que Nagib Matni, ao ser escolhido como representante do Estado para visitar outras Escolas de Educação Física e, posteriormente, nomeado presidente da comissão que elaboraria o regimento da Escola a ser criada em Belém, foi “peça” fundamental e ativa na construção do regimento da ESEFPA, sendo observada sua influência sobre a origem dessa Instituição.

Em 11 de maio de 1970 o presidente Emílio Garrastazu Médice e o Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, tornam válido o funcionamento da Escola Superior de Educação Física do Pará, em âmbito federal, sob a direção da Professora Sônia Guimarães da Costa, constituindo-se a segunda unidade de ensino superior estadual.

O primeiro vestibular para ESEFPA foi realizado entre os dias 20 e 23 de maio de 1970 e inscreveram-se 87 candidatos para disputarem as 70 vagas disponíveis, sendo essas vagas igualmente divididas entre homens e mulheres. Os testes dividiam-se em exames práticos de aptidão morfofisiológica e exames teóricos que envolviam português, ciência física e biológica, matemática, francês ou inglês. Como eram apenas dois anos de Curso, em 16 de dezembro de 1972 formava-se a primeira turma de Licenciatura Plena em Educação Física do Estado do Pará, com 19 colandos que homenagearam o Professor Nagib Matni com o nome da turma.

O funcionamento da ESEFPA não significou que sua estrutura física naquele período estava pronta, muito pelo contrário, havia grande dificuldade na realização das aulas práticas, já que essas aconteciam em diferentes locais da cidade. Assim, segundo Maneschy (1996), a prioridade da administração do prof. Nagib Matni era construção da estrutura física da ESEFPA. Um complexo esportivo que existe até hoje.

Vale ressaltar que, em 1975, Nagib Matni foi nomeado pelo então Presidente da Fédération Internationale d'Éducation Physique (FIEP), Dr. Pierre Seurin como Delegado da FIEP, na Região Norte. Em 1977, este cargo é reconduzido pelo Comitê Brasileiro da Federação Internacional de Educação Física, como Delegado da FIEP da Região Norte,



dando, portanto, ao professor Nagib, poder de organizar e dirigir a ação da FIEP, em sua região, ou seja, promover curso, seminários, jornadas ou qualquer outra atividade destinada ao aperfeiçoamento ou atualização dos professores de Educação ou técnicos desportivos, representar a FIEP em atos e solenidades oficiais, o que indica este como pessoas de maior influência na região no que diz respeito à Educação Física e o indício que seu nome já era conhecido e reconhecido em âmbito nacional e internacional.

Em suma, a trajetória profissional de Nagib Matni foi, indubitavelmente, fundamental para a área da Educação Física no estado do Pará, seja por promover momentos de formação, seja por contribuir na edificação da ESEFPA, uma instituição que possuiu um complexo esportivo que perdura até hoje contribuindo na formação de professores de Educação Física.

REFERÊNCIAS

MANESCHY, Pedro Paulo. **Educação e corporeidade: o vivido e o pensado na ESEFPA**. 1996. (Dissertação Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1996.

MATNI, Nagib C; Santos, C. U. **A formação do docente de educação física e sua realidade local**. Belém, PA; ESEFPA, 1984.

SANTOS, C. U. **Histórico da escola superior de educação física do Pará 1970-1985**. Belém, PA: ESEFPA, 1985.



RESUMOS DA SESSÃO: LITERATURA, ORALIDADE E ESPORTE

5. “Eu sou o primeiro jogador de futebol negro revolucionário”: uma entrevista com o rebelde Paulo César Lima

Marcel Diego Tonini

Doutor em História Social – USP

marceldt@gmail.com

Paulo César Lima é um ex-futebolista brasileiro, que atuou como meia e pontasquerda entre o fim dos anos 1960 e o início dos 1980. Numa época em que os melhores jogadores ainda estavam no futebol brasileiro, ele sobressaiu-se, tendo participado de times históricos ao longo desse período, tais como o “Selefogo” (apelido do Botafogo F. R. em 1968), a “Máquina Tricolor” (alcunha do Fluminense F. C. em 1975) e o “Esquadrão Imortal” (nome dado ao Grêmio F. B. P. A. em 1983). Dotado de um talento acima da média, ele compôs o extraordinário elenco da seleção brasileira no tricampeonato mundial em 1970. A carreira de Paulo César, no entanto, é marcada tanto quanto por sua rebeldia. Segundo ele próprio, isso surgiu ainda na infância. De origem humilde, nascido na favela da Cocheira, Rio de Janeiro, ele via sua mãe biológica entrar pela porta dos fundos nos lares da zona Sul da então capital do Brasil, onde era empregada doméstica. Discutia com ela, também, quando queria alisar seu cabelo com ferro de passar roupa. Através do futebol, conheceu Marinho Rodrigues de Oliveira, quando este era treinador do Botafogo, e foi adotado por ele já na adolescência. Teve, assim, a possibilidade de circular por outras classes sociais – bem como por outros países da América Latina, ao acompanhar a carreira do pai adotivo –, passando a ser ele mesmo discriminado nesses novos espaços.

Foi através do visual que Paulo César, em especial, ganhou dois apelidos no futebol: Caju, em virtude da “cabeleira que expressava o orgulho racial e até chocantemente pintada ‘à caju’”, e Craque da Moda, por causa de seu “modo de vestir ousado” (CAJU, 2006, p. 127). Conforme conta em sua autobiografia, não se tratava de vaidade, mas sim de bom gosto: “Sempre gostei de moda, e a encaro como um instrumento de afirmação da minha raça.” (Ibid., p. 128). Para além da aparência, a base de sua rebeldia, como ele mesmo escreveu, estava em sua identificação com o Black Panther. Por meio das várias viagens que fez para Los Angeles, Estados Unidos, ele afirmou ter acompanhado tal movimento político afro-



americano, suas lideranças e suas causas, passando a adotar um “comportamento indomável”, “muito briguento e contestador” (Ibid., p. 70 e 127).

Ao compreender a razão da discriminação racial que “sentia na pele” e o machucava desde a infância, deu vazão a um “espírito inconformado”, questionando o fato de os brancos o aplaudirem no domingo em jogo no Maracanã, mas não o aceitarem durante o resto da semana, como se não tivesse o direito de ganhar bem, comprar carros luxuosos, vestir-se de maneira extravagante, namorar mulheres brancas e loiras ou frequentar espaços da elite (Ibid., p. 70, 127 e 133). Paulo César Lima, definitivamente, era um negro que rejeitava manter-se em “seu lugar”, ou seja, em espaços e posições subalternas definidas pelos brancos dentro de um padrão tradicional de relações raciais daquela época.

Na esfera do futebol, Caju “contestava a maneira como os jogadores eram tratados pelos dirigentes” e reivindicava melhores premiações e condições “em favor da equipe”, incluindo massagistas e roupeiros (Ibid., p. 128-129). Em permanente estado de “autodefesa”, cada ação que sofria gerava uma reação imediata, desafiando “o poder dos cartolas, jornalistas impertinentes e mesmo as torcidas mais desaforadas” (Ibid., p. 128). Ele mesmo admitiu que, quando se desentendia com um clube, “chegava atrasado nos treinamentos”, “fingia contusões”, jogava “peladas com os amigos”, “varava a noite nas boates” e até fugia “para a Europa” (Ibid., p. 129).

Ele tinha plena consciência de que suas atitudes e posicionamentos fizeram com que sofresse represálias durante a carreira. A pior delas, como ele mesmo reconheceu com pesar, foi a não convocação para a Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, após ter discutido com o então presidente da CBD, o almirante Heleno Nunes. Depois disso, aceitou um convite do jornal O Pasquim para escrever uma coluna, onde criticou ainda mais o comando do futebol e a Ditadura Militar. Por sua postura, conduta e opiniões manifestas na “contramão do mundo”, os cineastas João Moreira Salles e Arthur Fontes afirmaram categoricamente: “O Caju inaugurou a figura do jogador de futebol rebelde.” (Ibid. p. 133; FUTEBOL, 1998). Por mais que os diretores tenham exagerado na assertiva, Paulo César Lima, de fato, se sente um futebolista negro “revolucionário”, conforme consta no título deste texto.

Foi desse modo, ao menos, que ele narrou em uma entrevista inédita sobre sua trajetória de vida e carreira no futebol, para a qual o tema da negritude estava dado de antemão. Além dessa narrativa pessoal, na qual eu utilizei os procedimentos metodológicos da



DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS

SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

Coordenação

Elcio Loureiro Cornelsen

Pós-Doutor em História Comparada – UFRJ

Professor UFMG

cornelsen@letras.ufmg.br

Comunicações

1. PEREIRA, Renata Venise Vargas. *As práticas esportivas, o nacionalismo e o trabalhismo nas telas de João Carriço. Uma biografia do amigo do povo*
2. PRESTES, Richard Nozário da Silva. *O esporte no Álbum Ilustrado e no Guia Ilustrado de Santa Maria*
3. SANT'ANA, Luiz Carlos Ribeiro. *O Futebol no Cinema Nacional – O Estado da Arte*
4. SILVA, Diana Mendes Machado da. *As bicicletas de Leônidas da Silva: um estudo fotográfico*
5. SILVA, Marcelino Rodrigues. *Fernando Pieruccetti e a invenção modernista do futebol mineiro*



RESUMOS DA SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

1. As práticas esportivas, o nacionalismo e o trabalhismo nas telas de João Carriço. Uma biografia do amigo do povo

Renata Venise Vargas Pereira
Doutoranda em História – UFJF
renatavargas9@gmail.com

João Gonçalves Carriço (1886/1959) era diretor, cineasta e cinejornalista. O mineiro de Juiz de Fora, na Zona da Mata, desempenhava ainda as funções de cartazista, cenógrafo, fotógrafo, exibidor e produtor cinematográfico. O trabalho apresenta os primeiros dados da biografia do juiz-forano, exibidor e produtor de cinema que aplicava preços reduzidos (ou entrada gratuita) no Cine Theatro Popular, onde exibia material de sua produtora, a Carriço Film, responsável em 1930, 40 e 50, pelos cinejornais que circulavam no país. Entre os temas abordados nas telas do cinejornalista estão as práticas esportivas. Partidas de futebol envolvendo equipes mineiras e times nacionais, jogos de vôlei, basquete, corridas de carro, de bicicleta e de moto nas principais ruas da cidade do interior, ginástica em ambientes escolares e até lutas de boxes sobre patins. O público sempre esteve presente, seja nas arquibancadas, calçadas, varandas, janelas e marquises do ambiente urbano. Os eventos atraíam muita gente que vibrava durante a passagem dos atletas. O esporte, juntamente com as festas religiosas, militares e populares, como carnaval e Dia do Trabalho, compõe o material de Carriço, que montou de um a dois cinejornais por mês. O volume da produção do cinejornalista é representativo e o insere como um dos pioneiros do cinema em Minas Gerais e no Brasil, descentralizando a produção do Rio de Janeiro e de São Paulo. Na época, o acesso às salas de exibição era elitizado e a população suburbana aproveitava as sessões grátis, ao ar livre. Carriço adequou a funerária do pai e criou o Cine Theatro Popular com preços acessíveis ficando conhecido como “o amigo do povo”. O público sentava em caixões e nos intervalos ele distribuía café e bombons. Em 23 anos (1933/1956), a produtora Carriço Film registrou temas que se inserem no projeto trabalhista e nacionalista de Getúlio Vargas. O cinejornalista defendia acesso à diversão como direito à cidadania e adotou os lemas: “filme que passa para um, passa para cem” e “Cinema do povo para o povo”. O espaço sediou convenções do Partido Trabalhista Brasileiro. Carriço “flertava” com o partido e exibiu a política de Vargas em seus materiais, contribuindo para a agregação e o projeto de construção da nação de



acordo com as premissas do trabalhismo. Os cinejornais possuem informações materiais e simbólicas destes aspectos. Uma característica da produção audiovisual de 1930/40 era influenciar a adesão aos ideais do Estado Novo. O slogan da produtora impacta até hoje pelo efeito subjetivo: “Cariço Film, tudo vê, tudo sabe, tudo informa”.



RESUMOS DA SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

2. O esporte no Álbum Ilustrado e no Guia Ilustrado de Santa Maria

Richard Nozário da Silva Prestes
Mestrando em História – UFSM
richardnozario@gmail.com

Palavras-chave: Esporte; Associações esportivas; Santa Maria.

O presente trabalho tem como tema o Esporte no “Álbum Ilustrado da cidade de Santa Maria” e no “Guia Ilustrado: comercial Industrial e Profissional de Santa Maria”, ambos almanaques produzidos na década de 1930 e organizados pelas respectivas editoras: Casa Aurora e Editora Guias Ilustrados Municipais, disponibilizados na Casa de Memória Edmundo Cardoso (CMEC). Partindo dos almanaques apresentados temos algumas questões que buscamos responder ao longo deste trabalho: como é retratado o esporte em Santa Maria? Há presença de associações esportivas? Se sim, quais associações são apresentadas? Tendo como referência nossos questionamentos, nosso objetivo é compreender a concepção de esporte apresentada nos almanaques e com quais setores da sociedade santa-mariense ela dialoga.

Antes de nos aprofundarmos nos objetos propriamente ditos é válido lembrar das possibilidades e limites que as nossas fontes proporcionam, tendo-se em vista que o conteúdo apresentado em jornais, revistas e periódicos no geral não são depósitos da verdade. Para Stephen Vella (2008, p. 192), uma leitura crítica dos jornais pode levar a uma visão significativa de como as sociedades ou culturas entendiam o mundo e a si mesmos. Ou seja, o que buscamos nos periódicos, em nosso caso, no Guia e Album ilustrado de Santa Maria, é a perspectiva desses materiais sobre o esporte na cidade e não construir um retrato “verdadeiro” de como se dava a organização esportiva santa-mariense na década de 30.

As fontes que utilizamos nesta pesquisa se inserem num conjunto de produções, contextualizadas a partir do “novo cenário citadino do início do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas: almanaques; folhetos publicitários de casas comerciais e industriais; [...]” (DE LUCA, 2005, p. 120-121). Essas produções tinham como objetivo fazer propaganda da cidade de Santa Maria, demonstrar suas supostas virtudes, civilidade e



modernidades. Contavam a trajetória do município, com histórias da fundação e apresentando dados populacionais, assim como apresentavam figuras ilustres e as associações presentes, buscando construir uma narrativa de progresso e modernidade na cidade. Nossa primeira fonte é o Album Ilustrado da Cidade de Santa Maria – Rio Grande do Sul, organizado pela Casa Aurora e que não identifica o seu ano de impressão e distribuição, no entanto, ao longo do material nenhum relato, propaganda, data de fotografias e turmas passa do ano de 1932. Logo nas primeiras páginas do Album há um texto de apresentação do mesmo, assinado pelo proprietário da Casa Aurora Sioma Breitman, imigrante ucraniano que construiu uma carreira de fotógrafo em Porto Alegre. Neste texto Santa Maria é caracterizada como coração do Rio Grande do Sul e consta que o objetivo da Album é refletir o que representa a cidade e de fazê-la ser conhecida.

O “Guia Ilustrado: Comercial, Industrial e Profissional de Santa Maria” foi publicado pela Editora Guias Ilustrados Municipais em 1938 e não consegui identificar autoria, ou proprietário da editora. Este material se diferencia em partes do anterior, utilizando um formato mais semelhante a um manual da cidade, com menos utilização de fotografias, muito dados numéricos referentes a população, limites do município, solo e edificações. No entanto também se assemelha em objetivos, buscando uma apresentação e divulgação da cidade.

A partir da análise das fontes supracitadas, a lista de clubes citados seria o “Avenida Tennis-Club”, os times de basquete “14 de Julho”, “3º Batalhão do 3º Regimento de Artilharia”, “Corinthians S. C.”, “7º Regimento de Infantaria”, “1º Regimento de Cavalaria Mecanizada” e “5º Regimento de Artilharia Montada”; e ainda os clubes de futebol “Grêmio Sportivo 7º Regimento de Infantaria”, o “Botafogo FootBall Club”, o “Brasil Foot-Ball Club”, o “Sport Club 7 de Setembro e o “Rio Grandense Foot-Ball Club”, “Americano Foot-Ball Club”, “Fott-Ball Clube Canabarro”, “Fronteira Foot-Ball Clube”, “Gaucho Sereno Foot-Ball Clube”, “Gremio Rio Grandense Vila Schirmer”, “Guarany Foot-Ball Club”, “Independente FootBall Clube”, “Razão Atlético Clube”, “Prefeitura Futebol Club” e “Sport Club Internacional”. Além da referencia aos clubes, ao longo do Album e do Guia o sport é tratado como sinônimo de sociabilidade, de progresso e de civilidade. A disponibilidade de aparelhos esportivos, como o estádio do Riograndense F.C. e diversas quadras de tênis, vôlei e basquete no Colégio Centenário são utilizados como recursos para construir uma narrativa de cidade organizada, movimentada e progressista. Dentre os clubes referenciados, destacamos aqui o “Sport Club 7 de Setembro”, clube negro, fundado em 1916, segundo o livro “Organizações



Negras de Santa Maria”, organizado pelo Grupo de Estudos sobre pósAbolição (GEPA). O clube aparece filiado a Liga Santamariense de Foot-Ball nas fontes, ao contrário do “Sport Club Rio Branco”, presente no levantamento supracitado, fundado em 1920 e não aparece no Album e Guia ilustrado da cidade.

Ao contrário do que possa parecer em uma leitura não crítica das narrativas criadas nos almanaques aqui utilizados é que o fenômeno associativista não é característico de grupos da elite, mas está presente em toda sociedade. Daniela Carvalho (2005) descreve Santa Maria em sua dissertação como um “caldeirão étnico” e as associações dialogam fortemente com essa diversidade étnica presente na cidade.

BIBLIOGRAFIA

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

VELLA, Stephan. Newspapers. In: DOBSON, Miriam; ZIEMANN, Benjamin. **Reading Primary Sources: The interpretation of texts from nineteenth- and twentieth-century history**. Londres e Nova York: Routledge, 2008. p. 192-208.

GRIGIO, Ênio; BRUNHAUSER, Felipe; OLIVEIRA, Franciele; RODRIGUES, Luiz F.; LIMA, Taiane. **Organizações negras de Santa Maria: primeiras associações dos séculos XIX e XX**. Santa Maria: GEPA UFSM, 2020.

CARVALHO, Daniela V. **“Entre a Solidariedade e a animosidade”**: os conflitos e as relações interétnicas em Santa Maria (1885 – 1915). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.



RESUMOS DA SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

3. O Futebol no Cinema Nacional - o Estado da Arte

Luiz Carlos Ribeiro de Sant'ana
Doutor em História Comparada – UFRJ
caoargos@hotmail.com

O presente trabalho constitui-se em apreciação da bibliografia referente às relações entre futebol e cinema. Mais especificamente no que tange as produções nacionais. Um levantamento extenso e extremamente recente da literatura brasileira sobre o tema do futebol (D'ANGELO, 2019), listou oito obras relativas ao nosso tópico. Deixou de lado, porém, algumas coletâneas importantes. Nestas, os textos que entrelaçam o esporte bretão e a sétima arte aparecem em meio a demais considerações, sobre outras modalidades desportivas (MELO, 2006; MELO e DRUMOND, 2009 etc.). Existe, pois, uma produção específica. Um pouco maior do que a listada por D'angelo, mas ainda relativamente pequena. Ademais, aparentemente, a literatura especializada não parece ter acompanhado uma razoável expansão dos títulos fílmicos pertinentes, ocorrida nos últimos quinze anos. Para tal afirmação, levamos em conta os levantamentos de Victor Mello e Luiz Oricchio. Ambos realizaram extensos e importantes inventários cinematográficos, os quais vão até 2005/2006 (MELO 2006, p.16; ORICCHIO, 2006).

De fato, muitas realizações fílmicas sobre o tema foram levadas a cabo nesse ínterim cronológico (2006-2020). Nacional e internacionalmente. Para os fins deste trabalho, no entanto, lidaremos apenas com a produção cinematográfica brasileira e respectivos textos sobre a mesma.

Isto posto, o presente artigo visa levantar essa bibliografia específica (da forma mais abrangente possível) e traçar um perfil da mesma, o que, acreditamos, será útil para futuras empreitadas nesse nicho. Esperamos, portanto, atingir dois objetivos: mapear e realizar um balanço do que foi produzido e, simultaneamente, estabelecer condições informadas para apontar caminhos para novos estudos.

Uma vez aclarado nosso tema e metas, cabe uma breve exposição sobre os termos básicos por intermédio dos quais delinearemos nossa discussão.

Futebol e Cinema



A relação entre essas duas grandes formas espetaculares do século XX não passou despercebida para alguns estudiosos. Na esteira de Jean Epstein, Victor Melo sustenta que a “grande marca do cinema era sua indefinibilidade e instabilidade: sua essência dependia de sua intangibilidade e de sua capacidade de propiciar sensações (...)”. De modo idêntico, poderíamos “pensar no esporte: (...) um conjunto de imagens que despertam fortes emoções; imagens absolutamente intangíveis (...) [sem] roteiro pré-estabelecido (...)”. Se o cinema é “basicamente movimento não o seria também o esporte?” (MELO, 2006, p. 67).

Alguns autores destacaram, na relação entre Cinema e Futebol, o compartilhamento de aspectos de “linguagem”. Ambos (cinema e futebol) estariam baseados na “imagem e [no] movimento articulado”. Elementos estéticos - a arte futebolística e a cinematográfica, também foram ressaltados (MURAD, 1999, p.31). Em termos nacionais, se evoluiu de uma inicial e equivocada caracterização: a de que haveria poucos filmes sobre futebol no Brasil.

Levando em conta a produção desde os primórdios do cinema nacional, Melo chegou a 109 filmes sobre o desporto bretão (MELO & ALVITO, 2006, p. 20). Com um critério mais abrangente (que incluiu curtas documentais que se dedicam a contar a história de um jogo específico), Luiz Oricchio chegou a um quantitativo bem maior: 372 películas. Conforme mencionamos acima, esses levantamentos vão até 2006.

Alguns parâmetros iniciais que adotaremos se relacionam com uma feliz caracterização de Oricchio. Segundo esse pesquisador, cada película por ele listada “expressa tanto um momento da história do cinema como um momento da história do futebol e da própria história do país. É um nó de significados (2006, p. 25).

José D’Assunção Barros, por sua vez (e de modo mais genérico, ou seja, relativamente a qualquer obra fílmica) estabelece que o cinema é ‘produto da história’ – e, como todo produto, um excelente meio para a observação do ‘lugar que o produz’, isto é, a sociedade que o contextualiza, que define sua própria linguagem possível, que estabelece seus fazeres, que institui suas temáticas. Por isso, qualquer obra cinematográfica (...) é sempre portadora de retratos, de marcas e de indícios significativos da sociedade que a produziu (...). A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção carrega (...) ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura (2011, p. 180).

Pois bem, nossa tarefa fundamental (para além da identificação e listagem da produção bibliográfica concernente) será a de refletir de que maneira e forma a literatura especializada se empenhou em destrinchar os nós fílmicos daquelas películas nacionais que tomaram o



futebol como tema (ou, ao menos, como parte importante de suas narrativas cinematográficas).

BIBLIOGRAFIA

CHARNEY, L. & SCHWARTZ, V. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo, Cosac, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história. Considerações sobre o uso historiográfico das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

D'ANGELO, Domingos Antonio e TAKARA, Ademir. **Bibliofut: a literatura do futebol brasileiro**. Jundiaí, São Paulo, Ed. In House, 2019.

MELO, V. A e DRUMOND, M. (orgs.). **Esporte e Cinema: novos olhares**. Rio de Janeiro, Apicuri, 2009.

_____. **Cinema & esporte - diálogos**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2006 (a).

_____. ALVITO, M. (orgs.). **Futebol por Todo o Mundo**. Rio de Janeiro, FGV editora, 2006 (b).

_____. PERES, F. de Farias (orgs.). **O Esporte vai ao Cinema**. Rio de Janeiro, Senac, 2005.

MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil: 1908/1998. In: COSTA, M. R. et. al. **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo, Musa, 1999.

ORICCHIO, Luiz Zanin. **Fome de bola: cinema e futebol no Brasil**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2006.



RESUMOS DA SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

4. As bicicletas de Leônidas da Silva: um estudo fotográfico

Diana Mendes Machado da Silva
Doutora em História Social – USP
dianamendes@usp.br

A carreira de sucesso do jogador de futebol Leônidas da Silva se confunde com as imagens e narrativas publicadas sobre ela entre os anos 1930 e 1940. Fotografias e narrativas tornaram-se as principais vias de reconhecimento e de rememoração da trajetória futebolística do jogador. Algumas delas se tornaram tão importantes que ainda hoje seguem circulando na memória e nas páginas de periódicos nacionais e internacionais, alimentando e atualizando o repertório cultural do esporte. Esse é o caso das narrativas e fotografias que focalizaram a jogada mais característica de Leônidas da Silva: a bicicleta.

A primeira notícia sobre a execução da bicicleta por Leônidas foi dada em 24 de abril de 1932, em uma atuação pelo clube Bonsucesso-RJ contra o Carioca. Conta-se que a jogada só se realizaria novamente em 1939, em uma partida entre Flamengo, clube que então defendia, e o Independiente da Argentina. Essas duas narrativas aparecem em periódicos, mas não são acompanhadas de registros visuais. À época, as possibilidades trazidas pelo instantâneo fotográfico apenas começavam a ser experimentadas nos campos de futebol.

Após a transferência para o São Paulo Futebol Clube, em 1942, as bicicletas de Leônidas, ocorridas em cinco momentos, passaram a contar com registros visuais e, por essa razão, puderam se tornar representativas da trajetória do jogador. Segundo o historiador do clube, Michael Serra, a primeira delas aconteceu em 14 de junho de 1942, logo na segunda partida em que jogou pelo clube contra o Palestra Itália. A segunda bicicleta, embora menos mencionada, foi fotograficamente registrada em maio de 1943, tornando-se também a capa de A Gazeta Esportiva. Já a mais famosa das bicicletas de Leônidas foi captada por Alberto Sartini cinco anos depois, durante a partida contra o Juventus, em 13 de novembro de 1948, quando o São Paulo ganhou por 8 a 0.

Em verdade, essa última e “vitoriosa” fotografia vinha sendo configurada no imaginário de torcedores e de fotógrafos desde os primeiros relatos que circularam no início da década de 1930. E muito embora se afirme que o primeiro a executar a bicicleta na América do Sul tenha sido o chileno Ramón Uzaga, em 1914, e o próprio Leônidas tenha



declarado não se entender como o criador da jogada, a fotografia de Sartini permanece sendo mobilizada como um atestado de sua invenção. É também Leônidas quem procura elucidar a razão de tal associação:

[F]oi a imprensa que denominou o nome de bicicleta. Para mim era um lance comum do futebol, em que a bola vinha passando e eu joguei as pernas para o ar e fiz o movimento de uma bicicleta. A imprensa então denominou que fui feliz, saiu o gol e que foi um lance de bicicleta que eu criei. Eu não sou o criador de nada porque o futebol tem cento e tantos anos e alguém já deveria ter feito nessa época. Eu talvez tenha difundido esse lance, mas não sou o criador de nada (SILVA, Leônidas, s/d) .

O jogador era consciente do papel cumprido pela imprensa ao registrar suas bicicletas e lhe atribuir a autoria. Uma vez que Leônidas frequentemente realizava a jogada e ocupava lugar de destaque ao final da década de 1930 sendo fotografado a todo momento, foi se tornando o principal representante da jogada – o que voluntária ou involuntariamente aumentava a chance de ter a jogada registrada fotograficamente.

O impacto da jogada na opinião pública e os comentários sobre ela produzidos foram configurando aquilo que torcedores, leitores, fotógrafos e seus editores gostariam de ver capturado fotograficamente. Assim, a imagem publicada na capa de A Gazeta Esportiva, em 1943, representa a primeira tentativa exitosa desse “desejo” que só se realizaria plenamente na fotografia icônica de Alberto Sartini, publicada pela mesma folha, na citada partida contra o Clube Juventus, em 1948.

As fotografias das bicicletas de Leônidas se tornaram, pois, tão significativas que seguem sendo recuperadas como modelo e prova de excelência, figurando como índice para as narrativas de sucesso do craque. A carreira futebolística e midiática de Leônidas lhe possibilitou, pois, concentrar e difundir signos e símbolos esportivos como a bicicleta que contribuíram para que ele se transformasse em um continente coletivo de saberes e de expectativas ou, em resumo, no primeiro craque da história do futebol brasileiro.



RESUMOS DA SESSÃO: REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO ESPORTE

5. Fernando Pierucetti e a invenção modernista do futebol mineiro

Marcelino Rodrigues da Silva
Pós-Doutor em História – FGV
lino-rodrigues@uol.com.br

O que pretendo, neste trabalho, é apresentar, em linhas gerais, os resultados de recente pesquisa de Pós-Doutorado realizada por mim, voltada para a elaboração de um ensaio biográfico sobre o artista plástico mineiro Fernando Pierucetti. Utilizando o pseudônimo Mangabeira, Pierucetti foi o criador das famosas mascotes que simbolizam os principais clubes de futebol de Minas Gerais, como o Galo, a Raposa, o Coelho etc, e diversas outras entidades do mundo esportivo. A pesquisa foi realizada nos anos de 2018 e 2019, junto ao CPDOC/FGV, sob supervisão do Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda, e desde sua conclusão venho trabalhando na organização de seus resultados na forma de um livro.

O objetivo inicial da investigação era, a partir da narrativa biográfica, reconstituir a rede discursiva em que as mascotes de Pierucetti foram lançadas, em charges publicadas pelo jornal Folha de Minas, a partir de meados dos anos 1940, a fim de compreender de que modo elas colocavam o mundo dos esportes em diálogo com outros domínios da vida cultural brasileira daquela época, especialmente a literatura e as artes visuais. Considerando a trajetória de Pierucetti como artista plástico de destaque no movimento que, em meados dos anos 1930, havia transformado o cenário artístico mineiro, desafiando o academicismo reinante naquele contexto e trazendo à tona as novas tendências da arte moderna, o trabalho partia da hipótese de que as charges e mascotes inventadas por ele para ilustrar as páginas esportivas dos jornais em que atuou poderiam ser lidas por meio de suas relações com os projetos estéticos e político-culturais do Movimento Modernista.

Sem perder o foco nessa hipótese inicial, que consideramos ter sido corroborada pela pesquisa, a imersão nas fontes documentais sobre a vida e o trabalho de Pierucetti acabou por impor, também, a exploração de duas outras linhas analíticas, voltadas para: 1) a própria construção do relato biográfico, como uma inevitável fusão entre uma dimensão referencial-documental e uma dimensão imaginativaficcional, necessária para a elaboração narrativa dos restos e vestígios do passado; e 2) a relação ambígua e vacilante estabelecida por Pierucetti



com a questão da autoria, tendo em vista o fato de que suas criações acabaram por se tornar, de certa forma, uma "propriedade do povo" (como afirmou um jornal mineiro, em certa ocasião), a despeito dos esforços jurídicos que ele realizou, no final de sua carreira, para fazer valer seus direitos autorais sobre elas.

O trabalho que pretendo apresentar, portanto, deverá se concentrar numa exposição sobre a trajetória artística e existencial de Fernando Pierucetti, seguida por uma breve reflexão na qual tentarei assinalar as possibilidades de exploração dessas três linhas analíticas.

DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

SALA 2 – LUDOPÉDIO

SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

Coordenação

João Manuel Casquinha Malaia Santos
Pós-Doutor em História Comparada – UFRJ
Professor UFSM
jmalai@gmail.com

Comunicações

1. AZEVEDO, João Paulo Maciel de. *Do mar a piscina: Campeonato sul americano de polo aquático na cidade do Rio de Janeiro (1919)*.
2. CASTRO, Raul de Paiva Oliveira. *A nova rota do futebol: estratégias do "dragão asiático" e suas implicações na geopolítica dos esportes*.
3. COUTO, Euclides de Freitas. *Manuel Vázquez Montalbán e o espectro político barcelonista*
4. GOMES, Eduardo de Souza. *Os Jogos do Centenário (Rio de Janeiro, 1922) e os Jogos Bolivarianos (Bogotá, 1938): uma análise comparativa*.
5. LIMA, Rodrigo Carrapatoso de. O Nordeste em Manchete: os estádios de futebol em revista



RESUMOS DA SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

1. Do mar a piscina: Campeonato sul americano de polo aquático na cidade do rio de janeiro (1919)

João Paulo Maciel de Azevedo
Mestre em Lazer - UFMG
joaoazevedo9@gmail.com

Esta comunicação, tem o objetivo de apresentar aspectos de um torneio de polo aquático, realizado na cidade do rio de janeiro em 1919. O campeonato teve sua organização na esteira do sul americano de futebol, que já vinha sendo realizado um pouco antes em outros países vizinhos. Por tanto, foi o primeiro sul americano da modalidade e contou com apenas três equipes do nosso continente. Além da seleção nacional, que foi composta somente por jogadores de clubes cariocas, a seleção da Argentina e do Uruguai.

Através da análise dos periódicos da cidade do rio de janeiro publicados naquele ano de 1919, foi possível observar os processos que ocorreram para a realização deste campeonato sul americano de polo aquático, o seu desenrolar e o desfecho do torneio, tendo o Brasil sagrando-se campeão. Contextualizando o desporto tem questão, o polo aquático teve sua primeira aparição em competições internacionais, em 1900. Nos Jogos Olímpicos de Paris. No entanto, ainda não existia uma confederação que regulamentasse o desporto em nível mundial. A criação da Federação Internacional de Natação (FINA) veio somente em 1908 e as regras foram uniformizadas em 1911. Sendo assim, o esporte se espalhou pelo mundo de diferentes modos. No Brasil, especificamente, na cidade do Rio de Janeiro. O polo aquático teve seu início, nos clubes de remo.

Por volta de 1913, começam a surgir os primeiros torneios de polo aquático envolvendo clubes do então Distrito Federal. Os atletas, quase sempre, eram já praticantes de Remo e ou natação. Os jogos aconteciam geralmente nas praias da Urca, Santa Luzia e na Enseada de Botafogo. Invariavelmente realizados no verão, os torneios de polo aquático da cidade do Rio de Janeiro, começavam no início da estação e iam até meados de abril. Para o ano de 1918, estava programado a realização de um torneio sul americano de polo aquático no Rio de Janeiro. Contudo, a gripe espanhola aproximava-se do país e ameaçava a vida social dos brasileiros.



Apesar de algumas autoridades da época, tais como o prefeito do Distrito Federal e o diretor de saúde pública tratarem a influenza como somente uma gripe, os paredros das entidades esportivas responsáveis, decidiram adiar as competições para o ano seguinte. Assim também, a Federação Brasileira das Sociedades de Remo, organizadora do torneio local, adiou o campeonato carioca de polo aquático, tendo seu início somente em fevereiro de 1919. Uma novidade surgia para os recém praticantes do polo aquático no rio de janeiro. A construção de uma piscina, coberta, possibilitou que os atletas praticassem o jogo fora das praias da cidade. Todavia, os jogadores ainda estariam em contato com a água salgada, visto que a piscina construída pelo Fluminense Football Club era abastecida por uma bomba que retirava a água do mar direto para a piscina.

Depois do acordo firmado entre a Federação Brasileira das Sociedades de Remo e o Fluminense Football Club, que cedia a piscina para o campeonato sul americano e o torneio local, deu se início a temporada do polo aquático carioca referente a 1918. Seis equipes participaram da competição: C. R. Boqueirão do Passeio, C. Natação e Regatas, C. R. Vasco da Gama. C.R. Guanabara, C. R. Flamengo e C. R. São Christovão.

O campeonato carioca de polo aquático de 1918, foi decidido um pouco depois da realização do torneio sul americano do mesmo desporto, realizado no mês de maio do ano de 1919. A seleção nacional derrotou com aparente facilidade os argentinos no primeiro jogo por 14 x 0. E posteriormente a equipe uruguaia por 11 x 0.

Interessante foi perceber, que a mídia carioca deu créditos a conquista da seleção brasileira de polo aquático, chegando uma das revistas especializadas em desporto, Vida Sportiva, estampar os jogadores em sua capa na edição de número 92 daquele ano de 1919. Uma espetacular fotografia colorizada apresenta aos leitores os sete atletas do Brasil.

Observamos por tanto, que havia uma grande discrepância entre as equipes concorrentes ao sul americano. As possibilidades podem variar, tais como as regras adotadas em cada país, visto que a sua proposta de universalização foi feita poucos anos antes deste torneio. Bem como, a seriedade com que se praticava o novo desporto, tendo em vista que também nas outras delegações concorrentes seus jogadores também pertenciam a equipe natação ou eram remadores. Por isso, este texto pretende fomentar os estudos históricos sobre o polo aquático, ainda muito discreto em nosso campo, assim como faz parte de um projeto de tese que pretendo investigar em um futuro doutorado.



RESUMOS DA SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

2. A nova rota do futebol: estratégias do "dragão asiático" e suas implicações na geopolítica dos esportes

Raul de Paiva Oliveira Castro

Doutorando em História Comparada - UFRJ

raulcastro13@hotmail.com

Nesta comunicação, pretendemos fazer uma investigação acerca da recente ascensão do futebol na China. Poucos estudos nas Ciências Sociais têm conferido a devida atenção ao crescimento econômico do "dragão asiático" e sua relação com a alteração da geopolítica desse esporte nos últimos anos. Então, o objetivo central desse estudo é elucidar o surpreendente desenvolvimento do futebol chinês, a partir das estratégias de poder encabeçadas pelo Estado, como também da participação do mercado. Sendo assim, interessamos primordialmente verificar a tendência de mercantilização do esporte: transações bilionárias de jogadores; aumento de patrocinadores; investimentos em categorias de base; incremento da indústria esportiva; etc.

Para cumprirmos nossa proposta, analisaremos alguns documentos oficiais da Federação Internacional de Futebol (FIFA), da Associação Chinesa de Futebol (CFA) e da República Popular da China (RPC), conferindo ênfase ao "Plano de desenvolvimento do futebol chinês a médio e longo prazo (2016-2050)". Observaremos como se deu a elaboração desse ousado planejamento estatal e de que maneira tem ocorrido uma forte aproximação entre os chineses e a entidade máxima do futebol mundial para realizá-lo.

Através do "socialismo com peculiaridades chinesas" e do "futebol com características chinesas", o Estado, juntamente com a iniciativa privada, tem fomentado a indústria esportiva no país, fundamental para um maior intercâmbio cultural e diplomático. Utilizando-se de estratégias como o "soft power" e o "nation branding", percebe-se a necessidade do governo mostrar uma imagem positiva do país perante a opinião pública internacional, de sorte que o futebol foi elencado como um dos principais motores desse empreendimento. O chamado "sonho chinês", marcado pela ideia de rejuvenescimento da nação, passa por uma obsessão do presidente Xi Jinping (um entusiasta do futebol) em realizar a meta das três Copas do Mundo



de futebol masculino da FIFA: voltar a participar do Mundial, sediar esse megaevento esportivo e conquistar o primeiro título da Seleção Chinesa.

Portanto, a nossa hipótese central reside no fato de que a China pode estar alterando a dinâmica da geopolítica dos esportes no âmbito internacional, em função da sua imersão agressiva no cenário econômico futebolístico recente. Outrossim, acreditamos que a sua chegada nesse momento está inserida dentro de um contexto mais amplo de aproximação dos agentes transnacionais (FIFA e COI, por exemplo) com os países do BRICS. Isto é, as economias emergentes vêm se utilizando dos megaeventos esportivos (Copa do Mundo e Olimpíadas, principalmente) para se mostrarem mais fortes perante o mundo, ainda que também sejam reveladas suas fraquezas.

Consideramos que analisar os megaeventos esportivos permite estabelecermos uma relação entre o futebol e a opinião pública, tema ainda carente de trabalhos e que se trata de uma das principais preocupações dos regimes políticos. Logo, o nosso estudo concentra-se nas estratégias utilizadas pelo governo chinês para dialogar com os mais variados setores da sociedade e agentes externos. Neste sentido, a forma pela qual a prática esportiva tem sido mobilizada no âmbito das relações internacionais é vista por alguns autores como uma possibilidade promissora de estudo da história do esporte, posto que geopolítica e futebol estão cada vez mais interligados. Em suma, o nosso tema reside na importância da China para as possíveis futuras transformações do esporte mundial, principalmente graças ao presidente Xi Jinping, que vem mobilizando o país em torno dos megaeventos esportivos.

Por fim, a presente comunicação procura se inserir nas mais recentes contribuições oriundas da história econômica do futebol, cuja revisão bibliográfica mostra-se primordial para elucidar inúmeras questões. Em que pesem os recentes avanços, o campo esportivo ainda carece de mais pesquisas e diálogos com outras áreas do conhecimento. Acreditamos que esta já é uma característica marcante da historiografia dos esportes e gostaríamos de contribuir nesse debate. Com relação aos estudos sobre a história do futebol propriamente dito, assistimos nos últimos anos a um crescimento substancial de trabalhos no Brasil, especialmente a partir da década de 1990. A nossa intenção será reforçar uma visão dialética sobre os fenômenos futebolísticos e demonstrar as suas ambiguidades. Logo, entendemos que o esporte, como qualquer outro fenômeno da sociedade, merece um olhar mais abrangente dos pesquisadores sob várias perspectivas.



RESUMOS DA SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

3. Manuel Vázquez Montalbán e o espectro político barcelonista

Euclides de Freitas Couto

Pós-doutor em História Comparada – UFRJ

euclides@ufs.br

Manuel Vázquez Montalbán foi um dos mais importantes escritores e jornalistas espanhóis contemporâneos. Possui uma vasta e reconhecida que vai da poesia à prosa, passando pelas novelas e biografias. Além disso, trabalhou como cronista esportivo em diversos jornais espanhóis e catalães. Pela magnitude e qualidade da sua obra, grosso modo, podemos dizer que ele poderia ser o Nelson Rodrigues catalão: um autor que transita pela literatura e pelo jornalismo esportivo com a mesma elegância e eloquência. As semelhanças não param por aí. Moltalbán era expectador incondicional dos jogos do Barcelona, cuja passionalidade rendeu-lhe inúmeros textos que se converteram em clássicos da literatura esportiva catalã. Da década de 1960 até sua morte em 2003, redigiu mais de 400 textos dedicados ao F.C. Barcelona. Os significados políticos e sociais do F.C. Barcelona, a rivalidade com o Real Madri, as eleições e a gestão do clube, além das temáticas propriamente esportivas são as principais incursões da obra montalbaniana. Para essa comunicação focaremos, especialmente, na análise das crônicas dedicadas aos significados políticos assumidos pelo F.C. Barcelona. Suas crônicas são, indiscutivelmente, fragmentos da história política do clube, um amálgama de recordações, reflexões, vivências que se exteriorizam a partir de cada temporalidade vivida próxima ao seu clube do coração. Os embates esportivos e políticos com o arquirrival Real Madrid fornecem a Moltalbán o pano de fundo e o combustível e para dramatizar as tensões políticas entre a Catalunha e a Espanha. Seus textos dedicados a essa querela expressam com muita elegância e lucidez em que medida a esfera esportiva metaforizou os embates políticos que até hoje canalizam a atenção do país. Portanto, além de apresentar e contextualizar a obra de Moltalbán, o objetivo da comunicação é desvelar os sentidos políticos subjacentes a ela, evidenciando o lugar da crônica esportiva no espectro das tensões identitárias que ilustram a história espanhola contemporânea.



RESUMOS DA SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

4. Os Jogos do Centenário (Rio de Janeiro, 1922) e os Jogos Bolivarianos (Bogotá, 1938): uma análise comparativa

Eduardo de Souza Gomes

Doutor em História Comparada – UFRJ

eduardogomes.historia@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo problematizar dois eventos esportivos ocorridos no cenário cultural e político da América Latina. O primeiro, cronologicamente, está inserido nos festejos do centenário da independência do Brasil em 1922, enquanto o outro fez parte das comemorações do quarto centenário da cidade de Bogotá, capital da Colômbia, em 1938. Assim, se faz possível realizar comparações que aguçam o olhar sobre as semelhanças, diferenças e continuidades entre os dois objetos. Enquanto no Brasil foram aqui analisados os Jogos do Centenário de 1922, na Colômbia são problematizados os Jogos Bolivarianos de 1938.

No caso brasileiro, os Jogos do Centenário de 1922 foram realizados na cidade do Rio de Janeiro no âmbito dos festejos organizados para a celebração do centenário da independência do Brasil. O que aqui chama-se de “Jogos do Centenário” são, na verdade, dois eventos ocorridos nesse cenário de comemorações: os Jogos Olímpicos Latino-Americanos e o VI Sul-Americano de Seleções de Futebol.

Ao analisar as fontes, é possível identificar que foram concedidas diferentes nomenclaturas para o evento principal ocorrido em terras cariocas: “Jogos do Centenário”, “Jogos Latino-Americanos”, “Jogos Olímpicos Latino-Americanos”, “Jogos Olímpicos Sul-Americanos”, entre outros. Em algumas ocasiões, o evento referente ao futebol (VI Sul-Americano de seleções) é citado como parte da mesma competição, que incluía também as outras modalidades. Em outras, é corretamente destacada a separação entre o torneio do nobre esporte bretão e os jogos das demais práticas esportivas.

Entende-se nesse trabalho que o termo “Jogos do Centenário” se coloca como o mais apropriado para classificar o objeto analisado, já que, como se tornou possível observar nas fontes, esse termo contempla tanto o VI Sul-Americano de seleções de futebol quanto os Jogos Olímpicos Latino Americanos (com todas as outras modalidades esportivas). Tendo em



vista que ambas as competições se inseriram na agenda do centenário e, assim, são aqui problematizadas, essa foi a nomenclatura mais didática e coerente, dentre aquelas que aparecem nas fontes, para se fazer referência a todos os eventos esportivos ocorridos nos festejos de 1922 no Brasil.

Já na Colômbia, são aqui investigados os primeiros Jogos Bolivarianos da história, que foram realizados em 1938 como parte das comemorações dos quatrocentos anos da capital do país, a cidade de Bogotá. O evento ocorreu na própria cidade e contou com a participação dos principais países que possuem Simón Bolívar como o símbolo maior de suas lutas pela independência. São esses: Bolívia, Equador, Panamá, Peru e Venezuela. Todos são, na atualidade, filiados à Organização Desportiva Bolivariana.

Diferente dos Jogos do Centenário que, apesar de ter influenciado competições futuras (como os Jogos Panamericanos), só ocorreu no ano de 1922, os Jogos Bolivarianos continuam sendo realizados até os dias atuais, normalmente de quatro em quatro anos. Sua décima oitava e até o momento última edição, ocorreu em 2017 na cidade de Santa Marta, Colômbia. O próximo evento já está agendado para 2021, a ser realizado na cidade de Valledupar, também na Colômbia.

A comparação desses dois eventos nos permitirá problematizar, neste trabalho, as relações possíveis existentes entre o esporte e as relações internacionais de Brasil e Colômbia nos períodos retratados, sendo destacado, com base na análise de jornais dos períodos, as principais diferenças, semelhanças e conexões possíveis entre os objetos.

RESUMOS DA SESSÃO: EVENTOS ESPORTIVOS E PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

5. O Nordeste em Manchete: os estádios de futebol em revista.

Rodrigo Carrapatoso de Lima

Doutorando em História Contemporânea – UC

rodrigocarrapatoso@yahoo.com.br

O Golpe Civil-Militar de 1964 foi arquitetado durante anos, contando com fartos recursos dos grupos conservadores que imprimam um terror psicológico da existência de uma subversão permanente convencendo as classes médias a apoiar o governo golpista. Com esta tomada de poder, o Brasil ingressou em um período ditatorial. Assim, em nome do



“anticomunismo”, o Regime Militar instaurado foi responsável por diversas perseguições, prisões, desaparecimentos e assassinatos de elementos considerados subversivos.

Durante os 21 anos que esteve no poder, a Ditadura Militar adotou, para além das várias medidas repressivas já citadas, o controle dos meios de comunicação e da organização econômica. Ao pesquisar a Revista Manchete neste intervalo, percebe-se que sua contribuição em torno do projeto do governo ditatorial é bastante significativa. Demonstrando claramente seu posicionamento político, disseminando em suas páginas o otimismo e a euforia, a revista associava o crescimento econômico ao autoritarismo.

Ao falar do Nordeste do Brasil, a Revista Manchete muitas vezes destacava os avanços de empresas e indústrias dos mais variados ramos (tais como cimento, sistema de rádio e televisão, usinas e bancos). No entanto esse “desenvolvimento” contrastava com a situação de miséria em que a maioria da população nordestina se encontrava. Urgia, então integrar o “novo nordeste” à realidade.

Considerado um barril de pólvora prestes a explodir, principalmente dado o contexto social dramático da seca, da fome e da necessidade de terra dos trabalhadores rurais, o Nordeste, sobretudo no Governo Médici, mereceu atenção especial das políticas públicas. Por conseguinte, aproveitando-se da euforia desenvolvimentista do “milagre econômico”, tendo em vista aliviar as tensões sociais na região e garantir a segurança nacional, o governo ditatorial buscou caucionar a expansão do Nordeste com grandes obras.

Neste momento, através da chamada política de integração nacional, cada capital nordestina viu nascer, ou viu crescer, sob a forma de concreto, o programa político de governo. Os estádios de futebol, gigantes do “Brasil Grande”, pois muitos tinham a capacidade para mais de 50 mil torcedores, configuraram-se como poderoso instrumento para aproximar o regime da população, seduzindo e encantando-a.

Fora o seu aspecto urbano imponente, estas “maravilhas do regime” buscavam, além de preservar e reforçar a coesão interna (integração nacional), marcar o início de uma nova etapa para o futebol nordestino estabelecendo prestígio nacional.

Enfim, fazendo parte das investigações e análises do doutoramento ainda em curso, esta comunicação busca preencher lacunas nas pesquisas da historiografia brasileira visto que até o momento não foram encontrados textos que correlacionam o período da ditadura (1964-1985) e sua política de integração nacional com a construção e ampliação dos estádios de futebol no nordeste brasileiro.





II ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIADORES DO ESPORTE

DIA 1 | 12 DE AGOSTO DE 2020

SALA 2 – LUDOPÉDIO

SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

Coordenação

Flávia da Cruz Santos

Doutora em Estudos do Lazer – UFMG

Professora UFJF e UFMG

flacruz.santos@gmail.com

Comunicações

1. BATISTA, Vinicius Eduardo Leite. *O esporte em São João Del-Rei na década de 1940: da fundação da Liga Municipal de Desportos às práticas esportivas locais*
2. FLORES, Amanda Azevedo. *A construção da ginástica em academia e sua prática em Salvador entre 1975 a 1988*
3. FREIRE, Danilo Raniery Alves; MACHADO, Luan Alves. *Os Primórdios do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador*
4. PEREIRA, Ester Liberato. *Constituição da teia paraesquestre: ações iniciais do hipismo brasileiro em Jogos Paralímpicos*
5. RICCI, Marcelo Rezende. *História do turfe e escravidão: possibilidades e perspectivas*



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

1. O esporte em São João Del-Rei na década de 1940: da fundação da liga municipal de desportos às práticas esportivas locais

Vinicius Eduardo Leite Batista
Mestre em Lazer – UFMG
batistaef@hotmail.com

Palavras-chave: História do Esporte, Era Vargas, Imprensa, São João del-Rei, Liga Municipal de Desportos.

O presente trabalho faz parte da pesquisa que culminou na elaboração da dissertação de mestrado intitulada “A fundação da Liga Municipal de Desportos de São João del-Rei e a constituição do esporte local nas páginas do jornal “O Correio” (1941-1949) a qual foi realizada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Deste modo, este trabalho tem por objetivo compreender e discutir a constituição do esporte – especialmente, o futebol – em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os anos de 1941 e 1949, com base na análise histórica do jornal local “O Correio”. Diante disto, este texto dialoga a respeito das práticas esportivas constituídas na histórica cidade mineira durante a década de 1940 e destaca de forma especial a fundação da Liga Municipal de Desportos (LMD), ocorrida em 1944. Do ponto de vista metodológico, este trabalho pautou-se por uma investigação exploratória, de natureza qualitativa, onde ocorreu o levantamento de fontes advindas deste referido jornal, o qual se encontra junto ao acervo da Biblioteca Baptista Caetano d’Almeida, na cidade de São João del-Rei. É relevante enfatizar que o dado jornal manteve-se em circulação nesta cidade durante todo o período estudado. Diante desta pesquisa, é possível destacar dois principais temas, que serão abordados a seguir. A primeira temática de relevância a ser destacada é a fundação da Liga Municipal de Desportos, no ano de 1944. Dada instituição originou-se diante de um processo que possui ligação com diversos fatos históricos, como a fundação do Conselho Nacional de Desportos (CND) pelo governo de Getúlio Vargas, em 1941, e o encerramento no mesmo ano da denominada Liga Esportiva Oeste de Minas, órgão que organizava e fomentava o esporte local até então. Além disto, é importante enfatizar que há relatos nas fontes de estudo deste trabalho, sobretudo nos anos de 1943 e 1944, que versam



sobre a constituição de um novo órgão fomentador do esporte local que fosse alinhado ao CND e conseqüentemente ao governo de Vargas. Assim, é possível afirmar que as políticas esportivas do governo de Getúlio Vargas foram importantes para a fundação da Liga Municipal de Desportos de São João del-Rei no início do ano de 1944. Outro ponto relevante para este trabalho é discutir acerca das práticas esportivas existentes em São João del-Rei neste período. Assim como na maior parte do país, o futebol era a atividade que mais possuía destaque nas páginas jornalísticas; e por sua vez já se encontrava agremiações com cerca de 40 anos de atividades na cidade. Além disto, o jornal “O Correio” evidencia que na referida época existia diversas práticas esportivas consolidadas e organizadas por meio de clubes e agremiações. É importante destacar que na época as modalidades mais evidenciadas pelo referido jornal além o futebol, eram sobretudo o Voleibol e o Basquetebol. Por fim, é válido ressaltar também que outras modalidades já eram constituídas na cidade como por exemplo o tênis e o atletismo. Dadas modalidades foram colocadas em evidencia em um número menor de vezes pelo referido jornal durante dado período, dando a entender que estas possuíam um número menor de agremiações e praticantes. Assim, é importante destacar que o governo de Vargas possuiu papel importante não só na fundação da liga esportiva local, mas também na tentativa de difundir o esporte diante de suas políticas e que o periódico estudado possuiu relevância neste período para dado processo. Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir para as pesquisas no campo de estudos da história do esporte, sobretudo, no interior de Minas Gerais.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

2. A construção da ginástica em academia e sua prática em salvador entre 1975 a 1988

Amanda Azevedo Flores

Doutoranda em Educação – UFBA

professoraamandaazevedo@gmail.com

Palavras-chave: Formação de professores; Ginástica em Academia; História Oral.

O presente estudo faz parte do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha temática Educação, Cultura Corporal e Lazer. Entendemos que a ginástica é uma das práticas corporais de maior tempo de experimentação no mundo, praticada em vários espaços sociais, com objetivos diferentes, com possibilidades diversas de execução, podendo sua prática ser realizada em diversas modalidades. Definirmos o foco dessa pesquisa nos espaços das academias de ginástica se torna essencial, justo por reconhecermos as especificidades de cada tipo de ação junto a esta atividade. A problemática central desta pesquisa está em quais os elementos constituintes e os personagens atuantes na construção da ação da ginástica em academia na cidade de Salvador? Tem como intuito principal compreender a construção da ação profissional da ginástica em academia em Salvador entre os anos de 1975 a 1988, os desdobramentos da Educação Física e início de atuação dos já graduados na cidade. Nosso estudo trata-se de uma pesquisa histórica, com a abordagem da história oral, utilizando de entrevistas, fontes bibliográficas, documentos oficiais e documentos não oficiais. A delimitação do interesse de estudo pelo curso da Universidade Católica de Salvador se deu pelo fato de ser o primeiro do estado a formar professores de Educação Física a partir de 1975. O pensamento de época dos professores e as experiências na construção da prática da ginástica em academia, a partir de suas atuações fazem parte das excitações presentes nesse trabalho. Nesse contexto, a partir de uma opção metodológica pela história oral, as fontes e os personagens dão sentido ao contexto social, com o passado, com o presente e entrelaçam entre o tempo, servindo para interpretar a reconstrução dos acontecimentos. De caráter metodológico a análise será pautada em fontes documentais e além de realizar entrevistas



semi-estruturadas com profissionais atuantes desta temática, visando promover elementos que de alguma forma preencham as lacunas existentes na história da Educação Física baiana. O motivo que nos levou a constituição do estudo está na necessidade de pensarmos na inexistência de arquivos acessíveis e organizados, documentos, registros e pesquisas que retratem de alguma forma e preserve a história dessa prática profissional em Salvador, buscando recuperar uma das histórias desta área de conhecimento no estado. Como apontamentos da realidade e perspectivas, apesar de não termos ainda uma análise de dados completa, que nos permita uma constatação conclusiva, podemos afirmar que a formação na Universidade Católica deu a base do conhecimento nos métodos ginásticos, porém nada específico para a prática da ginástica em academia, no período algo inovador. Os profissionais iniciaram suas ações de forma autônoma e criando seus métodos de intervenção através das influências na base de sua formação, só na década dos anos 1980 que o movimento da aeróbica que fortalece e norteia as ações de forma padronizada. A ginástica em academia passa a ser uma oportunidade de trabalho na cidade e abre portas para esses profissionais assumirem cargos de gestão e tornando-se proprietário de uma academia de ginástica, fortalecendo assim uma geração que marcou o processo dessa prática no estado. Por hora, contudo, consideramos duas hipóteses de conclusão, uma de que os profissionais construíram um modelo de intervenção da prática no estado, evidenciando a lacuna na formação específica da prática na sua graduação. E outra, de que essa prática abriu novas possibilidades e perspectivas na ação desses profissionais em Salvador. Sabemos da necessidade de novos estudos e a continuação deste, que venham a apresentar novos olhares, personagens e contextualizações, que servirão para alargar a visão da formação e das formas de trabalho da Educação Física na Bahia e no Brasil.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

3. Os Primórdios do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador

Danilo Raniery Alves Freire
Mestrando em Educação – UFBA
danilo.raniery@hotmail.com

Luan Alves Machado
Mestrando em Educação – UFBA
luanxmachado@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A cidade de Salvador historicamente assume uma relevância no cenário nacional, no contexto das lutas. Tal destaque pode ser atribuído, dentre as possibilidades, ao fato de que é a cidade natal de Waldemar Santana, um destacado lutador de Vale Tudo brasileiro que nos anos 50 protagonizou lutas emblemáticas numa severa rivalidade com a família Gracie.

No que se refere ao Jiu-Jitsu Brasileiro, este estudo parte da história hegemônica consolidada, em que os Gracie se apropriaram de técnicas de luta agarrada provenientes dos estudos antigos japoneses, a partir da sua relação com o Conde Koma, e sistematizaram uma nova modalidade, que ficou conhecida como Jiu-Jitsu Brasileiro ou Jiu-Jitsu Gracie (MAÇANEIRO, 2012).

Diante deste panorama, esta pesquisa objetivou contribuir com a construção da história das lutas, com enfoque específico na formação do Jiu-Jitsu Brasileiro no contexto da cidade do Salvador.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado sob a perspectiva da História Oral, que se apresentou enquanto uma ferramenta possível e escolhida para apreender o objeto de pesquisa em questão. A fundamentação metodológica se dá, primordialmente, em Portelli (1997), o qual apresenta a História Oral como uma metodologia que nos permite vivenciar o passado através do cruzamento de informações envolvendo centralmente a memória das pessoas entrevistadas. Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa, que se localiza no período entre os anos de 1985 e 1995. Por se referir a um período relativamente recente, foi feita a opção metodológica

60



de entrevistar sujeitos relevantes deste período e enfoque em questão, especificamente, antigos mestres de Jiu-Jitsu Brasileiro e Judô da cidade de Salvador, por meio de entrevistas semiestruturadas.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Em linhas gerais, algumas conclusões são possíveis a partir das informações retiradas das fontes tratadas neste trabalho. É inquestionável que Charles Gracie veio para a cidade na segunda metade dos anos 1980, e que este teve um impacto na consolidação da modalidade na cidade. Foi possível verificar a existência de alguns atores que tiveram participação essencial nesse processo, dentre eles vale mencionar os irmãos Ricardo e Edson Carvalho, Luiz Augusto de Souza, Charles Gracie, Jorge Sobreira e outros.

Certamente houve contatos anteriores com a modalidade na cidade, mas que se perderam no tempo. Os mestres locais, de acordo com as fontes, praticavam um Judô diferente da formatação atual, no qual as técnicas de solo sempre fizeram parte das suas rotinas de treinamento e estudo. Nesse sentido, foi natural a adequação ao foco no treino de solo que o Jiu-Jitsu Brasileiro exigia. Não houve grandes mudanças no aspecto técnico, apenas uma adequação no foco do treino. A divisão das modalidades é clara, mas as histórias se cruzam e se influenciam mutuamente.

Outro fator importante diz respeito a projeção econômica que a modalidade tinha alcançado nacional e internacionalmente. A evidência midiática do Jiu-Jitsu Brasileiro, a partir das estratégias de marketing da família Gracie, colocavam a prática em situação de destaque, o que tornou atrativo aos tradicionais mestres de Judô da cidade se dedicarem a esta modalidade.

O processo de migração de japoneses para o Brasil teve grande impacto na formação das modalidades de lutas agarradas no cenário nacional, e foram fundamentais naquilo que se firmou, embora haja reformulações. E no que se refere a cidade de Salvador, o Judô, prática fixada em período anterior ao Jiu-Jitsu Brasileiro, teve fundamental importância no processo de afirmação da modalidade em questão.

É possível interpretar que a modalidade em Salvador se formou originalmente em bairros centrais da cidade, e que no recorte temporal em que esta pesquisa se deu, não foi encontrado nenhum registro de que esta prática tenha acontecido nas ditas regiões de periferia. Aqui cabe



citar a noção de periferia e de centro de FREITAS (2008), que compreende os termos como conceitos relacionais um ao outro. Que podem ser atrelados a relações de cultura, política e poder econômico. Pode ser aplicado neste caso, como uma relação entre bairros onde vivem famílias de alto e baixo poder econômico, centrais e periféricos, respectivamente. Esta constatação pode apontar possibilidades de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

FREITAS, G. B. **Periferia midiaticizada – midiaticização da periferia**. IV ENECULT, Salvador: FACOM-UFBA, mai. 2008.

MAÇANEIRO, G. G. B. **Do Judô ao Gracie Jiu-Jitsu: A influência do judô Kodokan na idealização e no desenvolvimento do Jiu-Jitsu brasileiro**. TCC (Graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Curso de Graduação em Educação Física. 2012.

OLIVEIRA, C. L. **Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características**. Travessias, Paraná, 4. ed. 2009.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. In: **Cultura e Representação**. Projeto História, São Paulo, v. 14, p. 25-39, jan./jun. 1997.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

4. Constituição da teia paraesportiva: ações iniciais do hipismo brasileiro em Jogos Paralímpicos

Ester Liberato Pereira

Doutora em Ciências do Movimento Humano – UFRGS

ester.pereira@unimontes.br

Este estudo explora as figurações e redes de interdependência do hipismo brasileiro no âmbito do paradesporto. A prática paraesportiva, também conhecida como equitação terapêutica, é uma das quatro vertentes do hipismo praticadas no Brasil, sendo as demais o Hipismo Clássico, o Hipismo Rural e a equitação de lazer. Ressalta-se que a vertente terapêutica do hipismo tem sua configuração de reabilitação física e social de pessoas com alguma deficiência. E, apesar de ser uma prática esportiva antiga, se sobressaiu no cenário hípico somente a partir da década de 1970, ao receber o status de competição pela ação de países como Escandinávia e Grã-Bretanha. Contudo, a prática paraesportiva estreou, em Jogos Paralímpicos, apenas em 1984, quando houve sede conjunta entre Nova Iorque (Estados Unidos) e Stoke Mandeville (Inglaterra). Apesar disso, a modalidade ingressou na programação oficial dos Jogos Paralímpicos somente na edição do ano de 2000, em Sydney (Austrália). No caso do Brasil, a Equitação Terapêutica passou a ser exercida também na década de 1970 e, dentre os precursores desta iniciativa, encontravam-se a fisioterapeuta Gabriele Brigitte Walter e o Centro Equestre do Torto, em Brasília, no Distrito Federal, onde foi instaurada a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL). No entanto, a concepção esportiva somente consolidou-se a partir de 2000, quando Gabriele Brigitte Walter apresentou-se como uma das precursoras na administração de cursos e na procura por adesão da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH), a qual passou a regulamentar este esporte a partir de 2002 (HISTÓRICO..., 2012). Trata-se, em especial, da modalidade de Adestramento Paraesportivo, única disciplina do Hipismo do Programa Paralímpico, e oitava disciplina esportiva da Federação Equestre Internacional (FEI), sendo praticada por pessoas com deficiência física nos membros inferiores, baixa estatura, deficientes visuais e paralisados. O Adestramento Paraesportivo, no programa paralímpico, ocorre com as seguintes provas: individual, estilo livre individual e por equipes. Diante tais considerações, apresenta-se a



questão norteadora deste estudo histórico: como se desenvolveram as relações intersubjetivas que compuseram uma figuração da prática do hipismo paraequestre em clubes e regimentos de cavalaria no Brasil até a primeira atuação de paratletas brasileiros em Jogos Paralímpicos. Para contemplar o objetivo proposto, realizou-se a coleta de informações em fontes de diversas naturezas, a saber: fontes impressas e digitais, tais como reportagens de jornais e revistas sobre o esporte paraequestre no Brasil; documentos disponíveis nos sites da CBH, ANDE-BRASIL e Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB); Atlas do Esporte no Brasil; e ainda contou-se com informações oriundas de entrevista com o primeiro paratleta brasileiro a participar de uma edição de Jogos Paralímpicos na modalidade. As fontes impressas e digitais foram submetidas à técnica de análise documental; a fonte oral foi submetida a uma análise qualitativa do conteúdo. E, todas as fontes consultadas, independentemente de sua natureza, foram analisadas empregando, como apoio teórico para a composição dessa narrativa histórica, os princípios da História Cultural e categorias da análise figuracional desenvolvidas pelo sociólogo Norbert Elias, designadamente, de figuração, redes de interdependência e equilíbrio de tensões. Também foi realizada uma revisão bibliográfica. Por meio da interpretação dos indícios, bem como da análise documental e qualitativa do conteúdo, evidenciou-se o arranjo de uma sociedade “adequada” do hipismo no Brasil, com um arcabouço organizacional associativo. De tal modo, determinava e compartilhava representações culturais e sociais, indicadores de conduta e emoção, tensionados pelos grupos que pertenciam à rede que constituíam uma figuração capaz de garantir a primeira vaga do Brasil, no hipismo paralímpico, para o paratleta Marcos Fernandes Alves, o Joca, em Atenas 2004 (Grécia). Antes disso, Joca teve condições e estrutura contextual para conquistar duas medalhas de ouro nos Jogos Parapan-americanos de Mar del Plata, na Argentina, em 2003. Nessa rede, indivíduos singulares, como Joca, apresentaram-se inseridos em coletividades que ocuparam arranjos centrais, bem como, coesões de indivíduos que ocuparam disposições estratégicas dentro do grupo de pertencimento, em função de suas interdependências. Ademais, foram abalizados arranjos de uma rede diretora do hipismo brasileiro, em especial da sua figuração paraequestre, identificada como um universo desenvolvido com registros de ações protagonistas de mulheres, tanto nas primeiras iniciativas de introdução da prática no país, por meio de Gabriele Brigitte Walter, como na direção técnica das equipes, na qual se destaca a atuação de Marcela Frias Pimentel Parsons. Ambas pertenciam a uma elite cultural e/ou econômica e/ou social e/ou militar, situando, inclusive, o eixo espacial de



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E INSTITUCIONALIZAÇÃO

5. História do turfe e escravidão: possibilidades e perspectivas

Marcelo Rezende Ricci
Graduado em História – USP
marcelorricci@gmail.com

Entre 1887 e 1889 os portões do hipódromo Paulistano estiveram praticamente fechados. Com exceção de uma ou outra corrida promovida por particulares, as pistas do Prado Paulistano pouco apareceram nas notícias dos jornais da época. Costa (1920) argumenta que a causa da suspensão das atividades deve-se à crise política e às questões abolicionistas. Vale destacar que o presidente do Club de Corridas Paulistano, Rafael Aguiar Paes de Barros, também é sócio fundador de duas entidades deste período: A Sociedade Promotora de Imigração (1886) e a Associação Libertadora e Organizadora do Trabalho na Província de São Paulo (1887). Cabe investigar futuramente os impactos das questões abolicionistas da época nos empreendimentos esportivos da elite paulistana. Assim, o presente trabalho pretende apontar possíveis caminhos de pesquisa sobre o turfe no Brasil vinculado à escravidão.

A historiografia recente sobre a escravidão no Brasil alterou o entendimento sobre esta instituição, lançando luz sobre a face interna da escravidão e investigando os variados usos sociais do ser escravizado (MARQUESE, 2013). Já os estudos sobre os esportes também vêm crescendo tanto em quantidade como em qualidade, versando sobre as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e em diversas temporalidades, inclusive no período do segundo império (MELO, 2015; SANTOS; GIGLIO, 2017).

Contudo, não existem trabalhos que explorem a relação da escravidão com as práticas esportivas no Brasil, incluindo o turfe, considerado um dos esportes que mais atraiu entusiastas e apostadores no período (MELO, 2001; KARLS, 2017; SANTOS, 2017). Na produção internacional sobre o turfe, Mooney (2014), nos mostra a possibilidade de os escravizados alcançarem algum nível de reconhecimento e liberdade por meio desta prática esportiva. A autora ainda apresenta outros usos sociais dos escravizados, sendo as corridas entendidas pelos senhores como momentos de legitimação de uma servidão perfeita, no qual as vitórias logradas por alguns negros escravizados nas pistas de corrida eram fruto da condição e do modelo servil praticado pelos seus senhores.



Rafael Aguiar Paes de Barros, vereador eleito pelo Partido Republicano Paulista e dono de uma das maiores fortunas da Província de São Paulo (MELLO, 1985), possuía uma grande quantidade de escravizados (180), que deveriam ser libertados no prazo máximo de um ano (CORREIO PAULISTANO, 11 dez 1887, p. 2). A articulação de várias esferas de produção e riqueza realizada por Paes de Barros, na qual as sociedades abolicionistas e o Club de Corridas estão inseridos, aponta um possível caminho de pesquisa que utiliza da trajetória de vida dos sportsmen como uma questão norteadora para entender as inter-relações políticas e econômicas deste período.

Em 1884, ano de abolição da escravidão na Província do Rio Grande do Sul, era criado o jornal A Federação, principal plataforma de divulgação do Partido Republicano Rio-Grandense. Neste mesmo ano, duas corridas com propósitos excepcionais foram anunciadas neste jornal pelo Prado Boa-Vista e pelo Prado Rio-Grandense: as corridas pela causa abolicionista. A estratégia de ambos era cobrar um valor na entrada dos eventos em benefício do abolicionismo (A FEDERAÇÃO, 18 ago 1884, p. 2; 30 ago 1884, p. 2). De acordo com as notícias no dia seguinte às corridas, o público presente foi bastante numeroso.

A partir dos dois casos acima, que merecem mais investigação, podemos projetar algumas aproximações iniciais sobre a temática da escravidão na história do esporte. A defesa da causa abolicionista, exercida pelos partidos republicanos das províncias no período, constitui uma das relações políticas dos sujeitos envolvidos. A ingerência dos sportsmen na vida política retrata o modelo operatório de como parte da elite brasileira administra seus negócios no período, diversificando as suas atividades e investimentos em diversas sociedades civis, inclusive na área do esporte.

Para além das possibilidades apresentadas, muitas outras ainda são desconhecidas. A investigação sobre as práticas esportivas a partir da documentação de processos-crime, pode nos oferecer uma análise acerca das relações paternalistas ou sobre as fraudes contra a população negra. Outra possibilidade parte de um exame dos inventários e testamentos dos sportsmen, investigando suas posses, inclusive de escravizados, e apreendendo mais elementos da sua dinâmica de atuação.

REFERÊNCIAS

COSTA, Olival. **Manual do Turfe**. São Paulo: Seção de obras do Estado de São Paulo, 1920.



KARLS, Cleber Eduardo. **Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado em História) Rio de Janeiro: Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada – UFRJ, 2017.

MARQUESE, Rafael Bivar. “As desventuras de um conceito: capitalismo histórico e a historiografia sobre a escravidão”. **Revista de História.** São Paulo, n. 169, jul./dez. 2013, p. 223-253.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. “Entre a elite e o povo: o sport no Rio de Janeiro do século XIX (1851-1857)”. In: **Revista Tempo.** Rio de Janeiro, v. 21, n. 37, jan, 2015, p. 208-229.

MELLO, Zélia Maria Cardoso de. **Metamorfoses da riqueza.** São Paulo 1845-1895. São Paulo, Editora Hucitec, 1985.

MOONEY, Katherine Carmines. **Race horse men: how slavery and freedom were made at the racetrack.** Cambridge, MA: Harvard University, 2014.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GIGLIO, Sérgio Settani. O papel da memória na construção da identidade organizacional: a Sociedade Jockey Club (1868-1932) e o “desenvolvimento da riqueza pastoril”. Recorde: **Revista de História do Esporte,** Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-21, jan./jun. 2017.

SANTOS, Flávia da Cruz. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828 – 1889).** Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação.

PERIÓDICOS CONSULTADOS: **A Federação; Correio Paulistano.**



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020

SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS

SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO ESPORTE

Coordenação

Diana Mendes Machado da Silva

Doutora em História Social – USP

dianamendes@usp.br

Comunicações

1. BRAGA, Thiago Oliveira. *Bola dividida: Futebol e Publicidade no Estado Novo (1937-1945)*
2. FORTES, Rafael. *Surfe, lazer e segregação nas praias da África do Sul (1976-1991)*.
3. LAGE, Marcus Vinícius Costa. “*Verde e preto sagrado...*”: notas sobre a criação e monumentalização da camisa do América
4. LÁZARO, João Pedro Prado Mercês. *Futebol-arte e mulatismo: Placar e a figura de Pelé na Copa de 1970*
5. MORAES, Hugo da Silva. *Futebol, Ditadura e Identidade Nacional: Revistas Estádio e Placar em perspectiva comparada (1973-1985)*



RESUMOS DA SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL

1. Bola dividida: Futebol e Publicidade no Estado Novo (1937-1945)

Thiago Oliveira Braga

Graduado em Filosofia – UECE

thiago.oliveira.braga.historia@gmail.com

Pretendemos trabalhar neste artigo o papel do estado brasileiro durante o período ditatorial, com interferência de censura a publicidade para a copa do mundo de 1938. Todavia gostaríamos de historicizar o processo e perceber que a publicidade e o consumo perpassam a vida social do início do século XX, e permanecerá, mesmo em regime ditatorial.

Em 1938, o Brasil disputaria o 3º mundial de futebol, 2ª participação em continente europeu, e alguns pontos se assemelham ao mundial de 1978. Primeiro, o Brasil estava numa condição de regime ditatorial de Vargas, e que durante o governo do político gaúcho, o futebol começou a dar passos em direção a uma identidade popular, que até antes em direção do seu governo era uma pratica esportiva identificada com a aristocracia, sobretudo os que chegavam do continente europeu, invariavelmente acompanhadas de bolas, uniformes e do livro de regras.

Vargas colocará o futebol dentro dessa cultura política que irá disseminar o futebol, que política que terá papel fundamental na rapidez que alcançará vários segmentos sociais, tornando-se ferramenta de Vargas também em âmbito político.

Mario Filho, proprietário do Jornal dos Sports, percebendo essa aproximação de um discurso hegemônico do futebol que já era algo que consolidava com a popularização do rádio e suas equipes esportivas especializadas, juntamente com a construção de estádios de futebol, que por muitas ocasiões foram utilizadas por Getúlio Vargas nas comemorações do 1º de Maio, dia dos trabalhadores para seus pronunciamentos no Estádio do Pacaembu, de administração pública ou no Estádio de São Januário, de propriedade do C.R. Vasco da Gama.

Em 1938 o Brasil vivia um governo ditatorial inaugurado pelo Estado novo, e durante esse período de ditadura civil houve uma aproximação direta do governo a seleção brasileira, que gozava de bastante visibilidade a engajamento das massas, sobretudo na região sudeste. Getúlio Vargas pagou valores significativos da ida da seleção brasileira em solo francês, e sua filha, Alzira Vargas será atribuída o título de madrinha do selecionado brasileiro.



Além disso, o governo assume paulatinamente o controle da prática do futebol, que os clubes tinham a prerrogativa de comando e também à CBD. Antes disso, em 1936, Luiz Aranha, irmão de Osvaldo Aranha, que por muito tempo foi ministro de Getúlio Vargas e assume a direção da CBD. Notoriamente o futebol passa a ser um significativo meio de propaganda política com a criação do Decreto-lei Nº 1056 de 21 de janeiro de 1939 é criado a Comissão Nacional de Desporto e o Decreto-lei Nº 3199, de 14 de Abril de 1941 com a criação do Conselho Nacional de Desportes (CND).

Feito essa recapitulação histórica, que o Estado Novo celebrará essa aproximação de entidade pública (CND) e privada (clubes e confederações) e a presidência da CND fica aos cuidados de João Lyra Filho, articulista do *Jornal dos Sports*. Se havia essa relação público-privada no âmbito burocrático, perceberíamos também no principal jornal esportivo da época, no qual tinha como seus articulistas, além do já citado João Lyra Filho, teremos também Vargas Neto, sobrinho de Getúlio, daí podemos perceber que periódico, estará alinhado ao governo ditatorial, e em especial, na publicidade ao governo ditatorial, e em especial, na publicidade analisada “Copa do Mundo, o sonho de todos os sportmen e Paris, o sonho de todos os turistas” passa sem nenhuma restrição (o DIP não tinha as publicidades privadas como alvo de censura), mostrando a publicidade a época buscava alcançar um público abastado e que se beneficiava pelo fato do *Jornal* ter penetração além da capital federal, e em parceria com a empresa Oceania, e que os interesses do capital poderiam ser conciliados, desde que tivessem a bagatela de 6:600\$000 e disponibilidade de passar 45 dias em território europeu.

Não se identifica nenhuma ênfase ao discurso nacionalista, cita-se apenas “incentivo aos jogadores brasileiros à conquista de prêmio magno do football”. É necessário destacar que foi a primeira vez que a seleção brasileira disputaria um campeonato mundial de futebol com jogadores negros, condição que não foi autorizada por Epiácio Pessoa (1919 a 1922) nas competições sul-americanas. Diferentemente, no mundial da França, houve a participação de Leônidas da Silva, o Diamante Negro, e artilheiro da competição com 7 gols.

O *Jornal dos Sports* é um desses exemplos que se beneficiaram dos usos das narrativas publicitárias, na medida em que o DIP trabalhava a imagem de Vargas. O periódico difunde valores a partir do esporte, sobretudo o futebol. É visível a popularização do futebol, e junto a ele várias iniciativas de normatização das formas de torcer, promovidas pelo esporte.



A CBD por muito tempo ficou a sombra dos militares, onde ele é antecessora da CBF, entidade privada, assim como os times de futebol. Um dos nossos objetivos é mostrar que a seleção brasileira foi paulatinamente tomando um espaço de pertencimento na medida em que o futebol foi se tornando popular. Carregando tal representação tornou-se comum a não vincula-la a confederação, e sim ao “Brasil”, que teve seu esforço pela crônica esportiva que usava termos como por exemplo “a pátria de chuteiras” criada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho diretor do Jornal dos Sports, e que foi utilizado pelo governo federal na Copa do Mundo de 2014 com um selo especial.



RESUMOS DA SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL

2. Surfe, lazer e segregação nas praias da África do Sul (1976-1991)¹

Rafael Fortes Soares

Pós-doutor em História – UCSD

rafael.soares@unirio.br

O trabalho investiga uma face pouco explorada do boicote esportivo à África do Sul durante a segunda metade do século XX: o caso do surfe e do acesso às praias. Em todos os anos entre 1976, quando foi realizado o primeiro Circuito Mundial de Surfe, e 1991, quando diversas entidades e associações esportivas internacionais decretaram o fim do boicote esportivo à África do Sul, foram realizadas etapas do circuito naquele país (Cornelissen, 2011).

As principais fontes utilizadas para tanto são revistas de surfe internacionais. A escolha das publicações se justifica tanto pela relevância e circulação quanto porque, durante a vigência do apartheid, os periódicos da África do Sul eram vigiados e censurados pelo regime. Sendo assim, as publicações internacionais são uma fonte privilegiada por abordarem a situação de segregação nas praias do país e o boicote esportivo.

De forma secundária e complementar, recorro a fontes sul-africanas (sobretudo entrevistas e memórias) e a historiografia recente produzida sobre aquele país, com destaque para as obras do historiador Glen Thompson (2011, 2015). Neste corpus é possível identificar iniciativas locais de desafio e combate à discriminação.

O boicote esportivo à África do Sul e as reivindicações por igualdade no acesso ao lazer e ao esporte são analisados tendo em vista o contexto da época, que inclui as relações internacionais sob a égide da Guerra Fria (que incluía o apoio dos EUA aos governos sul-africanos) e a ascensão do neoliberalismo.

REFERÊNCIAS

CORNELISSEN, Scarlett. ‘Resolving the South African problem’: Transnational activism, ideology and race in the Olympic movement, 1960-1991. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 1, p. 153-167, January 2011.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.



THOMPSON, Glenn. 'Certain political considerations': South African competitive surfing during the international sports boycott. **The International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 1, p. 32-46, January 2011.

THOMPSON, Glen. **Surfing, Gender and Politics: Identity and Society in the History of South African Surfing Culture in the Twentieth-Century**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Stellenbosch University, Stellenbosch, 2015.



RESUMOS DA SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL

3. “Verde e preto sagrado...”: notas sobre a criação e monumentalização da camisa do América

Marcus Vinícius Costa Lage
Doutor em História – UFMG
mvclage@gmail.com

Reza uma lenda entre os torcedores do América Mineiro que diz que no início dos anos 1970 a Placar promoveu um concurso para eleger a camisa de futebol mais bonita do país. O resultado da suposta enquete teria sido divulgado na capa de sua quadragésima sétima edição, que estampava um sorridente Pelé, premiado com um troféu Bola de Prata como um dos melhor jogadores do Robertão de 1970 e uma camisa de grossas listras verticais verdes e pretas, semelhante àquela adotada pelo clube belo-horizontino. Uma capa que fez e ainda faz alguns americanos dizerem que seu clube do coração não apenas vestiu o “rei do futebol”, o recém tricampeão mundial, como também teve seu uniforme, de incomum composição cromática, consagrado pela opinião pública em um momento áureo da história do futebol nacional. Entretanto, essa mesma narrativa costuma omitir que a verde e preta camisa trajada por Pelé naquela ocasião substituíra o escudo do outrora decacampeão mineiro pelo nome da ainda jovem publicação esportiva; e estampava, em destaque, o expressivo número “1000”, em alusão ao seu milésimo jogo recentemente disputado em janeiro de 1971. Não por coincidência, a “exclusiva” reportagem do jogo comemorativo de Pelé, realizado em Paramaribo, capital do Suriname, se apresentava como principal manchete daquela edição de Placar. Na presente comunicação, me proponho a trabalhar esse registro de Placar como fonte histórica e sua releitura como objeto de estudo historiográfico. Em um primeiro momento, aquela Placar de fevereiro de 1971 será vista como uma espécie de representação das transformações pelas quais o futebol brasileiro atravessava, em meio as quais o América Mineiro buscava, renhidamente, protagonizar. Seria, aliás, em meio a esse cenário, marcado, sobretudo, pela criação de um Campeonato Nacional interclubes, que a diretoria americana decide lançar o novo uniforme verde e preto, em fevereiro de 1970. Já em um segundo momento, trabalho a narrativa americana sobre a comemorativa camisa que Placar deu à Pelé como um possível indício do processo de monumentalização da camisa verde e preta do América. Um uniforme, hoje, sacralizado pelos torcedores do clube.



RESUMOS DA SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL

4. Futebol-arte e mulatismo: Placar e a figura de Pelé na Copa de 1970

João Pedro Prado Mercês Lázaro

Doutorando em Cultura e Sociedade – UFBA

pedropigmeu@hotmail.com

Em 1938 Gilberto Freyre escreveu um texto, no Diário de Pernambuco, intitulado Foot-ball mulato. Nele defendia que a maneira de jogar futebol dos brasileiros que participavam, com destaque, na Copa do mundo da França naquele ano, era produto da mistura étnica que caracterizava os jogadores que compunham o time: “expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dansa, em curvas ou em músicas technicas europeias ou norte-americanas”. Através do futebol como representação nacional e dos jogadores mestiços como arquétipos do povo brasileiro, era construída uma ideia de Brasil criativo, autêntico e único.

A imprensa era um dos principais veículos de disseminação dessa interpretação, através dela, intelectuais reproduziam esses sentidos propostos por Gilberto Freyre. Um dos intelectuais influenciados por essa perspectiva foi Nelson Rodrigues. Assim como o escritor de Casa grande e senzala, o anjo pornográfico também construiu, nas páginas de jornais, conceitos que procuravam explicar o Brasil através do futebol, o principal deles foi o de “complexo de vira-latas”. Segundo o autor a derrota para o selecionado uruguaio, havia produzido, no povo brasileiro em 1950, um sentimento de inferioridade voluntária diante do resto do mundo. Por outro lado, para ele, a tão esperada conquista de um título mundial, se concretizada naquele ano, redimiria todo um povo pessimista e reavivaria nos brasileiros a fé em si mesmo. A partir do protagonismo de Pelé e de Garrincha, sobretudo nos triunfos das Copas de 1958 e 1962, o mulatismo ganhava sua versão rodriguiana. Os jogadores eram os redentores da nação, expressão máxima da nossa potência criativa. O futebol era a mais fina flor do que se poderia entender como arte. Pelé era o “Rei do futebol” e Garrincha o “anjo das pernas tortas”. Essa euforia dava como certa o terceiro título consecutivo em 1966, em solo inglês, o que não aconteceu. Aquele que era chamado de futebol-arte, representação do mulatismo, foi derrotado pelo que identificaram como futebol-força europeu, físico e desleal.

Quatro anos depois, em 1970, outra Copa se aproximava. Em meio a isso um periódico era fundado com altas pretensões. A revista Placar, através da fala do dono do grupo



ao qual ela fazia parte, Victor Civita, dizia-se “entrar em campo para jogar com o Brasil”, às vésperas da competição que aconteceria no México, e propunha, segundo o editorial, fazer um jornalismo caracterizado como moderno, onde a “paixão clubística”, como atributo jornalístico, seria substituída “pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial”.

A noção de futebol-arte associada ao jogador brasileiro mestiço, estruturada ainda em 1938 por Gilberto Freyre, e difundida sobretudo através das crônicas opinativas de escritores como Nelson Rodrigues, seria afetada por essa perspectiva jornalística, tida como moderna, cujos pilares fundamentais seriam as noções de objetividade e imparcialidade? Tendo em vista esse questionamento encontramos Pelé nas páginas da revista Placar. Em 1970 já era o jogador mais famoso do mundo, maior campeão mundial ainda em atividade e prestes a participar de sua quarta Copa do mundo de futebol. Às vésperas da competição do México, a expectativa do terceiro título e da conquista definitiva da Taça Jules Rimet colocava ainda mais responsabilidade sobre o camisa dez do Santos, maior representante do sentido de futebol-arte. Dessa forma, pretendemos analisar como o jogador aparecia nas páginas de Placar antes durante e depois do campeonato mundial, procurando perceber se a revista, que se dizia referência de objetividade e imparcialidade, ao abordar da figura de Pelé, reproduzia sentidos que associavam o jogador e sua forma de jogar a noção de um jeito brasileiro de praticar o jogo da bola, entendida não como um esporte, mas como a manifestação de um espetáculo artístico.



RESUMOS DA SESSÃO: IMPRENSA E REPRESENTAÇÕES DO FUTEBOL

5. Futebol, Ditadura e Identidade Nacional: Revistas Estádio e Placar em perspectiva comparada (1973 -1985)

Hugo da Silva Moraes

Doutorando em História Comparada – UFRJ

hs_moraes@yahoo.com.br

Importantes semanários voltados ao esporte, as revistas Placar e Estadio contribuíram significativamente para o desenvolvimento das imprensas esportivas chilena e brasileira, respectivamente. Lançada em 1941 em pleno Campeonato Sul-Americano de futebol que ocorria no país naquele momento, a Estadio foi uma revista dedicada ao esporte, tendo o futebol como seu principal produto. Autodenominando-se como uma “revista gráfica de esportes”, a Estadio dedicaria boa parte do seu espaço ao fotojornalismo, entendendo-o como um elemento crucial de informação, tanto quanto o próprio texto jornalístico. Em relação às reportagens escritas, o semanário abordaria de forma analítica, diferentemente da crônica esportiva ainda impregnada pelas reportagens descritivas. Mesmo adotando um jornalismo independente e crítico, entre os anos de 1940 a 1970, o seu editorial se aproximou aos ditames políticos e ideológicos da Frente Popular, apontando o seu compromisso com a formação moral, social e esportiva do povo chileno. Em 1970, o governo Allende compraria a editora Zig-Zag, responsável pela edição e distribuição da revista. Mesmo sem qualquer interferência estatal, a Estadio permaneceu ideologicamente alinhada com o governo na formação de uma nova identidade nacional chilena baseada nos chamados Triunfos Morales (Parra 2013:p10).

Entre os anos de 1973 e 1982, a Estadio conviveria com a redução de suas receitas provocada pela concorrência de outras publicações e da televisão. Em 1979, a revista seria comprada pela Editora Nacional Gabriela Mistral, empresa dirigida pela ditadura Pinochet. Nesse contexto, a revista contribuiria para a construção de uma identidade nacional pautada na Mentalidad ganadora (Parra, 2013). Essa mudança discursiva estaria diretamente ligada às transformações econômicas realizadas ao longo da ditadura Pinochet e que encontrava, nos anos de 1980, o cenário cada vez mais propício ao surgimento de uma sociedade mercantilizada, inserida na cultura do livre-mercado. Sob esse viés, a Estadio abandonaria, de modo processual, os Triunfos Morales, adotando paulatinamente uma análise que valorizava a competitividade e os triunfos esportivos dos clubes e da Seleção. Durante o processo, a



Estádio encerraria suas atividades meses após a cobertura da Copa do Mundo ocorrida em 1982 na Espanha.

Lançada em 1970 às vésperas de uma Copa do Mundo, a Revista Placar preencheria uma lacuna na imprensa esportiva brasileira, marcada pela ausência de uma grande revista semanal (Malaia, 2012: p.150). Apesar de um editorial caracterizado pela “análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial”, os primeiros anos da Placar foram marcados pelo cumprimento das “diretrizes governamentais dadas à imprensa” (2012: p.154). Para João Manuel Malaia, essa aproximação não se deu por concordância ideológica, e sim por “necessidade de sobrevivência econômica” (2012: p.166). Entre 1974 e 1995, sob a gestão do jornalista Juca Kifouri, a revista adotaria uma postura mais crítica, denunciando a corrupção dos dirigentes de clubes, das federações e das confederações de futebol. Em oposição às ingerências políticas sobre o universo futebolístico, a revista passou a reforçar suas propostas em torno de uma modernização, exigindo gestões mais profissionais, campeonatos mais organizados e jogos tecnicamente mais atraentes. No campo das representações, a Placar se manteve ideologicamente próxima às determinações do governo militar, defendendo a manutenção do “futebol arte” e apontando a necessidade de adequá-lo aos modelos táticos e físicos desenvolvidos no futebol europeu.

Nos anos de 1980, ainda durante a Ditadura Militar, a Placar não deixou de marcar a sua oposição frente aos contextos político e social vividos no país, sempre relacionando o esporte aos principais fatos ocorridos na época. Nessa mesma década, diante da diminuição significativa nas vendas, a Placar aumentou o espaço para publicidade, ampliando também a cobertura para outros esportes e trazendo informações com novos enfoques não dados pelas reportagens televisivas e radiofônicas aos domingos (Malaia, 2012: p.169).

A Estádio e a Placar marcaram significativamente o mercado editorial, imprimindo, em suas páginas, os principais debates ocorridos dentro do campo esportivo. Nesse sentido, proporemos uma análise comparada entre esses dois veículos de comunicação, apontando as suas principais contribuições para o desenvolvimento do futebol. Em um segundo momento, ateremo-nos às relações das revistas com as ditaduras militares, analisando também como contribuíram para a construção de uma identidade nacional.



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020
SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS
SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

Coordenação

Marcel Diego Tonini
Doutor em História Social – USP
marceldt@gmail.com

Comunicações

1. ARAGÃO, Sarah Carine Gomes. *A construção do corpo feminino no esporte: da fragilidade ao “fitness”*
2. BATISTA, Victor Hugo Gonçalves. *“Em posição de impedimento”*: as relações entre o discurso médico e a imprensa em um contexto de proibição do futebol feminino (1965-1979)
3. MAZO, Janice Zarpellon; BEGOSSI, Tuany Defaveri; LYRA, Vanessa Bellani. *A garota da capa: diálogos com a trajetória de Aura Ribeiro Mendes no Esporte e na Educação física Sul-Rio-Grandense (1946-1980)*
4. PEREIRA, Jéssica Martins. *O uso dos processos judiciais trabalhistas como fonte da história do esporte e de Gênero*
5. SILVA, Kelen Katia Prates. *“O espírito são deve ter um corpo são”*: a construção do corpo e da moral nas propagandas do diário esportivo *Jornal dos Sports* (1931-1941)



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

1. A construção do corpo feminino no esporte: da fragilidade ao “fitness”

Sarah Carine Gomes Aragão

Mestranda em História – UNIMONTES

sarahcarineg9@gmail.com

Palavras-chave: Corpo feminino; Ginástica; Saúde

A História das Mulheres é um campo historiográfico recente. Durante muito tempo, as narrativas históricas se mantiveram reclusas aos grandes feitos militares e políticos realizados por homens e narrados por homens. Às mulheres como sujeitos históricos restaram os lugares de inferioridade, tendo seus corpos ofuscados e silenciados. Os homens continuaram impondo sobre os corpos femininos discursos capazes de objetiva-los conforme seus interesses, criando representações, imposições sociais, limitações físicas e culturais e proibições.

Esse corpo feminino passou a ser compreendido como uma construção histórica cultural, alvo de inúmeras possibilidades, inovações, discurso, mudanças de comportamento durante seu processo histórico de construção, sendo disciplinado, domesticado e fragilizado em muitos aspectos, tais como: sociais, culturais, sexuais, anatômicos e físicos.

Ao longo deste processo histórico essa construção do corpo feminino pelos homens foi-se desmitificando não só em aspectos culturais como também em níveis científicos demonstrando que o corpo feminino tem plenas condições anatômicas e fisiológicas de participar de atividades físicas, de modalidades esportivas ditas “masculinas” principalmente a partir do século XIX quando elas manifestaram pelo desejo da busca pela saúde do corpo.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é discutir a imagem do corpo feminino dito frágil, inferior, pálido e fraco, conceitos, por muito tempo, construído pelos homens que com suas leis e costumes impediram a presença feminina em espaço de lazer, de atividades físicas e até mesmo nos esportes. Ademais, mostrar os avanços que o corpo feminino conquistou ao longo dos séculos abandonando o pudor de seus corpos, se libertando das amarras dos espartilhos, se livrando de estereótipos pré-estabelecidos, personificando seus corpos e a beleza natural que dele emana e revelando a imagem de um corpo que tem todos os atributos



para ser forte, resistente e capaz de adentrar em atividades e modalidades esportivas ditas somente “masculinas”.

O percurso metodológico utilizado para a realização deste trabalho se faz mediante a revisão bibliográfica, pautando-se nas leituras de autores como George Vigarello, Judith Butler, Mary Del Priore, Jorge Crespo, Silvana Goellner, Michelle Perrot, Thomas Laqueur, Michel Foucault e grandes outros que contribuíram para a construção histórica das mulheres e a representação dos seus corpos neste processo.

O interesse pela temática surgiu pela aproximação com o campo da Educação Física, o qual o objeto de estudo é o corpo, pois, através de leituras da área muitos autores apontavam a proibição das mulheres em atividades físicas da Antiguidade, dos primeiros jogos olímpicos o que motivou a aprofundar ainda mais sobre o motivo de tais proibições. A escolha pelo corpo feminino e suas representações no processo histórico se deu a partir da disciplina de Gênero e Subjetividade oferecida pelo PPGH – Programa de Pós Graduação em História na Unimontes ministrada pela professora doutora Cláudia Maia.

Na primeira seção do texto é abordado o processo de construção do corpo feminino, com a separação do sexo único defendido pela Medicina e apresentando a descoberta de um “segundo sexo” (título de uma obra da autora Simone de Beauvoir) que aponta as diferenças anatômicas e fisiológicas existentes entre homens e mulheres. Discorre ainda a história de dominação social envolvendo principalmente o físico: a exigência tradicional que sempre permeava na beleza e na estética: pudica, virginal e vigiada, sua beleza era delineada em função da maternidade, da representatividade social, da esposa recolhida e discreta com mudanças discretas até o século XVIII.

Na segunda seção os apontamentos nos mostram como o corpo feminino é marcado por transformações físicas, culturais e sociais em suas mudanças de comportamento mais significativas nos séculos XIX e XX onde o corpo feminino ganha liberdade de movimento, o corpo nu não é mais um pudor e um objeto de pecado, a beleza e estética corporal começa a se personificar. A beleza, o prazer e a juventude também foram convertidos em novas referências com o surgimento de melhores técnicas de exercícios, além de dietas balanceadas e intervenções cirúrgicas. As mulheres preocupadas com a saúde do corpo procuram cada vez mais por espaços ainda masculinizados, fazendo uso dos exercícios de ginástica, da prática de algumas modalidades esportivas desmitificando o conceito de “sexo frágil”.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

2. “Em posição de impedimento”: as relações entre o discurso médico e a imprensa em um contexto de proibição do futebol feminino (1965-1979)

Victor Hugo Gonçalves Batista
Mestrando em História – UFF
victorhugogb97@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre o discurso médico, que sustentava a proibição do futebol feminino, e parte da imprensa carioca, que trazia notícias sobre essa prática. O recorte temporal selecionado vai de 1965, ano no qual o futebol feminino foi especificamente proibido por meio da Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos, até 1979, quando houve a revogação dessa medida. Essa deliberação pode ser interpretada como uma reafirmação do Decreto-Lei de 1941, que proibia a prática de atividades esportivas incompatíveis com a “natureza feminina”, pois tinha como pressupostos os mesmos argumentos. Condenava esportes que exigiam a força física e o contato, como o rugby, o polo aquático e o próprio futebol. Ou seja, miravam a proteção do corpo feminino, em especial do órgão reprodutor, para que as mulheres pudessem gerar filhos saudáveis. Outro aspecto que merece destaque, nesse contexto, é a associação da prática do futebol feminino com a masculinização das jogadoras, como aponta Silvana Goellner (2005), o que seria uma transgressão ao padrão hétero-normativo. Daí um dos nossos aparatos teóricos: os estudos de gênero. Segundo Joan Scott (1990), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” No caso específico da proibição do futebol feminino, essa relação de poder firmava-se tanto no fato desse esporte ser considerado “coisa de homem”, quanto no suporte médico que afirmava a fragilidade do corpo feminino e na mídia que, por vezes, apropriava-se desse discurso. Em relação ao discurso médico, amparados no pensamento de Pierre Bourdieu (1998), enxergamos uma dominação masculina sustentada por meio das instituições, nesse caso, a medicina. Ao destacar a dicotomia entre a virilidade masculina e a fragilidade feminina, para a prática ou não de um esporte, reafirmava-se, de forma simbólica, a estrutura patriarcal da época. A imprensa, por sua vez, posicionou-se de maneira variada sobre a prática do futebol por mulheres, contestando-o e ridicularizando-o com base no discurso médico, noticiando partidas sem mencionar o decreto proibitivo e até



mesmo trazendo opiniões de jogadoras que eram contrárias a proibição, através de um sistema de práticas culturais e suas representações, nos termos de Roger Chartier (1988). Nessa perspectiva, as representações das práticas culturais estão inseridas em uma lógica de disputas e interesses entre grupos ou indivíduos, nesse caso, os jornais e os jornalistas. Sendo assim, a forma de noticiar a respeito do futebol feminino, perpassava pela visão de mundo daquele que escrevia, assim como pelas submissões e limites aos quais ele estava condicionado, devido ao posicionamento político e ideológico do jornal ou a censura imposta pelo governo. No que diz respeito às fontes, O Jornal do Brasil; o Jornal dos Sports; O Fluminense; A Luta Democrática: Um jornal feito por homens que lutam pelos que não podem lutar e Tribuna da Imprensa são fontes importantes para o trabalho, tendo em vista que contém notícias referentes ao futebol de mulheres durante todo o recorte temporal proposto. Ainda em estágio preliminar, as análises desses periódicos, vêm levando-nos a um certo entendimento sobre como se dava a relação entre o discurso médico e a imprensa. Em linhas gerais, o uso desse discurso para legitimar a proibição do futebol feminino, reforçava o binarismo de gênero e os distintos campos de atuação de homens e mulheres, produzindo e reproduzindo concepções patriarcais hegemônicas. Além disso, em muitos casos, mesmo nos momentos em que o discurso médico não aparece, a prática do futebol por mulheres era associada ao masculino ou a pressupostos que sexualizavam o corpo feminino.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

3. A garota da capa: diálogos com a trajetória de Aura Ribeiro Mendes no Esporte e na Educação física Sul-Rio-Grandense (1946-1980)

Janice Zarpellon Mazo

Pós-Doutora em História – UFRGS

janice.mazo@ufrgs.br

Vanessa Bellani Lyra

Doutora em Ciências do Movimento Humano – UFRGS

vblyra@ucs.br

Tuany Defaveri Begossi

Doutoranda em Ciências do Movimento Humano – UFRGS

tuany_begossi@hotmail.com

Era setembro de 1942, quando a imagem da jovem Aura Ribeiro Mendes estampava a capa da Revista do Globo, periódico quinzenal produzido em Porto Alegre – RS, com o objetivo de veicular assuntos sobre a cultura e a vida social do estado (MAZO, 2004). Na ocasião, o Rio Grande do Sul, assim como os demais estados brasileiros, era atravessado pela política educacional anunciada pelo período conhecido como Estado Novo (1937-1945). No referido contexto, a Educação Física e os Esportes representavam, fortemente, os ideais nacionalistas. A mencionada imagem, na qual a bandeira nacional e a futura professora de Educação Física dividem a centralidade de seu foco, é capaz de nos remeter a uma mensagem que, embora sem palavras, muito se fez sugestiva aos jovens esportistas e, também, àqueles que se preparavam para o ofício docente, na área das práticas corporais. Em linhas gerais, a mensagem impressa na imagem parecia constituir-se em um convite, ao qual, deliberadamente, a jovem professora se empenhava em entregar-se: o Novo Brasil precisava de sua participação (LYRA, 2013; LYRA; MAZO, 2016).

A imagem da capa é revisitada no ano de 2013 e recebe nova interpretação quando, aos 91 anos de idade, Aura Ribeiro Mendes concede uma entrevista às pesquisadoras do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), da atual Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As horas de conversa gravadas e, posteriormente, transcritas, originaram um documento oral contendo 55 páginas. A narrativa apresentada, por sua vez,

85



registrou uma trajetória de vida atravessada pela prática esportiva e de atuação como professora de Educação Física na escola, com notável dedicação e paixão pelo seu potencial social de inclusão e transmissão de valores humanos. Aura, além de atleta de tênis, representando o Petrópolis Tênis Clube, situado em Porto Alegre/RS e Caxias Tênis Clube, de Caxias do Sul/RS, dedicou-se ao magistério primário por 33 anos quando, então, veio a se aposentar. Eis aqui, inclusive, a justificativa que embasa o recorte temporal eleito no presente estudo: a nomeação enquanto professora estadual e sua exoneração, por tempo de serviço, ao fim do período mencionado (1946-1980). Cabe destacar que, Aura, graduou-se professora de Educação Física na primeira turma do Curso Superior, da então denominada Escola Superior de Educação Física (ESEF), do estado do Rio Grande do Sul, em 1943. Após a conclusão do curso, retornou à Caxias do Sul onde, através das aulas de Educação Física escolar, disseminou o esporte e a dança tradicionalista gaúcha em inúmeros estabelecimentos de ensino públicos e privados.

Neste contexto, o objetivo deste estudo é compreender a trajetória de vida de Aura Ribeiro Mendes identificando suas contribuições e legados para a constituição da área do Esporte e da Educação Física, no Rio Grande do Sul. Para tanto, a investigação empregou a técnica de coleta de informações denominada história de vida tópica (MINAYO, 2001; 2007; DENZIN, 1989; SCHRAIBER, 1995). Este método é utilizado em pesquisas desenvolvidas no interior do campo sociocultural (RANGEL-BETTI; MIZUKAMI, 1997; RIBEIRO; SANTOS, 2000; GLAT et al., 2004) e orientou a criação de duas categorias de análise para a trajetória de vida pesquisada, a saber: a) Atuação como professora, a partir do ensino do esporte nas escolas e b) Atuação como atleta. Diante destas categorias fica evidente que o estudo da trajetória de vida de Aura ao mesmo tempo em que contribui para a compreensão de uma história da Educação Física no Estado do Rio Grande do Sul, fomenta o entendimento de uma historiografia da memória das mulheres no esporte sul-rio-grandense. Nessa direção vale ressaltar que Aura contribui para um movimento de vanguarda para as mulheres na sociedade gaúcha no qual há muitas rupturas com o modelo de pensamento então vigente. Em 1941 deixa a cidade natal (Caxias do Sul) rumo à capital do Estado, onde fixa residência por dois anos, gradua-se em uma universidade, em nível superior e, retorna, em 1943, inaugurando ao lado de outras mulheres, a construção do campo da Educação Física escolar e do esporte feminino, na região da serra gaúcha.



Deste modo, a entrevista, inicialmente gravada foi, posteriormente, transcrita, constituindo-se em um documento oral (ALBERTI, 2005). Para sua análise optou-se pela técnica de análise de discurso. Ao utilizarmos essa técnica é importante destacar que ela pertence a uma área da linguística que tem como objeto de estudo a língua em movimento, ou seja, produz sentido enquanto prática. Também se procura entender não só a palavra, mas o contexto social, o espaço em que ocorre o discurso e seus efeitos de sentido (ORLANDI, 2006). Destaca-se, também, que a análise das entrevistas contou com o auxílio do software Sobek Mining, para o aprofundamento e compreensão das categorias de análise eleitas.

Os resultados aqui alcançados apontam para direções congruentes, as quais evidenciam que Aura Ribeiro Mendes contribuiu para a inauguração do campo da Educação Física e do Esporte, no Rio Grande do Sul. Como uma das primeiras mulheres a graduar-se em Educação Física, em nível superior, no estado, Aura, pode ser considerada uma das personalidades pioneiras a divulgar e legitimar a presença destas práticas nas escolas e nos clubes por onde passou, possibilitando sua posterior ampliação, visibilidade e desenvolvimento.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

4. O uso dos processos judiciais trabalhistas como fonte da história do esporte e de Gênero

Jéssica Martins Pereira

Mestranda em História – UNIMONTES

jessicamartins.direito@hotmail.com

A pesquisa pretende contribuir para os estudos relativos à história do esporte e de gênero, ao repensar a relevância histórica de documentos constantes de processos trabalhistas, que têm, por objeto, relações entre atletas profissionais e as associações e clubes esportivos. Considera-se a hipótese de que podem consistir em fontes principais e complementares da História do Esporte, na medida em que revelam práticas e políticas salariais, de agenciamento de atletas, contratação e rescisão de contratos de atletas, uso e direitos de imagem, além de conter laudos técnicos e relatos de instalações e condições de trabalho dos atletas profissionais. Permitem, assim, uma análise comparativa com marcadores sociais, tais como região, capacidade financeira, idade, gênero e raça. Verificar-se-á, ainda, a possibilidade de uso dos documentos médicos tanto como fonte objetiva, em busca de características do esporte, em determinado recorte de tempo, como também como fonte subjetiva das experiências pessoais, expectativas e dissabores dos atletas profissionais judicializados. Tais documentos relatam características físicas dos atletas, assim como relatos e narrativas sobre danos morais e lesões físicas. Pretende-se, como recorte, identificar eventuais diferenças nas práticas dos clubes e associações de futebol profissional, a depender do marcador social gênero de atletas, por meio dos processos investigados. Para tanto, serão investigados processos trabalhistas ativos que envolvam clubes da primeira divisão do campeonato mineiro de futebol que tenham equipes femininas e masculinas em trâmite no Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região – Minas Gerais, em suas diversas subseções jurisdicionais, para, por meio da aplicação das categorias e conceitos históricos, verificar a pertinência dos documentos encontrados como fontes da história do esporte, inclusive refletindo na validade da fonte como reconstrução do passado, considerando a eventual artificialidade ou ficcionalidade dos relatos. Como objetivo secundário, pretende-se investigar o acesso à Justiça Trabalhista pelas atletas que se identificam com o gênero feminino, a partir da análise da proporcionalidade entre gêneros dos atletas judicializados no recorte definido.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E GÊNERO

5. “O espírito são deve ter um corpo são”: a construção do corpo e da moral nas propagandas do diário esportivo *Jornal dos Sports* (1931-1941)

Kelen Katia Prates Silva

Doutoranda em História – UFGD

kelenkatia@hotmail.com

Criado em 13 de março de 1931 o diário esportivo o *Jornal dos Sports* nasceu como um impresso voltado exclusivamente para o esporte, em suas diversas modalidades. Com o objetivo de se tornar um diário poliesportivo explorava várias modalidades até então pouco noticiadas pela imprensa. O *Jornal dos Sports* se consolidou como um ávido defensor das práticas esportivas se mostrando uma importante fonte de informação e construção do campo esportivo nas décadas de 1930 e 1940. O aparato ideológico do impresso objetivava a prática de esporte como meio de materializar o sentimento de nacionalismo, fortalecimento da nação e uma ferramenta de educação física e moral. Tais concepções ideológicas podem ser observadas nas propagandas que compõe as edições do diário esportivo. As propagandas representavam novas perspectivas para imprensa, se mostrando como uma ferramenta de suporte econômico e para a indústria como veículo de ampliação do número de consumidores. Como fontes históricas representam também a possibilidade de uma leitura da vida social. Nas páginas do *Jornal dos Sports* as propagandas contemplavam homens e mulheres, diversos serviços e produtos eram anunciados e associados ao campo esportivo. Cabe destacar a constante presença de anúncios ligados à saúde da população. Os anúncios médicos retratavam as preocupações com a saúde e o corpo, relacionadas diretamente com a popularidade das práticas esportivas. O *Jornal dos Sports* construía em diferentes espaços representações do corpo ideal que deveria ser saudável, ágil, belo e forte. As propagandas, partindo do trabalho com suas imagens, promoviam e exibiam esses corpos. A relação entre saúde e higiene, uma preocupação crescente no contexto da modernidade, é utilizada para anunciar medicamentos e re(afirmar) o discurso higienista defendido pelo Estado nas décadas de 1930 e 1940. Essa forma de propaganda colaborava com a ideia de que “espírito são deve ter um corpo são”. Ou seja, segundo o discurso higienista a doença era uma fraqueza às vezes física, às vezes moral, que devia ser combatida. O presente trabalho busca investigar a



construção do corpo e da moral nas propagandas do diário esportivo Jornal dos Sports no período de 1931 a 1941.



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020

SALA 2 – LUDOPÉDIO

SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

Coordenação

Victor de Leonardo Figols

Doutorando em História – UFPR

figolsvi@gmail.com

Comunicações

1. AMARAL, Daniel Venâncio de Oliveira. *Um trem chamado futebol: ruralidade, ambivalências e a história de uma nova prática nos sertões das Gerais*
2. CARREIRA, André Luiz Rodrigues. *A rua, a luta e o lúdico: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 - 1920)*
3. MACKEDANZ, Christian Ferreira. *Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930): marcas de um futebol negro e operário em Rio Grande/RS*
4. OLIVEIRA, Gabriela Marta Marques de. *Os clubes dos bancários paulistanos: o caso da A.A.B.B.-SP e do Satélite Futebol Clube (1934-1945)*
5. SOUZA, Glauco José Costa. *Ligas dos Subúrbios do Rio de Janeiro: a Associação Athletica Suburbana*



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

1. Um trem chamado futebol: ruralidade, ambivalências e a história de uma nova prática nos sertões das Gerais

Daniel Venâncio de Oliveira Amaral

Doutorando em Lazer – UFMG

dvoamaral@gmail.com

Na transição entre os séculos 19 e 20, diversas cidades brasileiras sofreram uma série de intervenções modernizadoras, conduzidas, sobretudo, por autoridades políticas e grupos abastados locais, quase sempre buscando equivalências com o mundo europeu. A urbanização, as indústrias, a ferrovia, o automóvel, o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, o calçamento de ruas e o ajardinamento de praças, são alguns exemplos que se associavam ao desejo de superar uma realidade apontada pelos grupos letrados como arcaica e atrasada. Na mesma medida, práticas de lazer serviram também com símbolos de modernidade e de inserção a um “mundo civilizado”. Nesses termos, o teatro, o cinema, o circo, os fantoches, a retreta, o carnaval veneziano e os esportes, são algumas das muitas formas de diversões que assumiram status de indicadores privilegiados de sofisticação dos hábitos urbanos ao longo da chamada Belle Époque brasileira.

Embora a historiografia especializada no assunto esteja majoritariamente concentrada no estudo das cidades mais populosas, economicamente mais dinâmicas e politicamente mais influentes do Brasil, regiões periféricas, isto é, localidades do interior, muitas vezes associadas ao atraso e ao subdesenvolvimento, conheceram também, ainda que à sua maneira, formas de sociabilidades que foram articuladas em torno das emergentes práticas sociais. Os esportes tiveram papel de destaque nesse ensejo, inserindo-se, talvez mais do que se supunha, nas vivências cotidianas de um número expressivo de pequenas cidades, vilas, distritos e até povoados sem qualquer vestígio de urbanização. Mesmo nos centros urbanos mais proeminentes, a despeito das ações e dos discursos modernizadores engendrados no seio das elites cidadinas, que buscavam elevar o Brasil à categoria de um país moderno e cosmopolita, observam-se inúmeras ambiguidades nos modos de vida, que revelam a existência de práticas sociais que transitavam entre o habitus da modernidade urbana e as referências simbólicas características do mundo rural.



Buscando contribuir para a elaboração de uma nova possibilidade de leitura sobre a introdução do futebol no país, a presente pesquisa descreve e interpreta de maneira panorâmica, a difusão espacial dessa prática esportiva no interior de Minas Gerais, na primeira metade da década de 1920, momento que o jogo havia conquistado adeptos em praticamente todas as regiões do estado. Conquanto, ao invés de enfatizar unilateralmente as transformações urbanas e as ações modernizadoras, tal como fazem outros trabalhos, reforçando um modelo teórico excessivamente urbano, nossa interpretação, em sentido ligeiramente diferente, é a de que o futebol desenvolveu-se em meio a ambientes rurais, ou quando muito, em sociedades duais e ambivalentes, cujo *modus vivendi* se encontrava em plena metamorfose. Além disso, propomos que o espraiamento do jogo teve como centralidade, os circuitos futebolísticos constituídos por meio de encontros intermunicipais, nos quais, comitativas esportivas, compostas majoritariamente por membros proeminentes das localidades passaram a cumprir o papel de promover redes de sociabilidades e de cooperação política entre os sócios e os municípios envolvidos com o jogo. Assim, parte dessas circunstâncias sugere que, para o entendimento do processo de difusão do futebol no interior de Minas Gerais, devem ser elencados outros eixos explicativos, os quais não se enquadrariam no escopo teórico da tradição historiográfica hegemônica alicerçada no binômio urbanização/modernização dos hábitos.

O corpus documental da pesquisa é constituído por um conjunto diversificado de periódicos que circularam no interior de Minas Gerais, no início do século passado. Os jornais Divinópolis (1917), O Reformador (1920) e A Estrela da Oeste (1924), publicados na cidade de Divinópolis, foram consultados no acervo digital do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho, da Universidade do Estado de Minas Gerais. Os exemplares do jornal Gazeta de Minas (1917, 1919, 1920, 1923, 1924), publicados na cidade de Oliveira, foram consultados no acervo digital do próprio editorial. Já os jornais A Verdade (1922), A Voz do Povo (1920), Colombo (1920), Gazeta de Ouro Fino (1914) e Gazeta do Norte (1928), publicados respectivamente nas cidades de Rio Preto, Lafaiete, Campanha, Ouro Fino e Montes Claros foram consultados no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Adicionalmente, com vistas a ampliar o escopo documental da pesquisa, consultamos também obras memorialísticas e documentos do poder público estadual e federal, tais como censos demográficos ou recenseamentos estaduais, disponíveis no catálogo digital da Biblioteca do Ministério da Fazenda.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

2. A rua, a luta e o lúdico: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 - 1920)

André Luiz Rodrigues Carreira
Doutor em História Social – USP
andrecarreira80@hotmail.com

Por sua notória onipresença, parece desnecessário reafirmar que os esportes ocupam um lugar de incontestável destaque no mundo contemporâneo. Em suas atuais estruturas, a vida urbana abriga inúmeros espaços destinados à prática esportiva, seja ela de caráter profissional, apresentada como espetáculo, seja ela uma atividade de caráter mais informal, disseminada pelo tecido urbano em escolas, praças, ruas e praias. Para atingir esse patamar de inserção na dinâmica espacial de uma cidade, os esportes cumpriram historicamente um longo e complexo percurso, do qual analisaremos aqui uma etapa que julgamos crucial. Trabalhamos com o pressuposto básico de que o momento decisivo de construção desse amplo cenário guarda importantes conexões com o advento da modernidade urbana. Nesse sentido, este trabalho se estrutura a partir de um objetivo central: analisar o processo de transformação urbana ocorrido na cidade de Santos entre o final do século XIX e o início do século XX pelo mundo do trabalho e por um dos elementos culturais fundamentais da classe trabalhadora, o futebol. O espaço urbano, no seu processo de transformação, é simultaneamente registro e agente histórico. Nesse sentido, deve-se destacar a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, vivências e memórias. Espaços que, além de sua existência material, são também codificados num sistema de representação que deve ser focalizado pelo pesquisador, em um intenso trabalho de investigação sobre as significações dos processos urbanos. Estudar a cidade implica estabelecer conexões de tipo variado com a própria experiência de viver em cidades. Conexões objetivas de moradia e trabalho, laços afetivos tecendo espaços nos quais as lembranças compõem um acervo especial, nós intrincados que relacionam expectativas e imagens, idealizadas em grande parte e resistentes à passagem do tempo. O período abarcado pela pesquisa — começo da República — é marcado por duas ideias que norteiam a atuação do poder público em relação à cidade: civilizar, interferindo no espaço urbano e nos hábitos cotidianos, e higienizar, através do saneamento urbano. O ato de civilizar era visto como



tentativa de impor à cidade padrões urbanos e comportamentais ditos modernos e similares aos das capitais europeias. Foi essa, em larga medida, a perspectiva da reforma urbana conduzida no período, especialmente através dos projetos desenvolvidos e capitaneados por Saturnino de Brito. A reorganização do espaço urbano teve como objetivo consolidar a inserção do Brasil no modelo capitalista internacional – no caso de Santos, através do escoamento da produção da grande riqueza nacional, o café –, facilitar a circulação de mercadorias e construir espaços simbólicos que afirmassem os valores de uma elite cosmopolita. Havia, entretanto, um obstáculo a ser removido para a concretização da Belle Époque tropical: os pobres – imigrantes de origem ibérica, em sua maioria – que habitavam aos milhares as ruas centrais da cidade e moravam majoritariamente em habitações coletivas como os cortiços. Do “bota-abaixo” às imposições do Código de Posturas e das comissões de saneamento, a normatização, a segregação e a exclusão da numerosa e empobrecida população trabalhadora ditava o ritmo de crescimento e transformação cidadina. A reforma resolvia uma série de problemas e contradições da cidade e gerava uma indagação: o que fazer com os homens e mulheres que os governos definiam como “elementos das classes perigosas”, que habitavam as regiões centrais e que eram obstáculos à concretização da desejada e idealizada modernidade? A relação das elites e do poder público com os pobres era paradoxal. Os “perigosos” – e aqui é curioso notar a rápida desconstrução de certa idéia de civilidade associada aos imigrantes de origem europeia que logo se transformariam em “agitadores” pelo pertencimento em larga escala à combativa classe operária local – maculavam, do ponto de vista da ocupação e reordenação do espaço urbano, o sonho da cidade cosmopolita. Ao mesmo tempo, eram os trabalhadores urbanos que sustentavam — ao realizar o trabalho braçal que as elites não cogitavam fazer — a viabilidade desse mesmo sonho: operários, empregadas domésticas, estivadores, ensacadores, canteiros, marceneiros, policiais, pedreiros, carpinteiros, pintores, funileiros, carregadores de café, tecelões, jornaleiros, mecânicos, coveiros, motoristas, etc. Nesse espaço em formação e transformação, de tensão e construção de novas sociabilidades, uma rica atividade esportiva, caracterizada pela introdução e multiplicação de novas modalidades e pela proliferação de associações e agremiações criadas para esse fim se consolida nas primeiras décadas de vida republicana. Procuramos inserir tal movimento de disseminação – do futebol, principalmente – no contexto da dinâmica sócio-espacial urbana de então, sugerindo hipóteses que a articulem ao movimento geral da sociedade e substancialmente à espacialidade da cidade pretensamente



moderna que se configurava. Analisaremos a rápida apropriação de práticas esportivas, inicialmente elitizadas e concebidas como elementos de distinção de classe, pela população pobre e trabalhadora da cidade. Procuraremos demonstrar que o futebol não foi consequência e sim parte constituinte do processo de transformação urbana santista nos primeiros anos do século passado. Em síntese, foi esse o cenário sobre o qual nos debruçamos quando da realização da pesquisa sobre a cidade de Santos. Uma cidade que se vê abruptamente solapada pelo incessante movimento de pessoas e de interesses que se aglutinavam. Uma cidade que velozmente se metamorfoseava no cais de pedra, nos canteiros de obras, nos cortiços, nos morros, nos canais, nas largas avenidas, nas greves, nas lutas, nas areias, nos gramados, enfim, na bola que rolava e que nunca mais deixou de rolar.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

3. Liga Esportiva Rio Branco (1926-1930): marcas de um futebol negro e operário em Rio Grande/RS

Christian Ferreira Mackedanz

Doutorando em Educação Física – UFPEL

christianfmackedanz@gmail.com

O objetivo desta pesquisa foi analisar as condições socioculturais que possibilitaram a emergência da Liga Esportiva Rio Branco (LERB) na cidade de Rio Grande, em meados da década de 1920, e problematizar o papel que ela desempenhou para a população operária e/ou afrodescendente da cidade. Rio Grande é um município brasileiro localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. O último censo demográfico realizado em 2010 apontou que a cidade possuía uma população total 197.228 pessoas, da qual 16.834 eram pretos e 21.406 eram pardos. A significativa presença da população afrodescendente justifica-se, principalmente, pelo papel exercido até 1850 pelo porto da cidade, que funcionou como a principal forma de chegada de escravos na região. Além disso, a mão de obra escrava foi utilizada na cidade em obras urbanas, na plantação e venda de hortaliças, nos serviços domésticos, como amas de leite etc. (TORRES, 2008). Após a abolição, os negros foram inserindo-se também nas indústrias da cidade como operários e vários, chegaram a ocupar cargos em Ligas Operárias (LONER, 1999).

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa histórica documental e deu-se segundo as indicações metodológicas feitas por Elmir (1995) e Espig (1998). O corpus empírico da pesquisa constituiu-se dos jornais rio-grandinos Echo do Sul, O Tagarella, A Lucta, Rio Grande, O Tempo e Rio Grande Esportivo. E, dos jornais pelotenses A Alvorada e O Rebate. Essas escolhas basearam-se, principalmente nos vínculos destes periódicos com a população operária e/ou negra, dessas duas cidades. Os resultados indicam que a LERB constituiu-se a partir de agremiações e clubes esportivos que não eram aceitos na Liga Rio Grandense de Amadores (LRGA), na qual predominavam jogadores brancos, em sua maioria pertencentes às elites, aos imigrantes e/ou à classe média alta da cidade (CORREIA et. al., 2020; O REBATE, 27/10/1922). O significado político-futebolístico da LERB, se expressa, inclusive, no nome da Liga: uma referência ao Barão de Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, responsável por sancionar a Lei do Ventre Livre em 1871, que tornou-se conhecida como a



Lei Rio Branco. Esta Lei concedia liberdade para os filhos de escravas que nascessem a partir da sua promulgação. Assim, Rio Branco gozava de considerável reconhecimento perante a comunidade negra da época (CARNEIRO, 2012).

Ao longo dos cinco anos de atividade da LERB (1926-1930) foram encontradas agremiações com diferentes componentes identitários. Clubes de operários (brancos e/ou negros), como o SC Andarahy e o Bangú FBC. Agremiações de bairro, como, por exemplo, o Lomba Verde FBC e o GS 15 de Novembro. Clubes que disputaram as primeiras edições da LRGA e foram posteriormente excluídos, como o SC Cruzeiro, o SC Progresso e o SC Internacional. E um clube representativo, exclusivamente, da população negra, o SC Rio Negro. Fundado em janeiro de 1919 (O TAGARELLA, 31/12/1932, p. 1), o SC Rio Negro era o clube da LERB com maior identificação e que melhor representava a população negra da cidade. Além do nome da agremiação, essa representação também expressa-se na composição dos jogadores da equipe e dos diretores do clube, majoritariamente de negros, e também nas atividades socioculturais promovidas pelo clube (O TAGARELLA, 07/07/1929, p. 2; 01/05/1930, p. 3; 07/09/1930, p. 2; 31/10/1939, p. 2; 06/06/1940, p. 2).

Assim, conclui-se que a LERB representou um papel de destaque no processo de inserção e promoção de futebolistas negros e operários no futebol da cidade de Rio Grande. Desse modo, guardadas as devidas singularidades de cada Liga, é possível dizer que a LERB representou, para o futebol riograndino, um papel semelhante ao representado pela Liga José do Patrocínio para o futebol pelotense (MACKEDANZ, 2016); pela Liga Nacional de Football Porto Alegre para o futebol porto-alegrense (SANTOS, 2018) e pelas Ligas Suburbanas de Futebol para o futebol carioca (PEREIRA, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em . Acesso em: 27 jun. 2020.

CARNEIRO, E. **A Lei do Ventre-Livre**. Afro-Ásia, Salvador, nº 13, p. 13-25, 1980.

CORREIA, J. M; FREITAS, D. da S.; KNUTH, A. G.; RIGO, L. C. A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, 2020.

ESPIG, M. J. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, n. 2, dezembro 1998.



MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”**: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901- 1930). Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 1998.

SANTOS, J. A. dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

TORRES, L. H. **A cidade do Rio Grande**: escravidão e presença negra. Biblos, Rio Grande, 22 (1), p. 101- 117, 2008.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

4. Os clubes dos bancários paulistanos: o caso da A.A.B.B.-SP e do Satélite Futebol Clube (1934-1945)

Gabriela Marta Marques de Oliveira
Mestranda em Educação Física – UNICAMP
gbrl.moliveira@gmail.com

A Associação Athletica Banco do Brasil – SP (A.A.B.B.-SP) foi fundada em 1934 por funcionários contínuos – que exerciam funções subalternas – do banco que dava nome ao clube. Eles buscavam a constituição de um clube que organizasse os jogadores de futebol de modo que pudessem disputar os campeonatos da Liga Bancária de Esportes Athleticos (L.B.E.A.). A fim de conseguirem mais sócios e apoio financeiro do banco, os associados concordaram em fazer uma troca na diretoria do clube, fazendo com que um funcionário de carreira do banco se tornasse diretor do clube. A manobra teve êxito e o clube passou a congrega cada vez mais funcionários de carreira do banco.

Ainda no ímpeto de conquistar visibilidade para o novo clube, a diretoria da A.A.B.B.-SP convidou a A.A.B.B.-Rio para uma visita esportiva à São Paulo em setembro de 1935. Os cariocas chegaram à São Paulo e disputaram uma série de modalidades. Em retribuição à hospitalidade paulistana, os cariocas convidaram os seus colegas paulistas para uma visita ao Rio de Janeiro, porém, o time de futebol foi impedido de embarcar pelo seu dirigente. Diversos motivos foram encontrados como justificativa para que o time de futebol não fosse bem-vindo na caravana ao Rio. Não haver possibilidade de hospedagem ou o time ser composto, majoritariamente, por jogadores negros, por exemplo. Fato é que o time de futebol da A.A.B.B.-SP não foi ao Rio, e, enquanto a caravana estava na Capital Federal, os sócios do time de futebol decidiram formar um novo clube, que dessa vez teria a sua diretoria restrita aos funcionários contínuos. Assim nasceu o Satélite Futebol Clube. Já na ata de fundação do clube ficou registrado que apenas funcionários do quadro de portaria poderiam fazer parte da diretoria do clube.

Após a fundação do novo clube, muitas vezes houve questionamentos por parte do Banco do Brasil sobre a necessidade de haver dois clubes de funcionários em uma mesma agência bancária. O que se constatou durante a pesquisa foi que os clubes, ainda que fossem formados por funcionários do mesmo banco e tivessem a mesma finalidade – a prática



esportiva – eram bastante distintos quanto à forma de vivência e de sociabilidade que proporcionavam. Isso porque adotavam modalidades distintas e tinham inserção diferente na L.B.E.A. Assim, o trabalho versará, partindo da história dos dois clubes, sobre as escolhas do modo de ocupação do tempo livre e a sociabilidade dos bancários paulistas. Compreendeu-se que as escolhas de modalidades esportivas e de formas de sociabilidade eram diferentes nos dois clubes em decorrência dos sócios que congregavam. Para compreender essa diferença entre os sócios foi preciso analisar a organização dos bancários paulistas no período, que se dava no Sindicato dos Bancários de São Paulo. A partir disso, foi possível compreender as clivagens existentes dentro dessa categoria de trabalhadores, que se refletia no universo esportivo dos funcionários do Banco do Brasil. O período histórico que o trabalho abordará, entre os anos de 1934 e 1945 se justifica por ser o intervalo entre o momento de fundação da A.A.B.B.-SP e o apaziguamento das disputas entre os dois clubes.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, CIDADE E ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA

5. Ligas dos Subúrbios do Rio de Janeiro: a Associação Athletica Suburbana

Glauco José Costa Souza

Mestre em História Social – UFF

glauco.josecosta@hotmail.com

O desenvolvimento dos esportes nos subúrbios do Rio de Janeiro encontrou caminhos variados e complexos naquelas regiões. No início do século XX, a própria definição sobre o que seriam as áreas suburbanas da Capital Federal ainda estava em construção, de modo que os elementos de identificação destas localidades ainda estavam em formação.

Dentro desse cenário, os esportes chegaram aos subúrbios em um momento de grandes transformações. Inicialmente objeto de debates sobre os benefícios e os malefícios que a sua introdução poderia causar na sociedade, eles, de uma maneira geral, acabaram sendo abraçados como capazes de gerar situações positivas para os seus praticantes.

O futebol masculino foi inserido neste processo. Visto, por parte da imprensa, como um elemento gerador de violência, e por outros grupos como um hábito salutar para o desenvolvimento físico, o esporte bretão se disseminou nas regiões suburbanas, sendo a realização de matches, a fundação de clubes e a criação de Ligas um caminho para pensar nisso.

A Associação Athletica Suburbana foi criada dentro deste cenário. Com diversos clubes sendo fundados nos subúrbios cariocas, a Liga Suburbana de Futebol se destacou como uma competição de grande relevância nas regiões, mas ficou longe de ser a única. Com critérios específicos para permitir o ingresso dos clubes, a Suburbana nem sempre conseguia – e nem tinha o interesse – de absorver todas as instituições. Assim, o surgimento da Athletica Suburbana se deu neste contexto.

Por isso, neste trabalho, almejamos fazer a discussão sobre o surgimento da Associação Athletica Suburbana, bem como a relação estabelecida com as demais competições locais e também com os demais eventos da indústria esportiva do Rio de Janeiro, como, por exemplo, o 3º Campeonato Sul Americano de Futebol, em 1919.

Longe de ser um conjunto de regiões dissociadas do que acontecia no Centro da Capital Federal, os subúrbios do Rio de Janeiro apresentaram um desenvolvimento próprio em cada localidade e isso pode ser percebido analisando a difusão do futebol.



DIA 2 | 13 DE AGOSTO DE 2020

SALA 2 – LUDOPÉDIO

SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

Coordenação

Eduardo de Souza Gomes

Doutor em História Comparada – UFRJ

Professor IV

eduardogomes.historia@gmail.com

Comunicações

1. ARAUJO FILHO, Marcelo Viana. *Bangu Athletic Club e o seu processo de profissionalização através do espaço (1910 – 1933)*
2. D'ÁVILA, Gabriel Estrella. *Sportsmen vs. Footballers: os homens que recusaram a profissionalização*
3. FERNANDEZ, Renato Lanna. *Aspectos Econômicos da Profissionalização do Jogador de Futebol: caso Fluminense Futebol Clube e Clube Atlético Paulistano*
4. RIBEIRO, Raphael Rajão. *Um circuito da várzea em Belo Horizonte: transformações do futebol na capital mineira entre as décadas de 1940 e 1950*
5. STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre na primeira metade do século XX*



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

1. Bangu Athletic Club e o seu processo de profissionalização através do espaço (1910 – 1933)

Marcelo Viana Araujo Filho
Mestrando em História – UFF
manoviana2121@gmail.com

A comunicação para o II Encontro Nacional de Historiadores do Esporte tem como objetivo investigar o processo de profissionalização do The Bangu Athletic Club, o time da fábrica de tecidos de Bangu, a partir de uma ótica pouco explorada pelos historiadores, o espaço. Os historiadores tendem a focar em dimensões temporais antes de espaciais. Porém, o espaço pode ser uma importante ferramenta de análise processuais, sendo promovedores de uma formação sensível e específica para o surgimento de determinado fenômeno histórico. O objetivo é discutir a relação entre territorialidade urbana e história social. Pensar o subúrbio e a construção do mesmo. Para tal, devemos analisar as estratégias de exclusão das ligas amadoras para mostrar como elas afetaram o clube. Nesse mesmo caminho, vamos observar como a imprensa da época via e noticiava o clube formado, em grande parte, por operários. Isso pode nos ajudar a refletir sobre a construção da imagem acerca do espaço, onde se localiza o The Bangu Athletic Club. E, a partir disso, fomentar a respeito da necessidade de desnaturalizar a noção de espaço. O período analisado – 1910 a 1933 – foi marcado pelo aumento da difusão do futebol, então esporte de elite, nas outras camadas da sociedade e pelo início do processo acerca da implementação do profissionalismo no futebol. Tal processo de implementação que conta com a participação do clube operário. Isso abriu, nas mais variadas esferas, debates acerca do amadorismo versus profissionalismo. Para pensar o The Bangu Athletic Club, por meio do espaço, precisamos, também, recorrer aos traços dos torcedores e do corpo administrativo do clube em um período de popularização do esporte na sociedade do Rio de Janeiro, em uma tentativa de investigação de como se deu o processo de profissionalização da agremiação. Recorre-se à esfera da História Social, por meio do estudo da imprensa e do espaço, para pensar os enfrentamentos, as disputas e as exclusões em uma sociedade que centrava seus esforços em uma modernização essencialmente eurocêntrica.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

2. Sportsmen vs. Footballers: os homens que recusaram a profissionalização

Gabriel Estrella D'Ávila
Mestrando em História – UFF
gabriel.estrella94@gmail.com

O discurso dominante e que se coloca como oficial sobre a profissionalização do futebol a põe como um processo elitizado, restringindo o esporte às classes mais abastadas, não só por ser um sinônimo de modernidade, como por conta das ideias higienistas que permeavam essas classes durante grande parte da Primeira República. Não se nega, contudo, o papel exercido pelos grupos mais populares, pelo contrário, uma vez jogando, mas não podendo subsistir do futebol, estes têm atuação fundamental nesse processo a favor da profissionalização, principalmente na conjuntura que se apresenta após a chamada “Revolução de 1930”. Situado, portanto, nesse período conturbado, o futebol se encontra em um contexto de transição dos sportsmen para os footballers. Em um primeiro momento, durante a Primeira República, o quadro que se põe é de busca por um ambiente elitizado e higienista. Uma conjuntura também de completa aversão àqueles oriundos das classes mais baixas, àqueles que vivem do trabalho braçal, àqueles que, libertos com a abolição, precisavam se encaixar numa realidade e sociedade completamente novas, que os desprezava simplesmente pela sua cor de pele. É nesse plano de fundo que o Fluminense F.C. – o ponto de partida desse estudo – constrói a sua identidade, baseada nos preceitos da distinção e do requinte. Estes vão ser expandidos e exemplificados nos sportsmen, homens multi-atletas, cavalheiros e difusores dos hábitos europeus, muitos destes contidos nos times de futebol. Em um segundo momento, o cenário muda com o pós-1930, entrando em um período pautado, principalmente, pelos ideais do trabalhismo. Com o advento da profissionalização, membros das demais classes entram em campo, tornando-se, assim, footballers. Apesar da popularização que o processo trouxe, as marcas do preconceito continuaram vivas, fazendo, em alguns casos, da própria profissionalização um mecanismo de distinção, agora entre sócios e funcionários, verificando-se casos de jogadores que optaram por continuar amadores a se profissionalizarem, trazendo à vista as dificuldades — muitas de caráter elitista — que esses encontraram nessa transição. Tendo isso em vista e levando em consideração a análise dos



arquivos feita no Fluminense Football Club e a bibliografia levantada, o texto faz — em uma perspectiva histórica — um estudo de caso focado nos atletas que recusaram a tornarem-se profissionais durante o processo de profissionalização do futebol, questionando em que medida esse movimento foi um padrão nos demais clubes da cidade do Rio de Janeiro ou apenas um caso isolado — uma vez já verificado — no Fluminense F.C. enquanto um clube identificado com a elite.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

3. Aspectos Econômicos da Profissionalização do Jogador de Futebol: caso Fluminense Futebol Clube e Clube Atlético Paulistano

Renato Lanna Fernandez

Doutor em História Política e Bens Culturais – FGV

renatolfernandez@hotmail.com

Em continuidade as pesquisas desenvolvidas no mestrado e no doutorado sobre o processo de formação das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol brasileiro (1900 – 1933), tendo por foco o Clube Atlético Paulistano e o Fluminense Futebol Clube, o objetivo dessa comunicação é explicar que o processo de consolidação do profissionalismo em São Paulo e no Rio de Janeiro não foi somente uma disputa entre defensores do amadorismo versus defensores do profissionalismo, a partir do estudo dos balancetes financeiros do Fluminense F. C. e do C. A. Paulistano.

Com o emprego do método comparativo, procura-se apontar as semelhanças e as diferenças na história do Fluminense F. C. e do C. A. Paulistano utilizando como fonte os balancetes financeiros produzidos por esses clubes. Busca-se demonstrar que questões econômicas foram fundamentais nas opções desses dois clubes, em apoiar ou não, a implantação do novo modelo profissional, inclusive rompendo com uma visão consolidada de que o C. A. Paulistano teria extinto seu departamento de futebol por razões de apoio ao amadorismo puro. Tal questão é mais complexa e envolve realidades financeiras e políticas que não podem ser colocadas de lado.

Ao analisar tais relatórios, percebe-se que os clubes em questão tem uma relação diferente entre as receitas com a mensalidade dos sócios e a venda de ingressos com o processo de popularização do futebol. Enquanto o clube carioca vê um crescimento das receitas com a renda dos jogos que supera a receita com mensalidades, o clube paulista apresenta o contrário. Tal fato demonstra que, aos poucos, esses clubes que possuíam o mesmo perfil de associados e de defesa do amadorismo caminham em sentidos opostos. A partir de meados da década de 1920, o Fluminense F. C. passa a liderar o movimento em prol da profissionalização do atleta de futebol enquanto o C. A. Paulistano rompe com a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e cria a LAF (Liga Amadora de futebol).



Outro aspecto importante da análise é o papel que desempenharam os patronos: Arnaldo Guinle (1884- 1863), pelo clube carioca; e Antônio Prado Junior (1880-1955), pelo clube paulista, na disputa pelo controle político do futebol brasileiro respaldando uma disputa entre a cidade de São Paulo e a Capital Federal que extrapolam a questão esportiva. Representantes de famílias tradicionais da República, esses dois dirigentes esportivos foram protagonistas em campos antagônicos numa representação simbólica entre a modernidade e a tradição muito presente nos anos de 1920.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

4. Um circuito da várzea em Belo Horizonte: transformações do futebol na capital mineira entre as décadas de 1940 e 1950

Raphael Rajão Ribeiro

Doutorando em História, Política e Bens Culturais – FGV

raprajao@gmail.com

O estabelecimento de distinções entre clubes de futebol, com a constituição de uma elite de entidades que assumiram o controle das federações atreladas ao sistema FIFA remonta às décadas iniciais do século XX. Como apontado por inúmeros estudos, a dinâmica própria do campo esportivo em constituição naquele período, atravessada por questões de ordem social, econômica e política ajudam a compreender o estabelecimento de barreiras que orientariam a posterior transição da prática amadora para a profissional.

Partindo desse contexto, a presente comunicação pretende abordar a conformação de um circuito competitivo do futebol de várzea em Belo Horizonte associado a processos que foram fundamentais para um novo arranjo da gestão do futebol no Brasil. Para tanto, considera-se transformações fundamentais ocorridas entre as décadas de 1930 e 1940, a exemplo da profissionalização da prática nos principais centros esportivos, a pacificação entre entidades diretivas divergentes e a estruturação de um sistema esportivo nacional, com novos marcos legais para a ordenação das federações. Tais fenômenos lançaram bases para a reorganização das ligas formadas pelas equipes não vinculadas ao grupo que progressivamente convertia-se em profissional.

O exame desse momento de estruturação do que será classificado como um circuito competitivo do futebol de várzea é especialmente interessante para se compreender os caminhos tomados para a organização dessa modalidade esportiva em Belo Horizonte, mas também no país. As transformações vivenciadas entre 1933 e 1942 teriam importantes desdobramentos no restante da década de 1940 e nos anos 1950, com a progressiva consolidação de um modelo regional de organização dessa prática atlética. No caso de Belo Horizonte, essas mudanças foram fundamentais para a conformação de sistemas de disputa e de divisões das agremiações, que englobariam equipes originadas de bairros e de classes trabalhadoras, que comporiam um circuito que passaria a ser denominado como a várzea.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL E PROFISSIONALISMO

5. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre na primeira metade do século XX

Miguel Enrique Almeida Stédile

Doutorando em História – UFRGS

miguel.stedile@gmail.com

O artigo apresenta as conclusões da dissertação de mestrado “Da Fábrica à Várzea: Clubes de Futebol Operário em Porto Alegre”, onde procura-se identificar relações de dominação e resistência manifestas, através de uma forma específica de organização e de um espaço determinado de sociabilidade, durante o tempo livre destes trabalhadores e clubes de futebol operários em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, buscando compreender o futebol como campo de disputa entre operários e industriais, fora das fábricas, como espaço para formação de laços de solidariedade e identidade ou de subordinação e disciplinamento. Através da análise da imprensa, incluindo a esportiva e operária, demonstra-se como este processo está inserido dentro de um discurso moderno, que inclui o culto ao físico, o disciplinamento e higienização que, ao mesmo tempo, geram novos espaços urbanos e a organização de agremiações como novas formas de sociabilidade, convergindo em grandes eventos sociais de afirmação desta modernidade. Trata-se de uma tensão permanente entre industriais, igreja, Estado e operários, pelo controle do espaço e das relações extra-fabris, no qual esse discurso é apropriado e re-significado pelos operários como forma de organização, acesso ao tempo livre e construção de laços de identidade e solidariedade, ao mesmo tempo em que contribui para a popularização deste esporte.



II ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIADORES DO ESPORTE

DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020

SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS

SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

Coordenação

Álvaro Vicente do Cabo

Doutor em História Comparada – UFRJ

Professor UCAM

alvarodocabo@yahoo.com.br

Comunicações

1. LIMA, Taiane Anhanha. *Torcedoras: representações na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX (1916-1923)*
2. OLIVEIRA, Elias Costa de. *O novo ciclo das torcidas organizadas no Brasil: o estilo barra brava*
3. PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *A guinada antifascista nas ondas do mar das torcidas: Ultras Resistência Coral e insurreição clubística*
4. SILVEIRA, Guilherme Pontes. *Futebol e resistência: a resignificação do torcer por movimentos de torcedores do Estado de São Paulo (2013 – 2018)*
5. UZÊDA, Pedro Camargo Rodrigues. *O Galícia Esporte Clube e a Identidade*



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

1. Torcedoras: representações na imprensa do Rio de Janeiro no início do século XX (1916-1923)

Taiane Anhanha Lima
Mestranda em História – UFSM
taiane3@hotmail.com

O presente resumo é fruto de um recorte do meu trabalho de conclusão de curso denominado “Torcedoras”: representações de mulheres brancas e negras pela imprensa nos campos de futebol do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX”.

Nesse recorte, analiso as representações destinadas a mulheres torcedoras frequentadoras das arquibancadas de futebol em três revistas nas primeiras décadas do século XX (1916-1923) apenas no Rio de Janeiro. Um dos motivos para a presença significativa de mulheres de classes mais abastadas (percebemos isso por conta das vestimentas utilizadas e visualizadas através das imagens, que são: luvas, chapéus e longos vestidos) nos estádios entre 1916 e 1923 é que os homens poderiam se associar aos clubes e assim pagavam a joia por mês e não os ingressos dos jogos, além disso poderiam levar sua esposa e mais duas filhas solteiras de forma gratuita. E na década de 20 após o Campeonato de Futebol dos Jogos Sul Americanos em 1922 a figura das torcedoras perde espaço nas arquibancadas e algumas das possibilidades e hipóteses levantadas foram o aumento da violência nos estádios, o paulatino fim da gratuidade para mulheres esposas e filhas de sócios homens e a obrigatoriedade das mesmas de pagar ingressos (SANTOS, 2012).

O Rio de Janeiro, sendo a capital do Brasil nos anos analisados, é uma cidade importante para que entendamos alguns aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos que configuraram o país no período, porém seu recorte não explica o país como um todo. Como a capital também era conhecida como “cidade dos esportes” (MELO, 2012) o olhar da imprensa, esportiva ou não, era atraído para a cidade em questão.

O recorte espacial do Rio de Janeiro irá se destinar às torcedoras que aparecem nos registros fotográficos, charges e escritos das seguintes revistas (que são consideraremos da grande imprensa e terem grande visibilidade e vendas no período): Fon-fon, Jornal das Moças e Revista Careta. Em algumas das ocorrências encontradas há a utilização de termos negativos para se referir às torcedoras e adjetivos que objetificam essas mulheres. A partir disso,



concluimos que as mulheres torcedoras estavam presentes em um representativo número nas arquibancadas do começo do século XX, mas suas representações resultavam em alguns preconceitos de gênero e machismo por parte dos impressos.

Para a pesquisa foi necessário o acesso às versões digitalizadas das fontes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Para realizá-la, utilizamos através da busca pelas palavras-chaves os termos “torcedora” e “torcedoras”, o que contribuiu para a investigação e revelou informações interessantes para as análises.

No total, de todos os impressos citados acima da imprensa carioca, contabilizamos 150 ocorrências sobre os termos, a partir disso, fizemos uma seleção de alguns textos, imagens e charges. O critério escolhido foram os textos, imagens e gravuras que possuísem em seus conteúdos um caráter problematizador e diferenciado sobre as mulheres torcedoras.

A Revista Careta foi uma publicação de generalidades, com propagandas, fotografias da vida cotidiana brasileira, críticas expressas em charges a respeito da política do país, além de referências sobre moda e comportamento. Primeiramente, notamos que entre os anos de 1916 a 1918 as imagens que se repetem são de torcedoras que ofereceram jantares dançantes ou chás aos jogadores, ou seja, elas faziam parte da estrutura associativa dos clubes e se responsabilizavam pelo meio social. Há também diversas fotografias de mulheres torcedoras assistindo a jogos sempre em grupos, todas elas mulheres brancas.

Em 1919, o modo de apresentação de torcedoras apenas por fotos ou divulgação de seus eventos não é mais o foco principal, pois ocorreu no Rio de Janeiro, pela primeira vez, o Campeonato SulAmericano de futebol e houve uma grande cobertura pelos meios de comunicação, inclusive, da Revista Careta. A partir daí percebemos as mulheres sendo descritas e representadas quase sempre em posições consideradas exageradas ou escandalosas para uma mulher na época.

Na Revista Fon-Fon (suas principais temáticas são da área política, mas também noticiavam assuntos diversos de maneira satírica e debochada) e no Jornal das Moças (revista semanal ilustrada, onde o público era o feminino) percebemos diversas crônicas e seções que em suas páginas continham várias histórias sobre mulheres torcedoras.

Embora não podemos saber se são ou não histórias ou crônicas que realmente aconteceram e mesmo que sejam fictícias, elas nos apresentam o imaginário sobre as torcedoras na época. São mulheres torcedoras descritas como agitadas e nervosas com os jogos dos seus times (isso é muito ressaltado) e diversas outras características que



demonstram não haver apenas uma forma única de torcer por parte das mulheres ali presentes, sendo isso registrado ora de forma julgadora, surpreendente, ora de forma positiva.

Apesar de ser cada vez mais intensa a participação das mulheres nas arquibancadas, as desconfianças e os estereótipos ainda persistem, são alguns rótulos criados por homens para que nossa falas e conhecimentos sobre o esporte sejam menos valorizados. Rótulos esses que foram baseados e construídos através de representações do passado, como as análises observadas. Consideramos a temática de primordial importância não só pela visibilidade dada a torcida feminina que sempre esteve no estádio, mas também para que possamos compreender as rupturas e vestígios que essas marcas negativas de algumas representações sobre as mulheres torcedoras deixaram em diferentes épocas.

REFERÊNCIAS

SANTOS, J. M. C. M. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (et al). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 53-85.

MELO, Victor. Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. (et al). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 21-52.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

2. O novo ciclo das torcidas organizadas no Brasil: o estilo barra brava

Elias Costa de Oliveira
Graduado em História – UFSM
eliascostaiff@hotmail.com

O novo ciclo das torcidas organizadas no Brasil: o estilo barra brava No Brasil a forma organizada de torcer inicia-se a partir de 1930-40, com as “Torcidas Uniformizadas” ou “Charangas”, que tinham o objetivo único de alegrar as arquibancadas e apoiar o time. Ademais, muitas vezes eram vinculados a direção do clube, não se envolviam em debates internos ou políticos. Bem como, tinham “torcedores símbolos”, fazendo disputas de melhores torcidas uniformizadas no Brasil.

O ciclo das “Torcidas Uniformizadas” foi entre 1940-1970, período que foi marcado pelo apoio incondicional ao Clube, sem críticas ou divergências políticas, era uma “Tríplice Trindade” - um Clube, uma Torcida, um Chefe”. Esses “chefes de torcida” ditavam o ritmo da torcida, sempre em contato com a moralidade e apoiando o trabalho policial. Ademais, alguns “chefes de torcida” não permitiam palavrões nos estádios.

No período do final da década de 1960 a juventude no Brasil é reprimida pela Ditadura Civil- Militar. Em contestação a ordem vigente, são escritas músicas, poemas peças teatrais e até mesmo grupos de resistência armada. Nesse contexto, dentro das torcidas, também acontecem questionamentos de lideranças e da ordem colocada por líderes das “uniformizadas”.

No entanto, com as discordâncias geracionais dentro do grupo, as “charangas” e as “torcidas uniformizadas” não dão conta de todo os sonhos desses novos torcedores, em grande parte jovens. Igualmente, esses jovens, não concordam com tudo que é definido e querem novas atitudes, algo que não foi visto com “bons olhos” pelos antigos “chefes de torcidas” e pela imprensa da época.

Assim, no final da década de 1960, torcedores mais jovens, não querendo ficar submissos aos clubes, dirigentes, imprensa ou opinião pública, iniciam as “Torcidas Dissidentes” ou as “Torcidas Jovens”. A criação de novas formas de torcer foram impulsionadas por divergências, as torcidas jovens eram uma represália à moralidade, pois



não se calavam e lutavam por liberdade. Queriam o direito de voar. Essas ações caminharam junto a profissionalização do futebol.

Nesse sentido, em plena Ditadura Civil- Militar, com as “Torcidas Jovens”, o “apoio incondicional” passa a ser questionado. Pois, os torcedores passam a fazer exigências como troca de técnicos, discordar de presidentes de clube e reivindicar mais direitos ao torcedor. Na historiografia vemos que os primeiros passos de “Torcida Jovem” começou com o “Poder Jovem” do Flamengo em 1967, com um grupo de torcedores dissidentes da “Charanga”, porém, esse grupo institucionalizou-se apenas em 1969.

As “Torcidas Jovens” tornam-se a principal expressão da forma de torcer no Rio de Janeiro e no Brasil, levando traços característicos do período da Ditadura Civil Militar, como a burocratização e subdivisões em “pelotões”, “comandos”, “famílias” e “tropas”. Com essas características militares, correspondem a terceira fase do ciclo das organizadas (1980-) no país. Sendo que a primeira foi um período de carnavalização (1930-1950), o segundo período foi o processo de juvenilização das torcidas organizadas (1950-1980).

O quarto ciclo das torcidas no Brasil corresponde não como uma ruptura, mas um crescimento de uma nova forma de torcer, especialmente no Rio Grande do Sul. O estilo barra brava, iniciou em meados dos anos 2000, entre os times do Grêmio de Football Portoalegrense (G.F.P.A) e do Sport Club Internacional (S.C.I.).

As torcidas desses times passaram a expressar as formas de torcer características das barras bravas dos clubes da Argentina e do Uruguai, compartilhando a forma de torcer daquilo que podemos chamar de espaço platino. As barras possuem características peculiares, que se diferem das torcidas brasileiras, por meio de um estilo musical inspirado na cumbia villera. Levam para o estádio trapos (faixas com nomes de bairros ou frase de apoio), barras (faixas verticais esticadas desde o topo das arquibancadas até o final delas), sombrinhas, instrumentos de sopro, chimbau (prato de choque) e a murga.

Essa forma de torcer, quebra uma hegemonia de quarenta anos de samba, carnaval e grandes bandeiras dentro dos estádios gaúchos. O fenômeno da formação das barras junto à torcida dos dois maiores clubes do Rio Grande do Sul, reforça um pertencimento a uma comunidade platina.

A forma de torcer platina que nasceu no Rio Grande do Sul e espalhou-se para cantos remotos do Brasil, sendo um novo ciclo das torcidas organizadas. A “platinização” da forma de torcer se nacionalizou, até mesmo em estados que as “torcidas jovens” são fortes, como no



Rio de Janeiro e São Paulo. Em São Paulo as barras são mais fortes no interior do que na capital, devido à forte disputa de poder entre as organizadas mais antigas e estruturadas.

Essa quarta fase do ciclo das organizadas brasileiras ainda está em disputa e em consolidação, sobretudo, na região sudeste. As barras no Brasil, tem como sujeitos indivíduos mais novos e sócio dos clubes, sendo muito comum em times do interior, devido as disputas com times de grandes torcidas. A “platinização” da forma de torcer ainda está em crescimento, tendo adeptos que vão do Norte ao Sul do Brasil, fugindo das burocracias das organizadas, esse novo fenômeno platino nas arquibancadas ainda está em crescimento na historiografia do torcer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de ; MALAIA, João Manuel ; MELO, Victor Andrade de ; TOLEDO, Luiz Henrique de . **A Torcida Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. 164p .

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980)**. *Brasiliana*, v. 5, p. 367-404, 2016.

MURAD, Mauricio.futebol; Violência no Brasil. In: MURAD, M. (et al.). **Futebol: síntese da vida brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural SR-3, 1996.

TOLEDO. Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

3. A guinada antifascista nas ondas do mar das torcidas: Ultras Resistência Coral e insurreição clubística

Caio Lucas Morais Pinheiro
Doutor em História – UFRGS
caiolucasmorais@gmail.com

O presente trabalho procura analisar o grau de engajamento emocional de integrantes das torcidas antifascistas, considerando as particularidades dos vínculos associativos desses sujeitos com seus clubes. A partir da trajetória da torcida Ultras Resistência Coral (URC), do Ferroviário Atlético Clube (FAC), que é reconhecida como a primeira torcida antifascista do país, discutiremos como esses atores sociais tensionaram os espaços historicamente constituídos no futebol ao combaterem o fascismo, a violência, o machismo, a homofobia, a xenofobia e os discursos de ódio. À vista disso, buscamos avaliar valores, sentidos e significados que conformam as experiências da torcida Ultras Resistência Coral, mas que não necessariamente tal esforço se restrinja à compreensão desse agrupamento em específico, uma vez que pode ser estendido para a análise macro do fenômeno de profusão das torcidas antifascistas na segunda década do século XXI.

Nesse seguimento, a emergência da torcida Ultras Resistência Coral, criada em 2005, erigiu um modelo coletivo do torcer que politiza, sob o ponto de vista de esquerda, os espaços futebolísticos, tensionando a cisheteronormatividade tradicionalmente partilhada no esporte. De modo geral, os componentes desse grupo elaboram sociabilidades militantes que ultrapassam a torcida ao construir outros coletivos/partidos e movimentos sociais.

Em que pese a particularidade da Ultras Resistência Coral ser uma torcida de um clube fundado por trabalhadores, cuja origem operária é reivindicada e reatualizada permanentemente, a multiplicação das torcidas antifascistas em várias cidades no Brasil revela um novo tipo de engajamento torcedor com seus clubes. Dessa forma, contrapondo-se à elitização do futebol, ressignificando a relação com os rivais e trazendo à tona a necessidade de discutir o racismo, a homofobia e o machismo nos estádios, as torcidas antifascistas instituem novos elementos para o entendimento do grau de interesse e dos vínculos emocionais partilhados entre os torcedores. Se, conforme estruturada pelo antropólogo Arlei Sander Damo (1998) a conceituação de pertencimento clubístico, que abrange as diversas



modalidades de engajamento emocional de torcedores não só do futebol, mas também de outros esportes, a guinada antifascista redimensiona estas relações.

Assim, delineamos a terminologia insurreição clubística para dar conta das experiências dos integrantes das torcidas antifascistas. Expressão nevrálgica, estruturada inicialmente em estudo anterior, que é tributária do pertencimento clubístico, mas que esboça, ao fim e ao cabo, o percursos e os valores políticos de uma sociabilidade militante de esquerda. Nessa perspectiva, por meio do futebol, dos estádios e da torcida, as torcidas antifascistas provocam tensionamentos ao subverter padrões historicamente constituídos nesses espaços. Entretanto, isso não significa afirmar que estes integrantes atuam única e exclusivamente para disputar politicamente o futebol, pois, de acordo com suas narrativas, o sentimento e o vínculo com o clube não podem ser dissociados de suas práticas. Este artigo investiga, portanto, as nuances das rupturas e das continuidades entre o modelo coletivo do torcer antifascista e tradicionais formas torcedoras, como se distanciam e se aproximam ao forjarem identidades múltiplas em torno do futebol.

Em suma, a emergência da Ultras Resistência Coral e das torcidas antifascistas simboliza um momento de ressignificação do torcer que, de um lado, expressa um certo colapso parcial das torcidas organizadas e, por outro lado, lança luz para um quadro histórico de hipermercantilização do futebol e das disputas políticas no Brasil.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

4. Futebol e Resistência: a resignificação do torcer por movimentos de torcedores do Estado de São Paulo (2013-2018)

Guilherme Pontes Silveira

Mestrando em História – PUC-SP

guipontess66@gmail.com

Esta pesquisa tem por tema um estudo sobre a atuação de movimentos de torcedores de futebol pertencentes a dois times do Estado de São Paulo. Justifica-se a escolha deste tema, considerando um cenário em que o futebol é, cada vez mais, visto como palco privilegiado para manifestações de discursos socialmente construídos e historicamente mantidos responsáveis pela construção de subjetividades dos sujeitos sociais. Ademais, o futebol vem se transformando em um espetáculo midiático alinhado a políticas neoliberais que buscam criar um espaço apolitizado nesse esporte.

A pesquisa tem por finalidade analisar como movimentos de torcedores fazem uso dos espaços urbanos e digitais para expressarem-se politicamente diante de casos envolvendo racismo, LGBTfobia e o avanço de um discurso neoliberal no futebol brasileiro. Diante do período de 2013 a 2018, foram analisadas as ações de movimentos de torcedores provenientes do Estado de São Paulo. Totalizando três objetos de análise, sendo dois da capital paulista: Palmeiras Livre e Ocupa Palestra. E um da Baixada Santista: Punk Santista. Todos esses objetos possuem fanpage – página – na rede social digital Facebook. Fazendo uso do Facebook, esses movimentos constroem uma “autocomunicação” e buscam produzir discursos contrários aos estabelecidos socialmente.

Sob a perspectiva teórico-metodológica utilizou-se as contribuições de Michel Foucault para realizar as análises dos discursos produzidos online pelos movimentos em suas fanpage no Facebook. E também, as contribuições de E.P Thompson onde buscou-se compreender, a partir da experiência social, como se deram as formas de resistência e ação no dia-a-dia desses movimentos. Como também, sob luz da mesma perspectiva, e a partir de entrevistas com membros dos movimentos, como se deu a consciência social e união desses sujeitos ao movimento.

Além de procurar compreender as experiências dos integrantes, as entrevistas permitiram conhecer a estrutura organizacional e como se deram as estratégias de ação desses



movimentos. As entrevistas mostraram-se de enorme importância, pois permitiram coletar informações que os documentos escritos não disponibilizaram. Dessa maneira, foi possível notar uma organização que corresponde à uma horizontalidade, fluidez, múltiplas demandas reivindicatórias e também, a um apartidarismo. Características atribuídas as novas formas de organizações civis contemporâneas.



RESUMOS DA SESSÃO: FUTEBOL, TORCIDAS E IDENTIDADE

5. O Galícia Esporte Clube e a Identidade

Pedro Camargo Rodrigues Uzêda
Mestrando em História – UFBA
peuuzeda@gmail.com

Fundado em primeiro de janeiro de 1933, o Galícia Esporte Clube carrega, como o próprio nome sugere um vínculo com a imigração galega que aportou em Salvador entre o fim do século XIX e início do Século XX.

Em um contexto histórico no qual a Europa vivia uma grande crise econômica, intensificada em espaços rurais que tiveram mais dificuldades em industrializar-se, como por exemplo a Galícia situada na região noroeste da Espanha. Somada a isso, fuga do serviço militar obrigatório – o que ajuda a explicar um dos motivos da maioria dos migrantes galegos serem do sexo masculino – também é um elemento de forte expulsão desses migrantes de suas terras.

Paralelo a isso, o Brasil vivia no final do século XIX uma crise econômica e uma pressão de caráter externo e interno, para o fim da instituição escravocrata. Dessa maneira, a vinda da mão de obra europeia contribuía para essa substituição gradativa do trabalho braçal e também num projeto eugênico para o “embranquecimento da raça”. Assim, muitos italianos, espanhóis e alemães bem como outras nacionalidades partiam da Europa no desejo de “Fazer a América”.

Nesse contexto, a Bahia e a cidade do Salvador, longe de ser o maior polo atrativo desses emigrantes, sendo esse espaço de protagonismo ocupado tanto por São Paulo e sua forte economia não por acaso foi alvo da migração portuguesa, italiana, espanhola e asiática; e o Rio de Janeiro, a época ainda como Distrito Federal, responsável pela ocupação das colônias lusas, itálicas e hispânicas – desses últimos, também majoritariamente galegos assim como no caso da Bahia mas em números absurdamente maiores, chegando a 40 mil.

Dito isso, Salvador que em 1940 chega a ter pouco mais de 6 mil migrantes galegos, concentra um grupo específico dessa colônia. A qual, muito graças ao sucesso no ramo de “secos e molhados” enriquece e já em 1930 possui condição tal para uma série de instituições como o Clube Espanhol, o Cassino Espanhol, o Hospital Espanhol e o próprio Galícia Esporte Clube.



Sendo esse último objeto de estudo uma vez que as particularidades do esporte como o seu processo histórico de mudança do amadorismo para a cristalização do profissionalismo atrelado a uma massificação do esporte o qual o tornava cada vez mais popular, faz do Galícia alvo de um questionamento em torno de sua fundação e primeiros anos de vida: sendo um clube de valorização da identidade galega ou uma forma de integrar-se à sociedade soteropolitana, participando de um evento cívico e festivo o qual o futebol proporciona.



II ENCONTRO NACIONAL DE HISTORIADORES DO ESPORTE

DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020

SALA 1 – HISTÓRIA PUC MINAS

SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

Coordenação

André Alexandre Guimarães Couto

Doutor em História – UFPR

guimaraescouto@yahoo.com.br

Comunicações

1. DOMINGOS, Andre Luis. *A tabela entre futebol e política: futebol e as Diretas Já! nos editoriais da revista Placar (1982-1984)*
2. FERREIRA, João Paulo; VIDA, Samuel de Gois. *Ditadura argentina e o futebol: as comemorações da Copa e os prejuízos históricos*
3. MACIEL, Alexandre Vinicius Nicolino. “Goleiro negão sempre falha!” – racismo e futebol brasileiro
4. MARCOLAN, Letícia Costa. *Entre narrativas: a Seleção Brasileira de 1982*
5. OLIVEIRA, Letícia Marcela Ferreira de; BARROS, Mariana Tavares de. *O futebol no Estado Novo: perspectivas de uma estratégia*
6. SANTOS FILHO, José Eliomar dos. *Pedro Capenga, Clássico do pote, práticas e representações: coisas do futebol da Bahia nos anos 1930*



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

1. A tabela entre futebol e política: futebol e as Diretas Já! nos editoriais da revista Placar (1982-1984)

Andre Luis Domingos
Graduando em História – Unifal
andre.dellan@hotmail.com

Por meio do estudo da história do futebol no Brasil podemos identificar a presença de diversos elementos do mundo político. Enquanto foi ganhando espaço na sociedade e consolidando-se como negócio, o futebol constituiu-se como um aspecto importante na construção da identidade nacional, transformado em “paixão nacional” e, dessa forma, passa a ser também um elemento essencial dessa identidade e de nossa cultura (MAGALHÃES, 2011). Em meados da década de 1970, o Brasil passava por diversas transformações sociais. Grandes parcelas da sociedade brasileira começavam a se opor mais fortemente à ditadura militar e reivindicavam a reabertura democrática, ansiando por mudanças na condução do país. Essas transformações produziram novas ideias, mais adequadas àquele momento e o futebol, haja vista que faz parte da sociedade brasileira, também estava sujeito aos impactos dessas transformações. O desejo por uma maior participação política em um regime democrático também foi assumida, em alguma proporção, pelo mundo do futebol. A visão da academia e dos intelectuais de que o esporte, e nesse caso em especial o futebol, não era nada mais do que um aparelho ideológico do Estado, produto alienante que desviava a atenção dos problemas básicos do país, conhecido como o ópio do povo, também estava em crise. O futebol passou por uma ressignificação no “contexto de luta social e política em torno da redemocratização do país.” (SOUZA, 2018) Nesse sentido, o futebol era uma prática de liberdade. (FLORENZANO, 2009)

Esta pesquisa tem por objetivo verificar como o futebol brasileiro relacionou-se com a política do país, mais especificamente com o movimento que ficou conhecido como Diretas Já. Para tanto, utilizaremos como fonte histórica os editoriais da revista Placar, veículo de comunicação que pertencia na época ao grupo Abril, um dos maiores grupos de comunicação de massa da América Latina. A revista era a maior publicação nacional sobre esportes na década de 1980 e uma das principais responsáveis pela cobertura e informações do futebol nacional e internacional naquele momento. Placar tinha em seu quadro de funcionários

125



jornalistas identificados com a esquerda política brasileira, como Juca Kfourri, editor da revista e autor da maioria dos editoriais que serão analisados neste estudo, notadamente ligado aos movimentos favoráveis a redemocratização do país, como a Democracia Corinthiana. Em nossa hipótese, a eliminação da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1982 criou um sentimento de frustração mais ou menos generalizado na população e, a partir de então, com a cobertura feita pela publicação sobre mais um fracasso brasileiro no torneio, somado ao conturbado momento político que atravessava o país e os inúmeros motivos de descontentamento, as críticas feitas ao regime militar teriam se intensificado cada vez mais e utilizavam o esporte, o futebol em especial, como meio de demonstrá-las, contribuindo com o tom de descontentamento geral em grande parte da sociedade brasileira. Tais críticas e o crescente tom de reprovação ao governo militar na publicação atingem o ápice com a não aprovação da emenda Dante de Oliveira, em abril de 1984, quando havia toda uma expectativa de que a proposta seria aprovada. Dessa forma, ao analisar na publicação o antes, o durante e o depois no que diz respeito a campanha e ao movimento das Diretas Já, espera-se verificar se houve (ou não) colaboração, continuidades e/ou rupturas nos editoriais da Placar.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

2. Ditadura argentina e o futebol: as comemorações da Copa e os prejuízos históricos

João Paulo Ferreira

Graduando em História - IFSULDEMINAS

joapaulo.fpalmeiras@gmail.com

Samuel de Gois Vida

Graduando em História – IFSULDEMINAS

samuel.gois.vida@gmail.com

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa acadêmica e de pesquisas realizadas durante o primeiro período, em 2019, do Curso de Licenciatura em História, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Inconfidentes, Sul de Minas Gerais. O principal objetivo desta pesquisa é avaliar a ligação e fazer a comparação de dois grandes poderes que influenciam até hoje as pessoas: entre o futebol, sob a administração da FIFA, e a política governamental durante a Ditadura Argentina (1976 - 1983). Tal ligação se deu em razão da escolha da Argentina como sede da realização da 35ª edição da Copa do Mundo, em 1978. Por isso, prima pelo texto formato jornalístico. Na Ditadura Argentina, sob o regime do General Videla, grupos opositores organizaram um boicote à realização da Copa do Mundo, no ano de 1976. Com fotografias, documentos e correspondências denunciaram ao mundo e a Argentina os malfeitos, torturas e sumiços por detrás dos jogos de futebol. O governo, entretanto, via na realização da Copa e, sobretudo, na vitória do país argentino no campeonato, a oportunidade de mostrar à nação e ao mundo que não havia nenhuma forma de violência, opressão e perseguição política e, mais do que isso, a possibilidade de “esconder e abafar” a ditadura da Argentina que estava sendo governada pelos militares, tendo como representante presidencial, o General Videla. Em partes, com o coroamento da vitória do time da Argentina, o país se esqueceu por algum período dos inúmeros e grotescos malefícios que o governo causava frequentemente aos civis opositores de esquerda. Com isso, noticiários internacionais, ademais, também informavam ao público que não havia indícios de qualquer forma de violência, isto mostra que o governo conseguiu executar perfeitamente o plano cuja ideia era a de mostrar que não havia nenhuma forma de violência no período militar. Porém, com o passar dos anos, a história foi desvendando este plano que escondia veementemente a maldade do governo ditatorial e se envergonhando de comemorar este título que se deu em meio a derramamento de sangue que lutavam por democracia e liberdade.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

3. “Goleiro negão sempre falha!” – racismo e futebol brasileiro

Alexandre Vinicius Nicolino Maciel
Graduando em História – UFRRJ
alexandrevinicius1996@gmail.com

O objetivo dessa pesquisa é apontar como o racismo estrutural se reflete dentro do futebol, expondo como esse preconceito é mais forte para com goleiros. Quando se começa a elencar qualidades de um arqueiro, acima de pontuar a boa saída do gol, a capacidade em jogar bem com os pés, a ótima reposição de bola ou os bons reflexos, se encontra a necessidade de indicar a segurança que o atleta oferece, visto que a posição carrega dentro do espaço futebolístico a pressão de ser a última linha de defesa. Não à toa, virou jargão dizer que “todo bom time começa por um bom goleiro.” ou ainda, como bem apontou Jorge Ben Jor “goleiro não pode falhar. (BEN JOR, 1993.)”, mas para o ex-atacante Edilson, em frase que intitula a apresentação, se o goleiro for negro, a falha é certa, assim ele não transmite segurança.

Para que a pesquisa seja satisfatória no seu objetivo é primaz entender os conceitos que norteiam os debates sobre o racismo estrutural e a partir disso inseri-los na cultura do esporte, entendendo que mesmo dentro das suas peculiaridades, o mundo do futebol é reflexo da sociedade em que está inserido. Como bem aponta Silvio Almeida: “O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018, p.38.)”. Entender o racismo de modo estruturante nos permite afirmar que o futebol não está alheio a tal problemática e nos faz compreender o afastamento de negros na posição de goleiros, pois como supracitado a confiança transmitida é primordial para um bom arqueiro e assim como na sociedade, negros são distanciados de cargos superiores por serem definidos como inseguros e incapazes.

Apresentando dados práticos podemos analisar inicialmente os prêmios de melhores atletas do Campeonato Nacional, nesse referencial vamos utilizar as duas principais premiações existentes no país: Prêmio Bola de Prata que desde 1970 premia os melhores do principal campeonato do país, por iniciativa da Revista Placar e que em 2016 foi adquirido



pelos canais ESPN-Brasil. A outra premiação será o Prêmio Craque do Brasileirão organizado por CBF e Grupo Globo, que teve sua primeira edição em 2005.

Em cinquenta edições, o prêmio Bola de Prata premiou goleiros brancos quarenta e uma vezes, enquanto negros saíram vitoriosos em somente nove oportunidades, em dados percentuais tais números representam respectivamente 82% e 18%. Em números mais descritivos, se por nove vezes o prêmio de melhor goleiro foi conferido a um goleiro negro, somente cinco atletas tiveram tal honraria, enquanto vinte e nove brancos saíram vitoriosos. Os negros que romperam tal barreira foram: Manga em 1976 pelo Internacional e 1978 pelo Operário-MS; Dida em 1993 pelo Vitória, 1996 e 1998 pelo Cruzeiro e em 1999 pelo Corinthians; Wagner em 1995 pelo Botafogo; Fábio Costa em 2005 pelo Corinthians e Jaílson em 2016 atuando pelo Palmeiras. Já o prêmio Craque do Brasileirão em quinze edições, premiou por cinco vezes goleiros negros, o que representa 33%. Fábio Costa em 2005 pelo Corinthians, Jefferson em 2011 e 2014 pelo Botafogo, Jaílson em 2016 pelo Palmeiras e Santos em 2019 pelo Athletico-PR. Em números pessoais, foram quatro negros em onze premiados, ou 27%. Esses números se refletem na seleção brasileira, dos cento e cinco goleiros que já atuaram pela equipe, somente catorze são negros ou 13%. Em Copas do mundo, nas vinte e uma edições, dezenove goleiros entraram em campo, somente três negros, totalizando 16%, enquanto dos onze goleiros campeões do mundo pelo Brasil, somente um não é branco. E atentar para os mundiais é importante, pois uma das principais chaves do debate proposto na pesquisa se concentra em Copas do Mundo. Muito se alega que a falha de Barbosa em 1950, seja a causa para a desconfiança com goleiros negros, no entanto, antes mesmo do Maracanazo já se debatia que a posição de goleiros não era para negros (RODRIGUES FILHO, 1947 apud PASTORE; OLIVEIRA, 2018.) e até a sua estreia na Copa de 1950, nenhum negro havia defendido as balizas brasileiras num mundial. O suposto frango de Barbosa fora somente um acontecimento que deu bases, mesmo que infundadas, para a perpetuação de tal estigma, como afirmou Chico Anysio em 2006, ao questionar a titularidade de Dida, que cinquenta e seis anos depois de Barbosa foi primeiro negro a vestir a ser titular em Copas do Mundo (BLOG OS FERAS, 2012.)

A ausência histórica de goleiros negros em premiações nacionais e na seleção brasileira reflete não só uma condição traumática pós-Copa de 1950, mas um reflexo do racismo estrutural que se impõem no Brasil: “O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas,



econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2018, p.38.)”. Reflete-se no campo uma estrutura que é própria da sociedade brasileira, os dados apresentados, além de alarmantes refletem a prática de não pôr negros em posições nas quais a segurança e confiança são tidas como altamente necessárias, algo que pode ser observado por qualquer indivíduo ao seu redor com uma simples análise. No futebol especificamente, além dos goleiros, pode-se apontar também a pequena quantidade de negros como técnicos e dirigentes esportivos e também como comentaristas. Mesmo que se busque justificar essa ausência pelo discurso meritocrático é perceptível que tal afastamento é puramente racista e a meritocracia só reforça tal ação.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

4. Entre narrativas: a Seleção Brasileira de 1982

Letícia Costa Marcolan

Graduanda em História – PUC Minas

lmarcolan@gmail.com

A final da Copa do Mundo de 1982 foi disputada entre Itália e Alemanha Ocidental, a partida terminou 3x1 para os italianos, que se sagraram tricampeões do mundo. Porém, quando se pensa na Copa disputada na Espanha, o que vem à memória não é a Seleção italiana ou a alemã, é a brasileira. Na própria página da FIFA sobre a Copa de 1982, a manchete é “Brazil shine but Rossi strikes Spanish gold for Italy”. Esse é um exemplo simples, porém, significativo do que representou aquela Seleção para o Brasil e para o mundo. Como destacou Paulo Roberto Falcão, peça fundamental daquele time, o Brasil de 1982 “perdeu a Copa e conquistou o mundo”. Esse é, na verdade, o título do livro de Falcão sobre essa Seleção, um dos muitos que tentaram de diferentes formas entender o “futebol arte” de 1982.

Nesta comunicação buscaremos entender, através de algumas interpretações sobre a Seleção Brasileira de 1982, o que a mesma representou para a história e para a memória cultural do país, e quais foram as narrativas construídas sobre o time de 1982 e sobre sua queda. No auxílio dessa empreitada, contamos, sobretudo, com as interpretações de Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura* (2007) e *Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol* (2017), além de José Miguel Wisnik em *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008), *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?*, de Gustavo Román e Renato Zanata (2012) e *Brasil 82: o time que perdeu a copa e conquistou o mundo* (2012) de Paulo Roberto Falcão. Este trabalho é fruto de uma pesquisa em nível de Iniciação Científica, em andamento, sob orientação do Professor Elcio Loureiro Cornelsen.

Na apresentação de *Sarriá 82: o que faltou ao futebol-arte?*, Mauro Beting repete a frase de Falcão. Para o jornalista, ao lado da Hungria de 1954 e da Holanda de 1974, o Brasil de 1982 perdeu o Mundial, mas conquistou o mundo. Para Beting, o grande perdedor, foi o futebol, pois aquela Seleção representava a “nossa identidade”. Nesta análise, se atribui grande parte da pobreza do futebol brasileiro, seja o da Seleção ou dos clubes, à derrota de um



modelo de jogo, o “futebol arte”, “mulato” ou “de poesia”, o “verdadeiro” jeito brasileiro de jogar.

Retomaremos essa narrativa mais tarde. Por enquanto, vamos nos ater a investigação de Román e Zanata, que privilegiam a análise tática da Seleção, apontando os principais erros de Telê Santana. É interessante notarmos que, assim como Beting, os autores concordam que, apesar dos erros do treinador, com ele o futebol arte, “enfim, estava de volta à Seleção”. Voltando a análise tática, no texto, os autores reforçam o problema da lateral direita, explorada com liberdade pelos adversários (inclusive no primeiro gol italiano), isso se deu por conta da mudança tática de Telê com a Copa em curso, do 4-3-3 pelo 4-2-2-2. Para Román e Zanata, havia um claro desequilíbrio: grande facilidade de se lançar ao ataque, porém, claras dificuldades de marcação. Destacam ainda a posição de Sócrates, que, para eles, deveria ter atuado mais como um “centroavante nato”, no lugar de Serginho Chulapa e de Roberto Dinamite, que não apresentaram boas atuações. E, para que a Seleção fosse mais segura defensivamente, sugerem que Batista fosse escalado ao lado de Falcão, completando com Paulo Isidoro, Zico, Éder. Apesar de notarem erros táticos cometidos pela Seleção, fecham o livro com as seguintes análises do lateral Júnior: “aquela seleção não poderia jogar de outro jeito [...] o resto é resultado” (p.125), e, novamente Beting: “eu trocaria os títulos de 94 e 2002 pelo de 82. Seria um baita favor para o futebol” (p.125).

Essa suposta oposição entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia” também permeia a análise de José Miguel Wisnik. Para o autor o traço distintivo do futebol brasileiro é a elipse. Para explicar a comparação, Wisnik, dá exemplos de elipses criadas e realizadas pelos jogadores brasileiros (pedalada, chapéu, elástico), e conclui que, em todos os exemplos, a elipse é, mais do que buscar uma solução objetiva, é procurar ampliar o repertório linear de possibilidades existentes, somando a ele o inesperado. A Seleção de 1982, representante desse futebol, uma elipse dialética, como ele denomina, caiu, para a prosa italiana. O autor cita ainda que, quase como uma consequência da queda em 1982, a mesma Itália foi derrotada em 1994 pela Seleção Brasileira, entretanto, não com o futebol de poesia, dessa vez com a prosaica equipe de Carlos Alberto Parreira. Para além das consequências de dentro de campo, para Wisnik, a derrota representou ainda um fracasso fora de campo do Brasil país em constituir-se como uma civilização.

Hilário Franco Júnior também traça um diálogo entre o Brasil país e o Brasil Seleção, essa é, aliás, sua prerrogativa em A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura e em Dando



tratos à bola: ensaios sobre futebol. Enxergando o futebol sob a ótica de seu ofício, o fazer histórico, o autor enxerga o futebol, e não poderia ser de outra forma, não como uma manifestação cultural a-histórica. Ao contrário, este influencia e é influenciado por seu contexto, contudo, sem enxergar essa relação de forma mecânica, não sendo o futebol um reflexo puro e simples do seu tempo. Nesse sentido, Hilário Franco Júnior comenta que, assim como a Seleção de Telê encantou o país e não venceu, o movimento político que agitava o Brasil na década de 1980 também não. Como alerta, o Brasil país e o Brasil seleção pouco diferenciam-se para nós. Dessa forma, quando perdemos em campo, de uma forma ou de outra, também perdemos fora.

Como já explicamos, essa é uma pesquisa em curso. Até o momento, entendemos que as narrativas em torno da Seleção Brasileira de 1982, sobretudo sobre sua queda, representaram uma derrota dentro e fora de campo do Brasil. A primeira, a impossibilidade de encantar o mundo novamente através do futebol, apesar dos títulos em 1994 e 2002 e, a segunda, a impossibilidade de resolvermos nossos problemas como país.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

5. O futebol no Estado Novo: perspectivas de uma estratégia política

Letícia Marcela Ferreira de Oliveira
Graduanda PUC Minas
leticiafo1000@gmail.com

Mariana Tavares de Barros
Graduanda em História – PUC Minas
marianatavaresdebarros@gmail.com

Palavras-chave: Futebol; Populismo; Vargas.

O golpe getulista que daria início ao Estado Novo, em 1937, não pode e não deve ser considerado como esvaziado de significado em si. Arelado a ele, se insurge um projeto de nação e afirmação nacional necessário para a edificação desse novo plano político. Isto posto, a abordagem do futebol no Estado Novo vêm de encontro à compreensão das dimensões políticas e espelhamentos sociais e culturais desse fenômeno durante os anos de 1937-1946, quando as manifestações de cultura, como o próprio futebol e a capoeira, por exemplo, tornam-se exímios representantes brasileiros e passam a ser cultuados em massa. Supondo-se que esse fenômeno não puramente cultural, social ou político tenha sido usado como um dos artefatos principais no populismo de Vargas, objetiva-se compreender de que maneira, através de quais meios e movimentos, como os de imprensa e de intelectuais, e de que forma se difundiu e se edificou o futebol, e em que medida a disseminação deste corroborou para a consolidação política. Ademais, a proposição destas dimensões abre margem para discutir como e quanto elas reverberam no imaginário nacional ainda nos dias de hoje. Assim sendo, um olhar metodológico não seria possível apenas através de uma perspectiva de história cultural ou de história política, porque ele exige um quê de ambos e ainda depende-se a necessidade de entendimento do processo social margeador. Para isso, torna-se essencial o debate que agregue o conceito de cultura de massa e populismo, e possa delinear as camadas da população que passam a ser atingidas com a promoção do futebol no projeto desenvolvido por Vargas e a identidade que com seu auxílio se constrói. Como possíveis respostas às nossas hipóteses, podemos pensar na aderência quase total do futebol pelas camadas populares, algo que até os anos 30 praticamente se restringiu às elites. A construção desse sentimento popular



se liga, sem dúvida, a figura de Getúlio Vargas, que garante sua manutenção no poder por meio das propagandas, da mídia impressa e também da rádio — uma das grandes responsáveis pela disseminação do “esporte nacional” entre a classe operária — por onde ele falava com os trabalhadores. Outro grande feito, é associar sua imagem às vitórias da seleção brasileira, vide a unificação da seleção na Copa do Mundo de 1938, e também na construção de estádios, como o do Pacaembu, em 1940. Todo esse conjunto demonstra que a associação do futebol aos feitos políticos e a transformação do esporte em popular, visto como um meio de se obter vitórias e conquistas e onde todas as camadas sociais se fundiam, cultivou a imagem e o pensamento dele no imaginário social e culminou em uma identidade nacional onde o futebol passar a significar, sobretudo, brasilidade.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

6. Pedro Capenga, Clássico do pote, práticas e representações: coisas do futebol da Bahia nos anos 1930

José Eliomar dos Santos Filho
Graduando em História – UNEB
jeliomarfilho@yahoo.com.br

A década de trinta do século passado despontou aspectos que foram cruciais para o desenvolvimento e estruturação do futebol baiano. Fatos como a fundação do Esporte Clube Bahia no primeiro ano da década, profissionalização dos atletas já no fim do período citado e acirramento de importantes rivalidades entre os clubes locais. Podemos destacar os confrontos já estabelecidos no futebol local entre Ypiranga contra o Vitória, e ambos contra o Botafogo baiano. No caso específico, o surgimento do Bahia no cenário futebolístico da cidade do Salvador promoveu o incitar dos embates contra os clubes que militavam no campeonato estadual desde o seu começo, no início do século XX. Dentre estes, destacamos o Botafogo, time de Salvador e conhecido como o ‘clube dos bombeiros’, alusão ao seu fundador que era sargento da corporação e às cores alvirrubras da equipe. O referido time até a destacada década despontava como um das agremiações mais fortes do campeonato baiano, ganhador de cinco títulos até então, porém a entrada em cena do Esporte Clube Bahia no futebol local fez com os botafoguenses perdessem espaço e ainda passassem a amargar um tabu de não vencerem os tricolores desde o seu nascimento. Entre junho de 1931 (ano de fundação do Bahia) e julho de 1937 foram disputadas dezesseis partidas com poucos três empates e impressionantes treze derrotas dos alvirubros. A situação ao passar da década de trinta do século anterior ia ganhando ares de desconforto, angústia e desespero na incha alvirrubra, ao ponto de um dos seus torcedores, um peixeiro conhecido como Pedro Capenga começar a ganhar destaque na imprensa por nos jogos contra o algoz tricolor adentrar ao Campo da Graça com um pote nas mãos prometendo quebrar o artefato em caso de triunfo contra o Bahia. A promessa de Pedro se tornou um prato cheio para a imprensa esportiva soteropolitana que a cada véspera da partida entre os clubes lembrava nas páginas dos periódicos o compromisso do torcedor em carregar o símbolo ao campo de batalha na esperança da glória para a sua destruição. O jogo ganhou a alcunha de ‘clássico do pote’ e, à medida que a expectativa de júbilo da turma alvirrubra aumentava a cada partida disputada e a



frustração era na mesma dimensão, a dramaticidade do voto empenhado por Pedro Capenga ganhava mais destaque na capital baiana. Porém, o dia chegou e em 5 de setembro de 1937 o Botafogo venceu o Bahia por 2 a 1 e o deleite da torcida alvirrubra foi ao nirvana com a destruição do pote de barro ao fim da partida e os jogadores sendo aclamados como heróis que encerraram aquele sofrimento que já durava seis anos. Pedro Capenga fechou aquela história ali naquela tarde de domingo e prometeu não se comprometer novamente com promessas para triunfos do seu clube do coração. Mas, o apelido da partida foi eternizado e até os dias atuais o pote marca o encontro entre as agremiações (apesar de não ocorrer uma partida oficial há trinta e um anos). O artigo objetiva analisar a Bahia e futebol local na década de trinta pós-Revolução, ao qual instaurou Getúlio Vargas no poder federal e Juracy Magalhães como interventor estadual para revolta da elite baiana. Além disso, visa descrever a partir do uso dos jornais como fonte, de que forma o futebol era representado na imprensa soteropolitana, ao qual atravessava um momento de transição para uma popularização do esporte perante a sociedade. Buscaremos estabelecer analogias sobre a prática de torcer do alvirubro Pedro Capenga tentando fazer um exercício de compreensão da mentalidade do mesmo relativo à sua paixão pelo Botafogo e na sua obsessão por vencer o Bahia, concentrando sua fé no artefato de barro que eternizou o apelido do clássico. Para tal, usaremos do expediente de pedir auxílio a Antropologia a partir do conceito de totemismo proposto por Marcel Mauss e Alexander Goldenweissen.



DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020

SALA 2 – LUDOPÉDIO

SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

Coordenação

Ester Liberato Pereira

Doutora em Ciências do Movimento Humano – UFRGS

Professora UNIMONTES

ester.pereira@unimontes.br

Comunicações

1. CARATTI, Jônatas Marques. *Boxe, Pugilismo, Nobre-Arte e o Jogo do Soco: como se escreve a história do boxe no Brasil (1924- 2017)*
2. CRUZ, Marlon Messias Santana. *História Oral e Educação Física: uma análise em produções no campo da Memória*
3. FIGOLS, Victor de Leonardo. *O futebol no Simpósio Temático de História do Esporte na Anpuh: um balanço entre os anos de 2003 a 2019*
4. SANTOS, Flávia da Cruz. *Patrimônio esportivo no Brasil: um tema quase ausente*
5. SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Os usos públicos do passado e a urgência de discussões sobre história pública no esporte*



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

1. Boxe, Pugilismo, Nobre-Arte e o Jogo do Soco: como se escreve a história do boxe no Brasil (1924- 2017)

Jônatas Marques Caratti
Doutor em História – UFRGS
jonatascaratti@gmail.com

Entre os anos de 2012 e 2017, em virtude de nossa pesquisa de doutorado, realizamos um amplo mapeamento em livros, artigos, monografias, dissertações e teses que abordassem o tema do pugilismo. Nossa procura foi motivada por não nos contentarmos com os poucos textos localizados ainda na escrita do projeto (2011). Das obras localizadas, muitas não apresentavam bibliografia, o que nos impedia de saber as origens dos dados – ou sua própria veracidade. Desde o início da pesquisa, sentimos falta de um balanço bibliográfico que nos servisse de orientação, que delimitasse o tema em questão. Ao realizarmos a coleta chegamos ao número de cento e trinta e sete referências, das mais variadas áreas do conhecimento (Literatura, Sociologia, Antropologia, Jornalismo, História, Educação Física). Após isso, fizemos algumas perguntas norteadoras: o que já foi investigado sobre o boxe, tanto nacional como internacionalmente? A que tipo de categorias estas informações pertencem? Como o boxe foi tratado nestes trabalhos? Quantos abordaram a história do boxe enquanto fenômeno esportivo, cultural e social? Destes, quais obras podem nos auxiliar a compreender o percurso do pugilismo no Brasil? Nesta comunicação pretendemos apresentar os resultados dessa pesquisa e também demonstrar que apesar da extensa lista de obras, pouco se avançou sobre a investigação a respeito do pugilismo. Diferente dos historiadores ingleses e estadunidenses, que estudam este fenômeno desde as décadas de 1970 e 1980, só nos últimos anos observamos pesquisadores dedicados em entender a história do boxe no Brasil.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

2. História Oral e Educação Física: uma análise em produções no campo da Memória

Marlon Messias Santana Cruz

Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB

mmscruz@uneb.br

A História Oral como recurso em pesquisas acadêmicas implica em uma série de características e especificidades a serem observadas pelo pesquisador. No desenvolver do tempo as narrativas orais, como fonte para as pesquisas, ganharam espaço e forma nas pesquisas no campo da Memória. Nas pesquisas em Educação Física, este método pode trazer uma compreensão mais elaborada da especificidade da área e as nuances da atuação docente no contexto escolar, bem como da atuação profissional no campo não escolar, ou seja, demonstrar de forma mais clara a compreensão que os professores têm sobre as manifestações esportivas, artísticas, culturais, intelectuais e de práticas corporais que formatam a sua atuação profissional.

Ao discutir a Memória enquanto área do conhecimento e objeto multifocal do saber, é possível encontrar diversas abordagens teóricas reveladas em cada momento histórico da sociedade, as quais são desenvolvidas por vários estudiosos. Segundo Cordeiro (2015), os estudos sobre memória partem desde seu surgimento na Grécia antiga como um problema filosófico até os dias de hoje dentro das discussões de diversas áreas do conhecimento como a psicologia, as neurociências cognitivas, a filosofia, a história e a sociologia, tornando-a um campo interdisciplinar de estudo com suas variadas dimensões. Podemos tomar como exemplo as dimensões da Memória nos estudos de Halbwachs. Segundo Halbwachs (1990), a memória é um processo de reconstrução e deve ser analisado considerando dois aspectos, o primeiro é o fato de não se tratar de uma repetição linear dos acontecimentos no contexto atual, e o segundo é se diferenciar dos acontecimentos que podem ser localizados em um tempo ou espaço que se envolve num conjunto de relações sociais. Para o autor, a lembrança advém das relações sociais desenvolvidas no cotidiano, sendo assim, a memória individual só pode ser estabelecida a partir de memórias coletivas.

Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as possibilidades, limites e desafios do uso da História Oral nas pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Memória Linguagem e Sociedade (da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Para



fins de organização do trabalho estabelecemos como critério de seleção das produções, as teses e dissertações que dialogam com a Educação Física como componente curricular nas escolas de educação básica. Compreende-se que ao analisar estas produções, permite-nos debruçar na reflexão sobre como a História Oral surge nas pesquisas, e como o campo da Memória contribui para o desenvolvimento científico da Educação Física. Desta forma, este estudo propôs analisar as produções (teses e dissertações) do Programa de PósGraduação em Memória: Linguagem e Sociedade, curso da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS UESB), mais precisamente, como as pesquisas desenvolvidas no Campo da Memória estabeleceram diálogo com a Educação Física e utilizaram a História Oral como recurso metodológico. A opção por buscar as produções em Programa de Pós-Graduação, se deve ao fato que estas produções são, em grande medida, mais representativas e estabelecem uma qualidade necessária para a análise. Tal método é bastante comum em estudos deste tipo, uma vez que as pesquisas selecionadas para a análise possibilitam novas hipóteses, surgidas a partir das leituras criteriosas.

Dessa forma o investigador tem um estudo em evolução constante, uma vez que seus pressupostos surgem apenas como uma iniciação para o tema, e ao desenvolver as leituras, buscam evitar a fuga do assunto proposto, entretanto novas ideias e possibilidades podem surgir à medida que a análise se desenvolve.

A seleção dos estudos, objeto da análise deste trabalho, foi realizada em duas fases. A primeira fase, foi feito um levantamento, a partir da ferramenta de busca do banco de teses e dissertações publicados na página eletrônica do Programa de Pós-Graduação.

A segunda fase, foi realizada a leitura dos títulos e resumos dos trabalhos que buscavam aproximação com o tema deste estudo. No caminhar do levantamento, buscou-se filtrar as pesquisas que tinham como tema a Memória e a Educação Física, além da leitura dos títulos das pesquisas, realizamos a análise dos resumos e das palavras-chave. Ao selecionar os textos que atendiam aos critérios de inclusão, foi realizada a leitura do trabalho completo.

A revisão de literatura empreendida neste estudo propôs leituras minuciosas dos trabalhos selecionados, sustentando uma práxis que culmine com a identificação dos significados e sentidos conferidos às teorias da Memória, a Educação Física e o uso da História Oral como recurso metodológico das pesquisas, identificou-se nas abordagens metodológicas dos estudos as percepções sobre a História Oral, potencialidades e



possibilidades para o desenvolvimento em pesquisas no campo da Memória e Educação Física.

As proposições metodológicas utilizadas desdobraram em análises nas categorias encontradas, no intuito de reconhecer suas semelhanças, diferenças, inter-relações, fundamentados nos referenciais abordados nos textos.

A produção do conhecimento na área da Memória tem suas especificidades, no caso das produções analisadas neste estudo isso também se faz presente, atribuindo identidade às contribuições da História Oral nas pesquisas em Memória, bem como nas produções que buscam o diálogo com a Educação Física. Ao observar as produções, nota-se que é preciso que haja mudanças significativas no cenário pedagógico, social e político da Educação Física como área de conhecimento e intervenção. Pois, a partir das narrativas dos professores entrevistados, percebe-se que é indispensável a formatação de um aporte teórico com uma aproximação mais consubstanciada entre teorias da Memória e a Educação Física, pois as produções delataram que as teorias da memória contribuem significativamente para o avanço teórico-metodológico das pesquisas em Educação Física e Esportes.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

3. O futebol no Simpósio Temático de História do Esporte na Anpuh: um balanço entre os anos de 2003 a 2019

Victor de Leonardo Figols

Doutorando em História – UFPR

figolsvi@gmail.com

O primeiro simpósio sobre História do Esporte, Lazer e das Práticas Corporais dentro dos eventos da ANPUH data de 2003. É bem verdade que o tema, de maneira geral, já estava presente dentro dos eventos desde a década de 1990 – pelo menos –, mas foi a partir dessa data que o tema passou a ter maior recorrência na ANPUH. O surgimento de um simpósio específico no evento indicava que o campo historiográfico do esporte estava amadurecendo, impulsionado, em grande parte, pelos trabalhos sobre futebol.

Ao longo de duas décadas e meia, o simpósio mostrou-se ser um espaço privilegiado para a divulgação de pesquisas e promoção de debates entre os pesquisadores do esporte. Todavia, nas últimas nove edições – desde a fundação do simpósio específico até a última edição do evento em 2019 – o futebol se tornou o tema com maior atenção dos pesquisadores. Dos 277 trabalhos apresentados no período, pelo menos 134 tinha o futebol como tema. Isso corresponde a 49% de todos os trabalhos apresentados.

Ainda que o crescimento do número de trabalhos que tinham o futebol como tema foi tímido nos dois primeiros anos do simpósio, apenas cinco trabalhos em um universo de 42. Foi a partir do evento de 2007 que se viu uma profusão de trabalhos sobre futebol. De certa forma, isso sinalizava uma mudança no campo historiográfico, que já contava publicações acadêmicas (dossiês, artigos, monografias, dissertações, teses e livros), grupos de estudos e cursos específicos dentro dos programas de pósgraduação.

Assim sendo, o objetivo desta comunicação é apresentar um balanço da produção sobre futebol nos simpósios de História do Esporte, Lazer e das Práticas Corporais da ANPUH, entre os anos de 2003 a 2019. E a partir desse balanço trazer algumas reflexões sobre o campo, como por exemplo, as temáticas relacionadas ao futebol, o referencial teórico-metodológico utilizado ou as fontes analisadas, além de observar a distribuição regional dos pesquisadores e suas áreas de formação. Espera-se promover um debate sobre os avanços (e limitações) do campo de estudos sobre futebol nesses últimos anos.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

4. Patrimônio esportivo no Brasil: um tema quase ausente

Flávia da Cruz Santos

Doutora em Estudos do Lazer – UFMG

flacruz.santos@gmail.com

Apesar de no Brasil as discussões sobre patrimônio estarem em expansão, e de o fenômeno esportivo possuir forte e histórica presença, as ligações entre esses temas são incipientes, tanto no campo acadêmico quanto no campo das políticas públicas. A noção de patrimônio esportivo só recentemente tem sido evocada, devido, em grande medida, às discussões sobre o “legado esportivo” deixado pelos Jogos Olímpicos e pela Copa do Mundo de Futebol Masculino, recentemente realizados no país. O primeiro tombamento em nível federal se deu apenas no ano 2000, quando o Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, foi considerado patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Nos níveis estadual e municipal os tombamentos são realizados por instituições próprias, que possuem critérios diversos de patrimonialização. Tais divergências quanto ao que deve ou não ser preservado, evidenciam a falta de parâmetros comuns fruto da carência de discussões sistemáticas sobre o assunto.

No campo acadêmico, os poucos estudos existentes sobre patrimônio esportivo se referem exclusivamente ao futebol, prática fortemente enraizada na cultura brasileira, e que tem merecido a atenção, ainda que recente e pequena, dos três diferentes níveis de governo em suas ações de patrimonialização. Estes estudos se dedicam a investigar o processo de tombamento, bem como os critérios de sua realização. São muitos os estudos sobre a patrimonialização da capoeira, um bem imaterial. No entanto, os argumentos e motivos que levaram a tal tombamento vão no sentido de negar as possíveis relações de tal prática com o campo esportivo.

Tudo isso demonstra a incompreensão existente em torno do papel do esporte na constituição identitária da cultura nacional, e sua desvalorização como fenômeno social que contribui para a compreensão da história e salvaguarda da memória do país. Na tentativa de contribuir para a mudança de tal situação, este trabalho, fruto de pesquisa em andamento, objetiva discutir a aparente contradição que tal situação revela, tendo em vista as fortes relações históricas que o Brasil possui com os esportes. A intenção é melhor compreender os nexos causais de tal situação e, assim, colaborar para sua superação.



RESUMOS DA SESSÃO: ESPORTE E PRODUÇÃO HISTÓRICA

5. Os usos públicos do passado e a urgência de discussões sobre história pública no esporte

João Manuel Casquinha Malaia Santos
Pós-Doutor em História Comparada – UFRJ
jmalaia@gmail.com

Um dos temas que vem tomando vulto na pesquisa histórica é o da História Pública. A própria definição de História Pública é bastante ampla, mas podemos resumir em um campo que se preocupa com três questões principais: reflexões sobre a função social do/a historiador/a; investigações sobre os usos públicos do passado; e produção de conteúdo para públicos mais amplos a partir de pesquisa histórica. Publicações importantes já fazem parte das discussões mundo afora, principalmente a partir da publicação de revistas como a *The Public Historian* (1979) e a *Public History Review* (1992). No Brasil, o campo passou a crescer a partir dos anos 2010, com o 1o Simpósio Internacional de História Pública, realizado na Universidade de São Paulo e a criação, no ano seguinte, da Rede Brasileira de História Pública.

No entanto, apesar de toda essa discussão, este debate pouco interessou aos historiadores/as do esporte. Pouco discutimos, por exemplo, como o passado do esporte brasileiro vem sendo apresentado ao grande público e por meio de quais instrumentos. Os meios de comunicação, dominam as narrativas sobre o passado do esporte junto ao grande público, não só pelo seu poder de alcance, mas também pela suavização das narrativas. Mas outros elementos atuam na memória da população em relação ao esporte. Muitos estádios e ginásios do país, por exemplo, recebem nomes de inúmeras figuras que passam a fazer parte do vocabulário da população.

Trabalhos desenvolvidos por historiadores/as do Brasil vêm mostrando de maneira clara o aparelhamento do esporte, principalmente por regimes autoritários. Apenas para citar um exemplo, Couto (2014) realizou trabalho analisando as práticas autoritárias do regime Vargas e da Ditadura Civil Militar em relação ao esporte. Para além destes trabalhos, são muitas as pesquisas que mostram os absurdos cometidos nesses regimes, principalmente na Ditadura Civil Militar, por meio dos militares e políticos ligados à Arena. Lucia Grinberg



(2009) demonstra que a Arena não era apenas o partido do "sim, senhor", mas foi setor importante e representativo que apoiou o regime militar.

Apesar disso, podemos discorrer aqui uma extensa lista de estádios de futebol que levam o nome de políticos da Arena que executaram cargos executivos nomeados pelos militares no comando do Brasil entre 1964 e 1985 (isso para não falar dos estádios e ginásios "Presidente Vargas"). Vou apenas citar dois exemplos de estádios de futebol inaugurados em 1973. O estádio Plácido Aderaldo Castelo (Castelão), inaugurado em Fortaleza, homenageava o ex-governador do Ceará (Arena), que governou o estado entre 1966 e 1971. Já o estádio Alberto Tavares Silva (Albertão), em Teresina, era uma homenagem ao então governador do Piauí (Arena), indicado por Médici, e que governou o estado entre 1971 e 1975.

Para além de dar nomes a esses estádios e naturalizar figuras que participaram da Ditadura-Civil Militar entre o vocabulário cotidiano, esses estádios conseguem ainda uma outra proeza. Ao ganharem aumentativos e passarem a ser conhecidos por isso, o Castelão, o Albertão e tantos outros entram de maneira muito positiva e até mesmo íntima neste cenário. Uma certa relação de afetividade com esses nomes fica assim cristalizado na memória.

Com as recentes discussões que os usos públicos do passado ganharam na sociedade, onde estão sendo contestadas estátuas, nomes de ruas e demais homenagens, quando colocaremos em pauta os espaços esportivos que homenageiam figuras que participaram de regimes que atentaram contra os mais fundamentais preceitos democráticos? A pergunta nos coloca em debate direto com quem adentra no campo da História Pública. Neste campo, como aponta Dumoulin (2017, p. 19), o papel do historiador varia, e "esse papel por vezes fugaz engendra seus efeitos, a ponto de modificar as bases epistemológicas e deontológicas da empreitada historiadora".

Podemos então questionar qual é o nosso papel nesta arena de disputas pelo passado do esporte no Brasil. Mais ainda, como vamos operar nesta arena? Parto aqui da provocação do historiador do esporte Johnes (2013): "Se queremos que as pessoas acreditem que a nossa pesquisa importa, então temos que fazer nossa pesquisa ser fácil para elas lerem. A internet oferece imensas possibilidades." Algumas iniciativas no Brasil tornam-se espaços para a popularização das pesquisas sobre aspectos do passado do esporte brasileiro. Uma delas é o blog História(s) do Sport, organizado pelo Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da UFRJ. Outra iniciativa importante é o site Ludopedio, que apesar de não ser dedicado exclusivamente à história, dedica boa parte de suas publicações a temas do passado



escritos por pesquisadores que procuram problematizar o futebol para além das narrativas mais tradicionais. Há também o Podcast Stadium, organizado pelo Grupo de Estudos de História do Esporte e das Práticas Lúdicas da UFSM. E aos poucos vão se multiplicando as iniciativas. No entanto, é preciso fazer um balanço de qual espaço estamos ocupando, onde queremos chegar e se nossas estratégias estão sendo as mais eficazes. Os nomes de alguns estádios do país nos mostra o tamanho do desafio.

As iniciativas citadas, apesar de louváveis, ainda estão longe de refletir todo o potencial que a pesquisa em história do esporte vem produzindo no país. Torna-se necessário adentrar esses debates, produzir conteúdo, contestar narrativas e colocar em xeque homenagens do esporte que não mais correspondem aos anseios de uma sociedade plenamente democrática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Euclides. **Da Ditadura à Ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

GRINBERG, Lucia. **Partido político ou bode expiatório: Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), 1965-1979**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

JOHNES, Martin. What's the Point of Sports History? **The International Journal of the History of Sport**. v. 30, n. 1, 2013, p. 102–108.



DIA 3 | 14 DE AGOSTO DE 2020
SALA 2 – LUDOPÉDIO
SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

Coordenação

Rafael Fortes Soares
Pós-Doutor em História - UCSD
Professor UNIRIO
rafael.soares@unirio.br

Comunicações

1. COSTA, Eduardo Santos. *Vida Sportiva: os esportes em Curitiba durante a pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919)*
2. COSTA, Mateus Donay da. *Jogo de cartas no Rio Grande do Sul: as possibilidades da pesquisa histórica*
3. CRUZ, Danilo Aparecido da. *Esporte Clube Noroeste da Vila Formosa: Uma análise do envolvimento da comunidade com o clube do bairro*
4. LEAL, Bernardo Ferreira Estillac. *Galoucura e Máfia Azul- A Trajetória das Principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte*
5. SILVEIRA, Eduardo Bortolotti. *Um estudo sobre futebol e gênero: torcida organizada Maré Vermelha e sua atuação na cidade de Santa Maria*
6. SOUZA, Wendell Lima de. *Inclusão e resistência: a homofobia no futebol brasileiro*



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

1. Vida Sportiva: os esportes em Curitiba durante a pandemia de Gripe Espanhola (1918-1919)

Eduardo Santos Costa
Graduando em História – UFSM
eduscosta@outlook.com

A paralisação das práticas esportivas, durante uma pandemia, é um dos reflexos das medidas sanitárias de contenção da disseminação da doença. Durante a atual pandemia do novo coronavírus, por exemplo, os campeonatos de futebol de todo o mundo foram paralisados e até os Jogos Olímpicos de Tóquio foram adiados. A retomada ou não dos campeonatos esportivos, com ou sem público, tem sido palco dos debates envolvendo as entidades esportivas e os clubes. Tal dilema, no entanto, houve precedentes na pandemia de gripe espanhola. Com análises da nova história política através de Remond (2003), em que se possibilita a compreensão do esporte como agente político, assim como contribuições da história ecológica, que através de Klajman (2015) compreende as pandemias sob perspectiva histórica, a presente comunicação pretende analisar como a pandemia de gripe espanhola no ano de 1918 afetou as práticas esportivas na cidade de Curitiba, assim como compreender como o seu estudo contribui para a historiografia do esporte através da análise de dois jornais que circulavam na cidade. Como se observa na cidade de Curitiba, os jornais Diário da Tarde e A República faziam a cobertura tanto do campeonato de futebol da Associação Desportiva Paranaense quanto das corridas de turfe no Jockey Club Paranaense. Em um momento em que a ciência pouco sabia sobre o que era um vírus, nota-se, nas páginas desses jornais, uma preocupação com as medidas sanitárias necessárias para combater a propagação da gripe espanhola entre a população, dando dicas de como se higienizar, evitar de se contaminar e como não contaminar os demais. Como Klajman (2015) demonstra, a gripe espanhola se espalhou principalmente nas cidades mais populosas, onde houve maior circulação do vírus entre a população. Sabendo-se do risco que a gripe causava, os jornais da cidade noticiaram a promulgação do decreto n. 122, que determinava o fechamento dos cinemas e casas de diversão da cidade. Embora não falasse especificamente das práticas esportivas, percebe-se que os jornais da cidade ficaram por cerca de dois meses sem falar de novas partidas de futebol ou corridas de turfe. Enquanto isso, os cinemas que, pelo decreto, deveriam fechar,



continuam a anunciar no jornal Diário da Tarde, tendo, inclusive, colunas defendendo a reabertura dos mesmos alegando que a cidade ficava morta sem eles. No jornal A República, que era um órgão do Partido Republicano Paranaense, que governava o estado do Paraná na época. Então, o mesmo publicava informações como um discurso de estado, dando constantes recomendações à população e mostrando ações do governo do estado para combater a pandemia. Assim, tendo como base as considerações de Weber (2002) sobre a imprensa, compreende-se que cada um desses jornais tende a defender os interesses de seus clientes, ou seja, tanto anunciantes quanto os leitores. Tendo em conta essas análises, observa-se, então, que os esportes foram paralisados na cidade de Curitiba durante o pico da pandemia na cidade, ainda em outubro de 1918, principalmente após dirigentes da Associação Desportiva Paranaense terem contraído a gripe, só retornando o campeonato de futebol em janeiro de 1919. Quanto ao turfe, apenas retornou em abril de 1919. Com isso, percebe-se que, mesmo com poucas informações sanitárias sobre o vírus, as pessoas e as entidades esportivas tinham a consciência da importância que a paralisação das atividades esportivas tinham, bem diferente do contexto de 2020, onde há um jogo de interesses na defesa da retomada dos campeonatos, contrariando as recomendações científicas.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

2. Jogo de cartas no Rio Grande do Sul: as possibilidades da pesquisa histórica

Matheus Donay da Costa
Graduando em História – UFSM
matheusdonay1@gmail.com

Nos anos que orbitavam a virada do século XIX para o XX, no interior do Rio Grande do Sul e às margens de um núcleo urbano, localizava-se a Vendola do Arranhão. Local que carecia de zelo, frequentado por andantes, vagabundos, carreteiros e praticantes de diversos jogos, entre outros tipos. Esta descrição é feita pelo escritor regionalista Simões Lopes Neto, no emblemático conto “Jogo do Osso”, trama que menciona ao menos três jogos: o jogo do osso, as carreiras de cancha reta e os jogos de cartas. Este cenário, de um clássico “bolicho”, foi importante espaço de sociabilidade e lazer na vida dos riograndenses em tempos mais remotos, representado na literatura, cinema, pinturas, mas que não teve a mesma sorte de ser contemplado pela historiografia. Embora as corridas de cavalo comecem, timidamente, a ser objeto de pesquisa, os jogos de cartas ficaram reservados ao registro da subjetividade memorialista. Não há trabalhos que nos revelem as regras dos jogos, os valores das apostas ou qual o nome específico do jogo. Aliás, estas são as perguntas menos urgentes. Pesquisar o carteadado ganha valia quando buscamos compreender as questões que o cercam, como a honra, a violência, as relações de poder e de trabalho inseridas neste mundo, além do próprio caráter lúdico e sua oposição ao momento de trabalho. Aqui, buscarei apresentar o leque que os jogos de cartas abrem para a contribuição historiográfica, bem como as possibilidades e limites de mergulhar na história do carteadado, ainda tão cultuado em espaços como os Centro de Tradições Gaúchas. Uma das fontes mais ricas para que alcancemos estas respostas são as fontes judiciais, especialmente os processos-crime. No ano de 1913, Antônio Pedro da Silva, um jovem agricultor santa-mariense de 19 anos, encontrava-se bebendo cachaça e jogando cartas com Joaquim Martins de Oliveira em uma venda, afastada da zona urbana de Santa Maria. Segundo ele, havia pagado duas apostas perdidas em jogo para seu oponente, mas quando obteve seu triunfo, Joaquim recusou-se a pagá-lo. Foi neste contexto que Antônio valeu-se da violência através de golpes de facão, acabando réu em um processo que hoje encontra-se disponível para consulta online no site do Arquivo Histórico de Santa Maria. O caso de Antônio não é o único nos anos de Primeira República e outros crimes provenientes



das jogatinas podem ser localizados no mesmo arquivo. Embora muitas informações passem pelo filtro do escrivão, podemos captar momentos de jogos que descambaram para finais não muito amistosos, fonte que pode nos auxiliar a entender questões de honra e violência em meio à dinâmica que tanto poderia ser de lazer quanto de obtenção de bens e valores. Flores (2014) em seu livro *Crimes de Fronteira: A criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*, aborda uma apreensão de contrabando realizada em 1871 em Santana do Livramento, onde em meio a diversos itens de luxo constam baralhos de jogo. Lopes Neto, na literatura, representou esta prática no conto “Contrabandista”, onde um homem importa itens como munição e cartas de jogo, “para se defender e para se divertir”. Mas não foi apenas Simões Lopes Neto que contribuiu para o registro dessa prática, outros escritores o fizeram como Apolinário Porto Alegre em “O Vaqueano” (1872) e Jorge Luis Borges em “El idioma de los argentinos” (1928), onde dedica páginas a abordar algumas regras e sentimentos que emanam da jogatina, especialmente do Truco. Ao mencionar a contribuição de Borges, chamo a atenção para o caráter fronteiriço que se pode observar nos jogos. Assim como muitos jogadores transitavam pela fronteira, o próprio instrumento do jogo circula por ela, como vimos no caso da apreensão de contrabando. Informações valiosas podemos extrair também de relatos temporais, como é o caso da produção do memorialista Cezimbra Jacques, autor de “Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul” (1883), onde descreve com muitas informações a prática do jogo de cartas, extremamente associado a uma questão identitária do gaúcho. “Jogar e fumar cigarros são os gostos dominantes do gaúcho”, que joga por apostas e sempre com uma faca para “qualquer acontecimento ou dúvida que possa ocorrer”. Estes jogos, descreve ele, costumam ocorrer nas chamadas polperías (nome espanhol para bolicho), o popular bar. Notemos que, tanto no ensaio de Jacques como no conto de Lopes Neto e no processo-crime de Antônio, aparece a questão do lugar. Penso que, para compreendermos a jogatina em sua totalidade, é impossível relegar o espaço físico à segunda importância. O espaço de sociabilidade onde convivem pessoas de diversos ofícios sedia não apenas jogos, mas também oferece gêneros alimentícios, bebidas, é palco de bailes, de execução de instrumentos e de danças. O espaço do jogo é o espaço de um universo de práticas que se relacionam e convivem simultaneamente. Neste sentido, a historiografia argentina apresenta alguns trabalhos sobre este lugar que é a pulpería/bolicho, com olhares que vão da análise da variedade alimentícia aos “jogadores de naipes”. Aqui, do outro lado da fronteira, é preciso dar os primeiros passos. A história do lazer, que tanto tem a crescer e a nos revelar,



naturalmente contempla práticas de massa e de grande popularidade. Os jogos de cartas, com suas particularidades, não dispõem de figuras públicas reconhecidas através da sua prática ou de uma legião de torcedores, mas não por isso deixa de ser uma atividade extremamente popular em tempos de alternativas de lazer completamente diferentes da nossa contemporaneidade. Assim se encerra o objetivo deste trabalho, demonstrando os diversos tipos de fontes e perspectivas de análise dos jogos. Que as incontáveis lacunas a respeito das cartas possam começar a serem preenchidas.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

3. Esporte Clube Noroeste da Vila Formosa: Uma análise do envolvimento da comunidade com o clube do bairro

Danilo Aparecido da Cruz

Graduando em Educação Física – UNASP

danilogalan@gmail.com

O presente estudo buscou analisar o envolvimento da torcida do Esporte Clube Noroeste da Vila Formosa com o futebol amador, tradicional clube da zona leste de São Paulo, fundado no longínquo ano de 1964 e que ao longo do tempo foi se consolidando como uma das mais tradicionais equipes da várzea paulistana. Atualmente o clube conta com bons públicos em seus jogos, organiza belas festas e grandes excursões para acompanhar os jogos fora de seu mando. Partindo da hipótese de que a comunidade buscou um maior envolvimento com o clube do bairro por dificuldades no acesso aos jogos profissionais, o objetivo do trabalho foi estabelecido, analisar o incremento do futebol de várzea no bairro e a relação dos torcedores com o clube. Foi realizado um estudo de caso com aplicação de questionário para 100 pessoas, contendo questões abertas e fechadas, em três momentos distintos, o primeiro na sede social do clube, o segundo na festa de aniversário do Esporte Clube Americano de Vila Formosa enquanto o terceiro momento ocorreu em um jogo pela segunda fase da Copa Real Sports contra o Jardim Santa Maria Huana, na Arena Ajax, localizada na Vila Rica. Os torcedores demonstraram um forte vínculo com o clube, a maioria é residente do bairro, “96%”, acompanham o clube há mais de vinte anos, “54%”, os que frequentam os jogos toda semana representam “92%”, a hipótese que a falta de acesso ao esporte profissional poderia aproximar comunidade e clube do bairro em partes foi confirmada, porém não configurou-se como fator determinante, entre os motivos citados estão, o bom nível dos jogos, liberdade para torcer, acessar o campo com bandeiras e fogos de artifício, ambiente seguro, ponto de encontro entre amigos e o afeto pela comunidade. Por fim é possível concluir que existe entre os participantes um forte sentimento de pertencimento, o clube une os torcedores em torno de uma causa e reforça o orgulho de pertencer ao bairro, algo já observado em Bauler (2004), além de possuir características específicas, despertando interesse daqueles que se identificam tais especificidades, não ficando restrito a uma simples falta de acesso ao futebol profissional. Palavras chaves: Futebol de Várzea, Envolvimento, Pertencimento.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

4. Galoucura e Máfia Azul- A Trajetória das Principais Torcidas Organizadas de Belo Horizonte

Bernardo Ferreira Estillac Leal

Graduando em Comunicação Social – UFMG

becoleal@gmail.com

Livro-reportagem apresentado como TCC que realiza um esforço histórico de entender o contexto de fundação e crescimento das duas principais torcidas organizadas de Belo Horizonte, Galoucura e Máfia Azul, que tem suas atenções voltadas para os dois principais clubes da Capital Mineira, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube, respectivamente. O livro reúne informações de diversas fontes, incluindo estudos acadêmicos relacionados a torcidas de futebol, trabalhos publicados com a história de Torcidas Organizadas de outros estados, publicações culturais relacionadas ao contexto de crescimento de Galoucura e Máfia Azul e uma longa série de entrevistas com integrantes de diversos momentos da história das duas agremiações. O livro é dividido em seis grandes eixos, que, por sua vez, são divididos em capítulos menores. Os eixos são: O nascimento da Galoucura e Máfia Azul; Anos 1990: Dinâmica de crescimento das Torcidas Organizadas; Anos 1990: Mídia e repressão; Torcidas organizadas, política e poder; Cenário atual e novas torcidas; e Episódios marcantes na história de Galoucura e Máfia Azul. Ao longo dos eixos citados são abordadas a fundação de ambas as torcidas (Máfia Azul em 1977 e Galoucura em 1984); o contexto sociopolítico e os grupos urbanos do momento de crescimento das organizadas em BH; o crescimento além do estado; as estratégias de angariar mais adeptos; como a violência é tratada e faz parte das organizadas; a relação com o jornalismo e a mídia de forma geral; o relacionamento com as autoridades; o relacionamento com os clubes e seus dirigentes; o impacto da nova realidade do esporte e seus estádios nas Torcidas Organizadas; e momentos marcantes na história das torcidas. O livro é um documento que busca uma abordagem honesta, em fugir dos temas contraditórios e polêmicos, sobre esses grupos cuja relevância exacerba o campo esportivo e com cobertura midiática tão viciada e discriminatória.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

5. Um estudo sobre futebol e gênero: torcida organizada Maré Vermelha e sua atuação na cidade de Santa Maria

Eduardo Bortolotti Silveira
Graduando em História – UFN
eduardo_bortolotti27@hotmail.com

Palavras-chave: Torcida organizada; LGBT; Futebol, Gênero; Santa Maria.

INTRODUÇÃO

Este resumo visa apresentar os resultados parciais obtidos na elaboração do Trabalho Final de Graduação sobre a formação e atuação da “Torcida Organizada Maré Vermelha” na cidade de Santa Maria, RS. A Maré Vermelha foi uma torcida cujos membros eram gays da cidade que se reuniam para torcer para o Esporte Clube Internacional de Santa Maria, time de futebol profissional vinculado à Federação Gaúcha de Futebol. Esta torcida surgiu no final da década de 1970 e durou por aproximadamente 20 anos nas arquibancadas do Estádio Presidente Vargas, tornando-se um grande marco da cidade por se constituir em um espaço de convivência e lazer da população LGBT. A torcida se notabilizou por durar muito tempo em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul tendo nascido no período de Ditadura Civil-Militar. OBJETIVO. Este trabalho tem como objetivo principal compreender e analisar por que e como ocorreu o surgimento da Maré Vermelha naquele contexto de repressão às liberdades. REFERENCIAL TEÓRICO. Para compreender o processo de surgimento da Maré Vermelha é necessário buscar informações sobre o surgimento das torcidas organizadas no Brasil, além de compreender o que significa fazer parte destes grupamentos. Luiz Henrique de Toledo (1996), traz muitos esclarecimentos sobre estas questões em sua obra “Torcidas Organizadas de Futebol”. As fontes jornalísticas e fotografias são uma importante maneira de analisar o surgimento da torcida. Cardoso e Mauadt (1997) discutem o uso das fotografias no artigo “História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema”. Para os jornais, o trabalho do historiador Bernardo Borges Buarque de Hollanda com as lideranças de torcidas organizadas são um referencial importante para auxiliar esta análise. Os conceitos de Pierre Bourdieu (1999) sobre a dominação masculina e violência simbólica presentes nas relações



sociais serão utilizados para analisar as relações existentes dentro das arquibancadas do estádio de futebol que a Maré Vermelha frequentava.

METODOLOGIA

As fontes analisadas nesta pesquisa foram as matérias jornalísticas. O Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria possui amplo acervo de jornais da época em que a Maré Vermelha era atuante. O principal jornal era o “A Razão”, por ser um veículo local que dava cobertura aos fatos ocorridos na cidade. O objetivo das visitas ao arquivo é encontrar reportagens e fotos que tragam a Maré Vermelha no Estádio Presidente Vargas e em outros locais. Relatos orais serão realizados a posteriori por meio de entrevistas semie-estruturadas com os membros da torcida. Além dos membros, pretendo entrevistar torcedores que não eram componentes da torcida, mas frequentavam o estádio com assiduidade; dirigentes do Inter-SM e jornalistas dos veículos de comunicação da cidade. Estes dois tipos de fontes serão os principais norteadores desta pesquisa. A partir do momento em que tivermos ambos serão analisados e cruzados, a fim de que haja uma complexa análise sobre o surgimento e atuação da Maré Vermelha em Santa Maria.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O período analisado no arquivos jornalísticos foi de 1979, provável data de surgimento, até 1982, ano em que o Inter-SM estava em evidência no cenário nacional por participar da Taça de Ouro. Foram encontradas reportagens que citam a data de fundação da torcida, e outra muito detalhada que celebra os cinco anos da Maré Vermelha, apresentando nomes dos fundadores, local das reuniões e os ideais da torcida. As escolas de samba da cidade demonstram estar ligadas à torcida, pois na referida matéria é citado os nomes das escolas que auxiliam a Maré. Nas reportagens especiais do carnaval santa-mariense é possível localizar os nomes dos fundadores da torcida ligados às escola de samba, estabelecendo-se assim uma ligação entre as duas agremiações. Em reportagens que cobriam jogos fora de Santa Maria do Inter-SM, é possível notar a presença dos componentes da Maré em caravanas para fora da cidade, comprovando que a torcida estava muito ligada ao clube.



CONCLUSÕES

Conclui-se que a Maré Vermelha era uma torcida muito atuante nas arquibancadas de Santa Maria, participando dos jogos e se fazendo notar frente ao preconceito vigente, altamente repressivo devido a Ditadura Civil-Militar. Este trabalho será de muita importância para entender como um grupo de gays se uniu frente a tantas dificuldades, como a repressão e o preconceito. Os resultados ainda são parciais, pois muitas fontes ainda precisam ser descobertas, e pessoas devem ser entrevistadas. Mas pode-se concluir que a Maré Vermelha é um marco na história das torcidas do Brasil, pois foi a mais antiga e duradoura torcida gay de uma cidade do interior

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUADT, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: Uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980)**. *Brasiliana - Journal for Brazilian Studies*. Vol. 5, n.1, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.



RESUMOS DA SESSÃO: COMUNICAÇÃO DE GRADUANDOS

6. Inclusão e resistência: a homofobia no futebol brasileiro

Wendell Lima Eller de Souza
Graduando em História – UESC
wendelleller@hotmail.com

O trabalho consiste em analisar a trajetória histórica de atuação de torcidas anti-homofóbicas no futebol brasileiro e refletir sobre práticas de inclusão de minorias no espaço do futebol, conhecido por ser um ambiente machista e exclusivo de heterossexuais do gênero masculino.

A pesquisa tem como marco inicial a década de 1970, período final da ditadura militar no Brasil, quando surge a primeira torcida assumidamente gay do país. Essa torcida se identificava como COLIGAY, tendo como fundador Volmar Santos. Levando em consideração a época vivida, a COLIGAY demonstrou muita coragem para enfrentar um período marcado por repressão e intolerância, comparecendo aos jogos do Grêmio no sul do país. A organizada sofreu dificuldades em se firmar por conta da não aceitação por parte de outras torcidas organizadas e até mesmo por alguns torcedores não ligados a torcidas organizadas. Porém com tempo e a “sorte” em diversos jogos que eles frequentavam o time ganhava os jogos, o que trouxe uma simpatia para a torcida, que viveu a época mais vitoriosa do clube até então, tirando o Grêmio da fila de títulos estaduais e levando o clube a conquistar o campeonato continental e o mundial. Depois da fama, a torcida se desfez e houve tentativa de retorno nos dias atuais, mas sem sucesso. Além disso a torcida inspirou outras organizadas.

Outro foco do estudo seria a comparação com os dias atuais nos estádios e times de futebol em relação do período vivenciado pela torcida COLIGAY, visando compreender os desafios enfrentados na ditadura e nos dias atuais pelas minorias no espaço do futebol, que mesmo depois de anos de criação continua sendo um espaço majoritariamente dominado por homens. A ideia é pesquisar a trajetória histórica da COLIGAY e de outras torcidas que surgiram com os mesmos objetivos e identificar transformações nas práticas sociais e culturas políticas ao longo do tempo e as atuações de minorias tanto como profissionais da área (mídia, clubes de futebol, atletas), quanto como torcedores, afinal é um esporte de todos. Atualmente, é notável a atuação em competições amadoras compostas inteiramente por homossexuais e também a atuação de torcidas anti-homofóbicas nas redes sociais,

